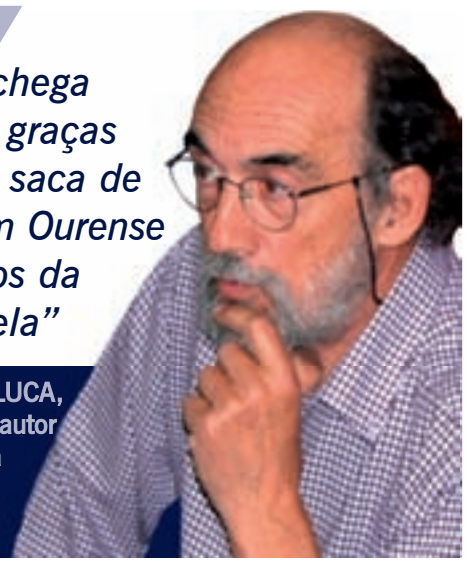
MOVIMENTO CONTRA DESPEJOS 6

Membros de 'Stop Despejos Compostela' explicam em entrevista o trabalho deste coletivo, que tenta evitar os desalojos provocados pola banca e normalizar socialmente a perceçom da 'okupaçom' de habitaçons vazias.

REFORMA LABORAL DO PP 4-5

A aprovaçom dumha reforma laboral à medida do empresariado por parte do governo estatal e a convocatória dumha greve geral por parte da CIG anunciam umha 'primavera quente' na defesa dos direitos laborais.

"Fraga chega à Junta graças a umha saca de votos em Ourense chegados da Venezuela"



GUSTAVO LUCA, jornalista e autor de biografia sobre Fraga
Pág. 15

NÚMERO 111 | 15 DE FEVEREIRO A 15 DE MARÇO DE 2012 | 1,20 €

NOVAS DA GALIZA

PERIÓDICO GALEGO DE INFORMAÇOM CRÍTICA

A SANTA BÁRBARA FORNECE O SIONISMO

Fabricam na Corunha armamento para Israel

Propriedade do conglomerado estado-unidense General Dynamics desde a privatizaçom da empresa armamentística Santa Bárbara Sistemas (SBS), a fábrica de armas da Corunha fai parte da engrenagem mundial da guerra. Entre os participantes da transnacional, quinta contratista de armamento a nível mundial, está a israelita Elbyt Systems, responsável pola construçom do 'Muro da Vergonha'. Na da Corunha e no resto de centrais que tem no Estado, a SBS fabrica armas como as vendidas em 2008 a Israel, meses antes da invasom de Gaza / PÁG. 19

FOTO DA CASA DE MANUEL GULÍAS
Publicada polo NOVAS em 2006

MAIOR REDE TABAQUEIRA DA EUROPA

Detido contrabandista denunciado polo NOVAS

Em 2006 o NOVAS DA GALIZA denunciava a rede do empresário originário de Silheda Manuel Gulías, que foi desmantelada em janeiro numha operaçom judicial que acabava com décadas de impunidade dumha rede que movia uns 30 milhons de euros anuais, com base na atuaçom cúmplice da cúpula do Serviço de Vigiláncia Aduaneira em território galego. Assim o recolhia umha reportagem no número 37 deste jornal, incorporada numha denúncia da Agência Tributária contra o NOVAS. / PÁG. 21

NÚÑEZ FEIJÓO E SANTIAGO REY (PRESIDENTE DO GRUPO VOZ)
Na entrega de umha medalha do Colégio Médico da Corunha

Junta reparte milhons a dedo para a imprensa

A Junta de Galiza repartiu entre a imprensa escrita empresarial case 18 milhons de euros, dos quais o grupo de *La Voz de Galicia* levou 40,5%. Sem ter em conta a publicidade, 10,8 milhons fôrom entregues a dedo durante a presente legislatura, com fórmulas que vam desde as subvençons e os convénios diretos aos concursos 'preparados' e publicitados na plataforma de contrataçom da Junta no mesmo dia em que se resolvem. Em todos os casos, sem nengum tipo de exigência para umha indústria que precisamente nestes últimos três anos destruiu grande quantidade de postos de trabalho. Tanto no Colégio de Jornalistas como no Sindicato de Jornalistas denunciam a arbitrariedade das ajudas. / PÁG. 16

'Generais' fam o entruido na Ulha

Proibida polo regime franquista, por insultar a hierarquia militar, a sociedade civil leva anos a recuperar a figura popular do entruido que este ano se consolida por toda a comarca / PÁG. 20

SUPLEMENTO CENTRAL **A REVISTA**

EPISÓDIOS DA TELEVISOM NACIONAL GALEGA

Momentos televisivos desconhecidos que fôrom emitidos em países lusófonos, dignos de figurar numha futura história da Galiza

O QUE FOI DO PARTIDO GALEGUISTA?

As siglas do PG ainda se resistem a desaparecer e talvez lhe fiquem fôlegos para sobreviver à enésima cissom do BNG

OPINIOM

BALTARISMO APÓS BALTAR? por Tiago Peres / 3

AS MULHERES QUE FOMOS E SOMOS por Charo Fernández Velho / 3

A VACA POLO QUE VALE por S. Mourigade / 28

O PELOURINHO DO NOVAS

Se tés algumha crítica a fazer, algum facto a denunciar, ou desejas transmitir-nos algumha inquietaçom ou mesmo algumha opiniom sobre qualquer artigo aparecido no NGZ, este é o teu lugar. As cartas enviadas deverám ser originais e nom poderám exceder as 30 linhas digitadas a computador. É imprescindível que os textos estejam assinados. Em caso contrário, Novas da Galiza reserva-se o direito de publicar estas colaboraçons, como também de resumi-las ou extratá-las quando se considerar oportuno. Também poderám ser descartadas aquelas cartas que ostentarem algum género de desrespeito pessoal ou promoverem condutas antisociais intoleráveis. Endereço: pelourinho@novasgz.com

PROBLEMAS DE TRÁNSITO NA CIDADE DA CORUNHA

A ampliaçom, muitas vezes defendida, da ponte da Passagem da Corunha nom seria soluçom real ao problema da mobilidade nesta cidade. É improvisaçom e nom condi com as mensagens de austeridade lançadas polo poder económico e político.

Nós defendemos priorizar o transporte coletivo (e público e gratuito) face à ditadura da viatura particular: mais vias para a circulaçom a pé ou de bicicleta (ou mesmo de patins) e também o reforço de alternativas ao transporte por estrada, tais como o marítimo ou ferroviário. Disto todo ainda nom ouvimos falar nengum dos presidentes das cámaras municipais da nossa comarca. Parece que todas e todos temos na boca o atual contexto de crise, mas os esquemas continuam a ser os mesmos, o que para já retrata de umha maneira nada surpreendente os flamantes novos presidentes das cámaras de Cambre e da Corunha (Partido Popular), mas também desmascara a esquerda institucional, neste caso representada na figura do presidente da cámara de Oleiros.

Nós defendemos um transporte verdadeiramente metropolitano (quer dizer, público e mancomunado) que atinja todos os pontos da área metropolitana e que chegue sem necessidade de transbordamentos ao centro da cidade da Corunha e aos parques industriais da Comarca. Esta medida tem de vir conseqüentemente acompanhada pola implantaçom de umha rede comarcal de faixas para autocarros. Também advogamos polo enlace via marítima da Corunha com Santa Cruz, Santa Cristina, Mera e Sada, além de com Ferrol, e pola revalorizaçom da via de comboio que une a Corunha com Monforte, já que é estratégica para a comunicaçom da cidade com o cámpus universitário, com núcleos de populaçom tam importantes como o Burgo e com localidades próximas como Ferrol ou Betanços. Em definitivo, de Nós - Unidade Popular apostamos em medidas encaminhadas à poupança energética, à otimizaçom dos recursos e à minimizaçom das agressons ao meio. A ecologia ambiental e social, como investimento de futuro, é umha política na qual nom deixaremos de insistir.

Aida Vasques Varela,
Responsável Comarcal de Nós-Unidade Popular na Corunha

AS RATAS DA FÁBRICA DE LÁPIS DE FERROL

Leio estes dias na imprensa opinions a favor do derrube da fábrica de lápis de Ferrol. Argumentam que é um edifício carente de valor e que há muitas ratas. Nom opinam o mesmo as autoridades especializadas em património industrial, que confirmam a necessidade de manter polo menos os seus sinais identitários: fachada, chaminé... Conservar estas peças nom colide com o aproveitamento económico que legitimamente reclamam os atuais proprietários do imóvel. Polo contrário, já que as habitaçons incrementariam o seu valor se fossem situadas dentro deste bem único do passado industrial ferrolano. Cabe recordar que em nome das ratas foi derrubado a dada altura o bairro de Esteiro. Também se vendeu o navio-escola Galatea. No nome das ratas ainda se pretendeu tirar a cidade histórica de Santiago e as muralhas de Lugo. Nom podemos deixar temas tam importantes como a conservaçom do nosso passado nas maos dos políticos . É verdade que o mundo do Johann Sindel está ameaçado polas ratas. Mas nom polas do prédio -que nom há- senom polas que se movimentam dentro das nossas instituiçons.

Francisco Maceira (Ferrol)

HUMOR SUSO SANMARTIN

POLA PROTEÇOM DAS PESQUEIRAS DO RIO MINHO

Em 14 de janeiro, o Plenário da Corporaçom de Arvo aprovou por unanimidade solicitar à Conselharia da Cultura que incoe o expediente para a declaraçom das Pesqueiras do Minho como Bem de Interesse Cultural (BIC).

A importáncia de que sejam declaradas BIC, entre outros muitos aspetos, reside em que este estatuto lhes conferiria o máximo nível de proteçom legal.

Para isto, iniciará-se umha campanha entre o tecido social, cultural e económico de Arvo, de Crescente e das Neves. Também serám pedidos mais relatórios e apoios das universidades galegas e de investigadores qualificados tanto no ámbito galego como português.

Concelho de Arvo

EDITORIAL

Dez anos de jornalismo popular

Este mês cumprem-se dez anos desde a publicaçom do primeiro número do Novas da Galiza. Um jornal que se apresentava perante a sociedade como projeto "ao serviço da liberdade de expressom, para defender o direito da cidadania à informaçom plural e honesta". O que para muitos e muitas nascia como umha nova aventura, alimentada por ilusons e saiva nova, acabou por ser umha referência para os setores que reclamam informaçom crítica à margem das mordaças dos poderes instituídos.

A década de vida que atingimos serviu para a consolidaçom desta modesta ferramenta de comunicaçom que acompanhou desde a sua gestaçom o desenvolvimento de um movimento popular que continua a amadurecer e a tecer redes autónomas com bases novas e firmes. Com defeitos e virtudes, com erros e acertos, o Novas e o país que se organiza e luita avançam no desenho do projeto de reconstruçom nacional.

Este jornal é o resultado dos contributos voluntários e o trabalho militante de centenas de pessoas que pugérom o seu grao de areia sem procurar nem obter nengum tipo de remuneraçom económica. É o produto da nossa determinaçom e vontade de articular um modelo de jornalismo diametralmente oposto à esmagadora massificaçom informativa ao serviço da hegemonia económica e política.

A progressom continuada do nosso jornal nom pode entender-se sem a relevância qualitativa dos setores sociais que vírom necessário fortalecer um referente de comunicaçom que quer ser honesto, sério, crítico, profissional e solvente. Essa relevância qualitativa que permite o desenvolvimento de umha nova maneira de fazer política e de interagir com a sociedade que tem já oferecido resultados tangíveis e que, com especializaçom, constância e firmeza, conseguirá tornar realidade um movimento digno de tal nome ao serviço do povo que quer avançar na sua emancipaçom.

EDITORA
Minho Media S.L.

DIRETOR
Carlos Barros Gonçales

CONSELHO DE REDAÇOM
Carlos Calvo Varela, Iván García Riobó, Aarón López Rivas, Antia Rodríguez García, Xoán Rodríguez Sampedro, Olga Romasanta, Alonso Vidal, Paulo Vilasenin

SECÇONS
Cronologia: Iván Cuevas / **Economia:** Aarón López Rivas / **Agro:** Paulo Vilasenin e Jéssica Rei / **Mar:** Afonso Dieste / **Media:** Xoán R. Sampedro e Gustavo Luca / **A Terra Treme:** Daniel R. Cao / **Além Minho:** Eduardo S. Maragoto / **Povos:** José Antom Muros, Fernando Arrizado / **Dito e Feito:** Olga Romasanta / **A Denúncia:** Iván García / **Cultura:** Antia Rodríguez / **Desportos:** NGZ, Xermán Viluba e Ismael Saborido / **Sexualidade:** Beatriz Santos / **Consumir Menos, Viver Melhor:** Toni Lodeiro / **A Criança Natural**: Maria Álvares Rei / **Agenda:** Irene Cancelas / **A Foto:** Sole Rei / **Tempos Modernos - Em Tempos:** Carlos Calvo / **A Galiza Natural:** João Aveledo / **Gastronomia:** Luzia Rgues., Sino Seco / **Língua Nacional:** Valentim R. Fagim / **Criaçom:** Patricia Janeiro / **Cinema:** Francesco Traficante, Xurxo Chirro

DESENHO GRÁFICO E MAQUETAÇOM
Manuel Pintor, Helena Irímia, Hilda Carvalho

FOTOGRAFIA
Arquivo NGZ, Sole Rei, Galiza Independente (GZI-Foto), Natália Gonçalves, Zélia Garcia

ADMINISTRAÇOM
Sara Pérez Neira

LOGÍSTICA
Suso Diz, José Viana e Daniel R. Cao

AUDIOVISUAL: Galiza Contrainfo

IMAGEM CORPORATIVA: Miguel García

HUMOR GRÁFICO
Suso Sanmartin, Pestinho, Xosé Lois Hermo, Franxo Padín, Ruth Caramés, Pepe Carreiro

CORREÇOM LINGÜÍSTICA
Eduardo S. Maragoto, Fernando V. Corredoira, Vanessa Vila Verde, Mário Herrero (A Revista)

COLABORAM NESTE NÚMERO
Charo F. Velho, Tiago Peres, Xoán R. Doldán, Vítor B., Brais Fidalgo, Maria Álvares, W. Burns, Gonzalo Vilas, Alberte Lousada, Óscar Valadares, S. Rosa, Zélia Garcia, Iria Jato, José Viana, Xan Duro, Luis Gles. 'Foz', Sabela Mourigade

FECHO DE EDIÇOM: 14/02/2012

D. LEGAL: C-1250-02 / As opinions expressas nos artigos nom representam necessariamente a posiçom do periódico. Os artigos som de livre reproduçom respeitando a ortografia e citando procedência.

OPINIOM

As mulheres que fomos e somos

Charo Fernández Velho

Olhamos as velhas fotografias das mulheres da nossa vida e vemo-nos agora refletidas nos seus rostos de trabalhadoras, padeiras, costureiras, labregas, jornaleiras, taberneiras, mariscadoras, operárias das fábricas... trabalhadoras incansáveis, que permitírom ser retratadas atrás da banca na feira, com o uniforme da fábrica, com a máquina de coser, com a bata cruzada e o sacho na mao ou com os animais da casa.

Entom trazemos para a nossa memória as suas vivências e nom podemos evitar fazer um paralelismo com a vida das mulheres de hoje, a nossa, num momento convulso, instável e difícil como o que estamos a passar, no qual nós as mulheres padecemos ainda mais o desemprego, a precariedade laboral, a desigualdade social, os problemas de habitaçom e a discriminaçom por género, do mesmo modo que todas estas injustiças fôrom padecidas polas nossas avós. Vemos como regressamos a umha realidade que achávamos pertencente a outros tempos, a experiências vitais semelhantes às que tivérom as nossas avós.

Como elas, padecemos as duplas jornadas, a impossibilidade de conciliar e o trabalho precário assente em reformas laborais 'à última', disfarçado de flexibilidade. Todo, elas e nós, para podermos atender a nossa própria sobrevivência e a das nossas crianças. Assim, antes como agora, temos de ir às fábricas de ponto ou de feltro -o chamado hoje setor do têxtil- em condiçons mui duras; ou ir ao jornal, como faziam elas, para trazer cada dia o justo para comer, ou nós, no setor da hotelaria, com horários intermináveis.

Nos dias de hoje, reduzida a escassa co-responsabilidade das instituiçons públicas nos cuidados das pessoas mais velhas e das crianças em idades nom escolares, teremos que ser nós novamente a cuidar e educar, deixando passar as oportunidades profissionais para a nossa autonomia pessoal. Diminuídas as economias familiares, seremos nós a fazer as contas e a nos opormos aos despejos das nossas casas quando nom pudermos fazer frente aos pagamentos; e como elas, recuperaremos a solidariedade, o apoio familiar, o troco que praticárom as que estivérom antes que nós.

Como elas, somos maes solteiras, agora famílias monoparentais igualmente desprotegidas, emigrantes à procura de umha vida digna, e possuidoras de um corpo sobre o qual querem mandar as estruturas patriarcais através da igreja e dos governos. A partir de agora, como antes, querem que sejamos delinqüentes -se abortamos-, menores de idade para decidirmos sobre os nossos corpos, talvez inevitavelmente empurradas a fazer loucuras e arriscar a nossa saúde se nom tivermos dinheiro para apanhar um aviom. Recuamos vinte e cinco anos em direitos sexuais e reprodutivos e observamos como é retirada da saúde pública a esperança de poder exercer um direito adquirido para as mulheres.

> Recuperemos as velhas palavras de ordem e bandeiras, sejamos nós, as netas, a percorrermos as ruas para reclamar o mesmo que as nossas avós. Nom vam poder com os nossos berros, nom vam silenciar as nossas vozes

Obrigárom as nossas avós a sair das escolas demasiado cedo, a receber umha educaçom em valores absolutamente patriarcal, a pedir autorizaçom para todo, a depender. Agora impom-se umha escola fechada à reflexom e ao pensamento alternativo, fechada à cidadania, para que pidamos sempre licença, para que dependamos; umha escola que nos invisibilize como mulheres, antes como agora.

E continuaremos a padecer a violência de género enquanto nom se abordar a sério umha mudança de mentalidades que passa pola escola coeducativa, uns meios responsáveis e uns governos que articulem medidas estruturais, que procurem desmontar a discriminaçom das mulheres e a desigualdade; no entanto, enchem as bocas com planos personalizados que disfarçam o encerramento dos poucos recursos que ficavam para o atendimento das mulheres. Parece que falar de 'lacra' social e levar o doloroso cômputo das mulheres assassinadas cada ano, com os seus respetivos minutos de silêncio, é todo o que sabem -ou querem- fazer os que chamam violência doméstica ou familiar ao que é violência de género enraizada numha estrutura social patriarcal. De novo, voltamos às nossas avós, que sofrêrom totalmente desprotegidas a violência como um assunto privado, da casa, doméstico, desamparadas polas instituiçons e incompreendidas pola cegueira da sociedade.

Recuperemos as velhas palavras de ordem e bandeiras; 'aborto livre e gratuito', 'a igual trabalho igual salário'... sejamos nós, as netas, a percorrermos as ruas para reclamar o mesmo que as nossas avós. Nom vam poder com os nossos berros este 8 de março, Dia Internacional das Mulheres, nom vam silenciar as nossas vozes.

Charo Fernández Velho
é militante nacionalista

Baltarismo depois de Baltar?

Tiago Peres

Quando Victorino Núñez, o que fora presidente da Deputação de Ourense, foi suspendido de militância em *Coalición Galega*, o alcalde de Maceda (oficialmente *Manzaneda*) qualificou a decisão como "uma monstruosidade, porque se alguém há na província que tenha poder real, esse é Victorino". De facto, 36 dos 72 alcaldes *coagas* foram-se com ele. Era uma nova mostra da maneira de entender a política que sempre tiveram os conservadores ourensanos. O que importava não era tanto a ideologia como o 'quem che dá de comer'. Em 1990, produto dos acordos entre *Centristas de Galicia* e o *Partido Popular*, Victorino ocuparia a Presidência do Parlamento Galego. No seu lugar, Xosé Luis Baltar, que já era deputado provincial, atraiçoou o seu mentor, acumulando o poder absoluto em toda a província. Não faltavam habilidades pessoais a este antigo mestre de escola que sempre gostou de se chamar o "cacique bom".

Mas como ninguém nasce aprendido, Baltar sempre reconheceu a influência que nele tivera Eulógio Gómez Franqueira, "o homem do campo". Se Franqueira foi capaz de articular uma requintada estrutura clientelar com a ajuda inestimável do sindicalismo franquista, Baltar herdou um estilo de fazer política baseado no profundo conhecimento da mentalidade da Galiza rural, num populismo tingido de galeguismo folclorista, e numa capacidade inata de estar colado ao terreno, sendo um dos maiores conhecedores de toda a província. Niguém como ele para acudir a enterros ou organizar jantares. Ninguém como ele para distribuir subvenções ou comprar lealdades.

Se as UTECO-COREN, a Caixa Rural ou o Sindicalismo Agrário foram as ferramentas de Franqueira para o seu sucesso eleitoral, Baltar, no entanto, utilizou a Deputação de Ourense, convertendo-a, com mais de 1.000 trabalhadores, na terceira empresa de província. Durante este tempo, 22 anos de maiorias ininterrompidas, contratou mais de 400 pessoas, entre familiares, concelheiros e alcaldes do *Partido Popular*, deu novo significado à palavra transfugismo e adjudicou 'a dedo' numerosos contratos. Porque como ele mesmo cantava acompanhado do seu famoso trombom:"*Si no eres del PP, jodeté*".

> José Manuel Baltar não herda o estilo do pai. Muitos do PP já têm anunciado a sua retirada da atividade pública. A vitória do setor de Feijóo na província tão-só é uma questão de tempo

Ainda tivo tempo em 2004 de protagonizar a famosa rebelião do setor da 'boina' por parte de sete deputados do Parlamento Autonómico. Foi o momento no qual o setor liderado por ele e Xosé Cuiña ameaçou com montar um outro partido. Mas afinal o poder une muito.

Agora, todo este legado acumulado com tanto esforço tem sucessor, e não é outro que o seu próprio filho, José Manuel Baltar. Numa província acostumada, aliás, a que os cargos institucionais passem de pais a filhos.

No passado dia 27 de janeiro, com 71 anos cumpridos, alguns problemas de saúde e investigado pola Fiscalia, Baltar anunciava a sua despedida, numa foto de família com todos os seus 'enchufados'. A sucessão não tivo oposição. O segredo, vários empregos públicos para familiares de cargos do partido. Entre eles, o filho de Plácido Álvarez, alcalde de Moinhos e porta-voz na Deputação.

Manuel Baltar herdava assim uma instituição que dedica mais de metade do seu orçamento a pagar o ordenado dos seus trabalhadores. Herda também 33 porteiros para três portas, e o funcionário encarregado de responder às perguntas dos opositores da 'família' popular.

Porém, e ao seu pesar, não herda o estilo populista e campechano do pai. Os alcaldes do Partido Popular, fiéis a Baltar, prometeram a mesma fidelidade ao seu filho. Mas a realidade é outra, e muitos, cansados, já têm anunciado a sua retirada da atividade pública. Parece que a vitória do setor liderado por Feijóo na província tão-só é uma questão de tempo.

Tiago Peres é historiador e estudoso da direita galeguista

ACONTECE

TRAMITAM MINA EM PARQUE NATURAL DA LASTRA

A Junta tramita a autorizaçom de umha mina no parque natural da Azinheira da Lastra, um projeto que tinha desautorizado no ano 1998. A empresa Cantera Peña Argel SL aproveita um vazio legal no Plano Diretor da Rede Natura 2000.

CRESCEM OS APOIOS À BANCA ÉTICA DE FIARE

Os sócios e as sócias galegas deste projeto de banca ética chegam já a 150. O dinheiro aforrado alcança 30 milhons de euros, com os quais se estám a outorgar créditos a projetos sociais do terceiro setor e de economia social.

Reforma laboral dá mais poder ao empresariado e favorece despedimentos e reduçons salariais

PARTIDO POPULAR COMEÇA A MOSTRAR O SEU VERDADEIRO ROSTO E SATISFAI AS REIVINDICAÇONS DO PATRONATO

NGZ / O Governo espanhol do PP só demorou 50 dias a aprovar umha reforma laboral que obedece às demandas das organizaçons empresariais e muda radicalmente o terreno das negociaçons coletivas. O decreto-lei que o próprio ministro da Economia Luis de Guindos qualificou como agressivo generaliza a modalidade de despedimentos com indemnizaçons de 20 dias por ano trabalhado, incrementa notavelmente os poderes dos empresários sobre o pessoal laboral e favorece a reduçom dos salários.

Conforme o texto legislativo, "por razons económicas, técnicas, organizativas ou de produçom" os patrons poderám mudar os horários e a distribuçom da jornada, cortar nos salários que estiverem por cima dos mínimos marcados polos convénios e mesmo mudar a localizaçom da empresa. A negativa de um trabalhador a aceitar qualquer umha destas eventuais mudanças implica agora a possibilidade de ser despedido com a indemnizaçom dos 20 dias, a mesma quantia que perceberia se perdesse o seu trabalho a conseqüência de um Expediente de Regulaçom de Emprego (ERE).

A tramitaçom dos ERE é umha das principais mudanças que entram em vigor, já que as empresas poderám agora aprovar um expediente deste tipo sem necessidade da autorizaçom administrativa que antes correspondia à Junta. Para favorecer ainda mais a sua elaboraçom, nem sequer será necessário que os empresários cheguem a acordo com as centrais sindicais, o que implica umha importante perda na capacidade das organizaçons de trabalhadores para a defesa deste coletivo.

Os despedimentos improcedentes –que com a nova lei se reduzirám drasticamente ao se justificarem despedimentos por "razons de competitividade"– passam a ter umha indemnizaçom por ano trabalhado de 33 dias, frente aos 45 dias que se contabilizavam até o momento.

Quanto aos convénios coletivos, se nom houver acordo entre os empresários e os sindicatos para as suas atualizaçons, perderám a sua vigência em dous anos, após os quais o regime laboral passa a interpretar-se a partir de convénios setoriais ou bem da própria lei recém aprovada.

LUIS DE GUINDOS
é ministro de Economia

Empresariado insta a privatizar e a deter as respostas sindicais

NGZ / A Confederaçom de Empresários da Galiza (CEG) tornou público um relatório de "propostas contra a crise" no dia 8 de fevereiro em que reclama do Governo autonómico a implantaçom do copagamento de serviços públicos como a saúde e o ensino. Julgam a medida necessária para reduzir impostos, o que se compensaria com a penetraçom do setor privado na prestaçom dos serviços mais básicos que implicam para eles "um custo desproporcionado para as contas públicas".

Quanto às políticas laborais, reclamam umha congelaçom dos salários até o ano 2015 e a violaçom dos acordos assinados em convénios coletivos, assim como umha revisom do direito à greve encaminhada a dificultar tanto a sua convocatória como o seu desenvolvimento.

Se a CEG está controlada polo empresariado articulado em torno da Corunha, o Círculo de Empresários da Galiza –nova denominaçom do Clube Financeiro de Vigo, que representa o patronato do sul– defende a "privatizaçom, integraçom ou liquidaçom" de entidades públicas como as Deputaçons ou organismos dependentes da Junta, assim como que o "ensino universitário nom deva ser gratuito", algo que de facto já se verifica na realidade: cada ano que passa incrementam-se os custos para a matriculaçom na educaçom superior. Em relaçom ao sistema de direitos, coincidem com a CEOE ao solicitar um "contrato único" com indemnizaçons nom superiores aos 20 dias por ano trabalhado, sugestom que foi adoptada polo PP na reforma laboral.

CRONOLOGIA

10.01.2012 / Alcoa propom aos trabalhadores da Corunha um ERE conjunto com a central da mesma empresa em Avilês.

11.01.2012 / Um delegado da CIG e outro da UGT encerram-se na Torre de Hércules para exigir que seja esclarecido o futuro dos empregados do farol romano.

12.01.2012 / Valentín García Gómez é nomeado novo Secretário Geral de Política Lingüística.

13.01.2012 / Tribunal de Compostela imputa o reitor da USC, Juan Casares Long, polos delitos de prevaricaçom e malversaçom de fundos públicos.

14.01.2012 / Acham petróglifos na zona do Irijo onde prevém construir a incineradora.

15.01.2012 / Morre Manuel Fraga Iribarne.

16.01.2012 / Independentistas interrompem conferência da Fundaçom Francisco Franco no Clube Faro de Vigo.

17.01.2012 / 'Indignados' compostelanos conseguem paralisar o leilám de um apartamento despejado por irregularidades.

19.01.2012 / Mais de 500 pessoas marcham entre Moanha e Cangas reclamando soluçons para o setor naval no sul.

22.01.2012 / Mariscadores do Burgo cortam o tránsito na ponte da Passagem para exigir um plano de regeneraçom que complemente os salários.

23.01.2012 / Segundo um estudo da Adecco, mais de 60.000 trabalhadores abandonárom a Galiza desde o começo da crise.

24.01.2012 / José Luis Baltar, presidente da Deputaçom de Ourense, anuncia a sua demissom.

25.01.2012 / Trabalhadores da limpeza da USC concentram-se diante da Reitoria em protesto polos cortes.

26.01.2012 / Umhas 5.000 pessoas manifestam-se em Vigo para reclamar umha soluçom à crise do naval galego.

27.01.2012 / Polícia judiciária inspeciona concelharia de Obras de Ferrol por presumíveis adjudicaçons irregulares.

28.01.2012 / Partido Popular de Ourense escolhe José Manuel

AMEAÇAS DE MORTE POR DEFENDER PESCA SUSTENTÁVEL

O patrom Maior de Cangas, Evaristo Fernández, foi ameaçado de morte através de cartazes depois de ter defendido a retirada de nassas para evitar o "esgotamento, nom só do polvo, mas também dos camarons e as navalheiras". Nos cartazes denunciados pode ler-se: "Vamos pôr lume à tua casa contigo dentro".

FUNDAÇOM DE CORINA PORRO USURPA FUNDOS DAS ONG

A Fundaçom Porto de Vigo recebeu 115.960 euros que deviam ser destinados a um concerto benéfico cujos lucros iam servir para financiar duas ONG. O dinheiro ficou nos cofres da fundaçom, enquanto para as entidades benéficas apenas fôrom destinados 4.500 euros, dos quais ainda nom foi depositada a terceira parte.

A CIG recupera o confronto ao convocar umha greve geral

ESTÁ ANUNCIADA PARA A ÚLTIMA SEMANA DO MÊS DE MARÇO

NGZ / A Confederaçom Intersindical Galega (CIG) anunciou a convocatória de umha nova greve geral para a última semana do mês de março com o objetivo de contestar as reformas laborais do Executivo espanhol de Mariano Rajoy. A decisom foi adotada por umha conferência sindical desenvolvida em Compostela no dia 7 de fevereiro, na qual mais de trezentos e cinqüenta dirigentes da central aprovárom praticamente por aclamaçom lançar umha convocatória para a qual aguardam somar novos apoios, se bem que duvidem de que as grandes centrais espanholas vaiam secundar o chamamento do sindicalismo nacionalista.

O secretário geral da CIG, Suso Seixo, apelou à necessidade da mobilizaçom social como "única maneira de mostrar rejeiçom às políticas da UE e o Estado", políticas que qualificou como injustas por carregar as conseqüências da crise sobre a maioria social e erradas porque "nom estám a servir para recuperar a economia e os níveis de emprego"; polo contrário, o dirigente sindical julga que favorecem "o crescimento da precariedade, as desigualdades e a pobreza".

Na CIG assinalam que pretendem chegar a um consenso quanto à data definitiva com as organizaçons sindicais que decidam aderir à mobilizaçom, previsivelmente a CUT e as centrais anarquistas, e que contactarám com sindicatos de outras naçons do Estado para incentivá-las a secundar a greve geral com o objetivo de incrementar a sua incidência.

Perseguem enfrentar os orçamentos que o PP prepara com "importantes cortes no gasto público", os pactos atingidos entre o sindicalismo espanhol e o patronato, assim como a reforma laboral espanhola que acaba de ser aprovada.

Novagalicia nas maos da banca espanhola

NGZ / A nova reforma financeira aprovada polo Governo espanhol coloca sérias dificuldades à sobrevivência de Novagalicia Banco (NGB) de forma independente. Segundo o novo decreto, NGB tem que adquirir 1.800 milhons de euros se nom quiger ver como o Estado tenta vender as suas açons a outras entidades, o que poderia acabar com a absorçom do NGB por umha das grandes entidades da banca espanhola. No caso do NGB, o Estado tem, através do FROB, mais de 70% das suas açons.

O digital *Galicia Confidencial* informa que, segundo a imprensa especializada, Caixabanké o favorito para adquirir o banco produto da fusom das caixas de aforro galegas. Também o Santander e o BBVA aparecem com opçons, mas todo dependerá do ritmo em que estas vaiam absorvendo as açons das quais o FROB se vaia desprendendo nas entidades participadas em todo o Estado se estas nom cumprirem o exigido pola nova reforma.

Por parte da Junta nom realizárom declaraçons, se bem que outrora tivesse sido o grande valedor da fusom de Caixanova e CaixaGalicia. O BNG denunciou, no entanto, que a nova reforma é "é um golpe de graça ao sistema financeiro galego".

Nova Lei prevê aumentar direitos dos caçadores

NGZ / O esboço da Lei de caça que deixou elaborado o já nom conselheiro do Meio Rural, Samuel Juárez (agora delegado do Governo na Galiza), propom um aumento de cessom dos direitos cinegéticos de um período de 5 a 15 anos para um novo de 10 a 25 anos, que ademais se prorrogará com caráter indefinido e de forma automática se nom houver interposta antes umha denúncia.

Neste rascunho pede-se que as Sociedades de Caçadores apresentem um Plano de Aproveitamento Cinegético que deve ser aprovado pola conselharia correspondente. Este plano nom terá que pôr-se em conhecimento nem contar com a aprovaçom dos proprietários das terras e tampouco será exigido que respeite os planos de ordenaçom ou de gestom dos montes.

O proprietário ou comunidade proprietária de um terreno será também dona dos direitos cinegéticos desse terreno. Com esta lei, o proprietário deve procurar denunciar expressamente a renúncia à cessom desses direitos cinegéticos para os poder conservar.

Esta lei também introduz umha definiçom de caçador e soma-lhe um valor social acrescentado: o papel do caçador como soluçom de um problema e como interventor no equilíbrio ecológico.

CRONOLOGIA

Baltar Blanco como único candidato a suceder o pai na presidência da Deputaçom.

29.01.2012 / Perto de 7.000 pessoas manifestam-se contra a incineradora do Irijo no concelho vizinho do Carvalhinho.

30.01.2012 / Novagalicia Banco propom eliminar até 700 postos de trabalho e fechar 110 sucursais. Oito dias depois elevará a proposta até 750 despedimentos e 120 escritórios.

31.01.2012 / Polícia Municipal de Ferrol atira gás pimenta contra os trabalhadores dos estaleiros que tentavam entrar nos Paços do Concelho ao finalizar a manifestaçom que reclamava carga de trabalho para Navantia.

01.02.2012 / Umhas vinte pessoas concentram-se perante os tribunais de Betanços para visibilizar a luita dos presos contra os maus tratos e as torturas nas cadeias espanholas.

03.02.2012 / Milhares de pessoas manifestam-se na Corunha contra o ERE apresentado por Alcoa Inespal e contra a deslocalizaçom da produçom da fábrica dessa cidade.

04.02.2012 / Ecologistas convocados por Equanimal sabotam caçada à raposa realizada nos montes de Róis, Lousame, Briom, Padrom, Ames e Noia.

05.02.2012 / Mais de 250 pessoas participam no roteiro convocado pola Plataforma em Defesa dos Montes do Morraço para mostrar a rejeiçom ao projeto de Pedras Negras.

06.02.2012 / Morre um operário de 43 anos quando descarregava vigas de betom armado no polígono industrial de Sete Pias, em Cambados.

07.02.2012 / Umha centena de trabalhadores de Navantia Ferrol e Fene começam marcha até a Corunha para exigir a construçom do dique flotante e a contrataçom de umha fragata comprometida polo governo espanhol.

08.02.2012 / Audiência de Ponte Vedra anula a absolviçom do ex-alcalde do Porrinho, José Manuel Barros, no julgamento por assédio sexual.

09.02.2012 / Mais de 3.000 trabalhadores manifestam-se em Compostela em defesa das condiçons laborais na Administraçom pública.

VATICANO RECONHECE 4.000 CASOS DE PEDERASTIA

A Igreja Católica reconheceu a existência de uns 4.000 casos de abusos sexuais a menores por parte de sacerdotes nos últimos 10 anos, conforme assinalou o cardeal William Levada, prefeito da Congregaçom para a Doutrina da Fé. Aceita que a resposta da Igreja foi "inadequada" mas denuncia "duros ataques" mediáticos.

INICIATIVA LEGISLATIVA POPULAR EM DEFESA DA SAÚDE PÚBLICA

A Plataforma SOS Saúde Pública acabou de apresentar umha proposiçom de Lei que defende a gestom pública direta dos centros sanitários e a necessidade de incrementar a capacidade resolutiva da atençom primária. Nos próximos meses, os integrantes da Plataforma desenvolverám atividades de informaçom e mobilizaçom.

PEDRO F.M. E ROI R. SOM ATIVISTAS DA PLATAFORMA 'STOP DESPEJOS COMPOSTELA'

"Instalamo-nos numha nova tensom entre o caso individual e a política"

C.C.V. / **Stop Despejos Compostela nasceu de um grupo de pessoas da entom comissom legislativa da acampada do Obradoiro, contra o mês de maio, mas constituído mais formalmente em finais de 2011 . O Novas da Galiza combinou com Pedro F.M. e Roi R., dous dos seus ativistas, umha manhá à porta de umha sucursal bancária do centro da capital. Ali estavam, com um grupo de rapazes, assessorando e animando umha mulher ameaçada de despejo. Isto foi o que nos contárom.**

Qual é atualmente o contexto social e legal dos despejos?
R. Encontramo-nos sobretodo com que estám a leiloar casas sem o comunicarem em tempo e forma. No caso da vizinha de Vite dá nas vistas: se a lei dita que o leilám da vivenda deve ser comunicado por carta certificada e com vinte dias de antecedência, neste caso foi só com três e metendolhe a comunicaçom judicial por debaixo da porta. Parou-se o leilám, isto é, a venda pública, ao descobrir-se o defeito de forma.

Conforme os relatórios semestrais, na Galiza atualmente produzem-se entre cinco e sete despejos por dia. Stop Despejos está a atender vários casos nestes momentos. Em Compostela, que é a nossa área, estamos com dous casos.

Qual é a efetividade das medidas de pressom que tomades?
P. É mui grande e efetiva. Os banqueiros passam de atitudes de prepotência e abuso com as pessoas afetadas a atitudes mais amáveis e tentando procurar alternativas. Pola nossa experiência, tenhem muito peso as entidades bancárias locais. E aí afeta-os muito o dano produzido à identidade corporativa dos bancos, à imagem. Assim é que agora nascem bancos que se chamam banca 'cívica', banca 'ética'...

Ganhamos batalhas que socialmente som consideradas vitórias, mas que para nós som vitórias 'pírricas', já que em muitos casos o que se consegue é apenas a daçom em pagamento, com o qual as pessoas ficam sem a dívida (algo positivo, claro) mas também sem a casa. A nível repressivo, agora, parar um despejo ou obstaculizá-lo, já nom é umha falta, é um delito, e vai pola justiça penal. Está-se a penalizar a solidariedade! E há que ter em conta o próprio código moral da nossa cultura... Estamos educados no compromisso com o sistema, e a primeira opçom das pessoas afetadas é sempre pagar.

Como vos organizades?
P. De forma assemblear. Nós nom somos umha assessoria jurídica, somos grupos de apoio. A própria forma dos despejos, a sua urgência, configura o nosso modo de nos organizarmos. A gente acode a nós quando nom lhes fica outra alternativa, como último recurso. Em certa medida somos a prolongaçom da pessoa em situaçom de desamparo, fazemos com que nom esteja só e damos apoio social, é umha questom reivindicativa. Amplificamos o protesto do círculo imediato à sociedade. Nom só procuramos arranjar problemas pessoais: luitamos por um direito fundamental, o direito à habitaçom. Instalamo-nos numha nova tensom entre o caso individual e a política.

Qual é, entom, a vossa relaçom com a política convencional?
R. A política convencional situa estes conflitos no terreno do 'pessoal', e para eles o problema é meramente legislativo. Nós fazemos 'propaganda polo facto', se se quiger esta terminologia: luitamos por resolver problemas pessoais, mas como um modo de amplificar a reivindicaçom do direito à habitaçom. Por outro lado, apresentamos moçons municipais para que, por parte dos concelhos seja exigida ao Estado a daçom em pagamento retroativa, umha moratória nos despejos e a utilizaçom dos parques de casas vazias para oferecer habitaçons em aluguer social; mas também que criem comissons de seguimento (mistas, com afetados, representantes vicinais, etc.) das pessoas que sofram um despejo, e dar-lhes assessoramento legal, alternativas habitacionais, etc. Aprovou-se em concelhos como a Corunha, Cambre, Moanha, Oleiros, Mondonhedo...

GZCONTRAINFO GALIZACONTRAINFO

> "A gente acode a nós quando nom lhes fica outra alternativa"

P. Noutros como Ames foi rejeitado. Curiosamente, o PP apoiava as moçons antes do 20-N, e agora vota contra. O PSOE, antes do 20-N era contra, agora a favor (risos).

O ámbito do político no Estado de direito liberal negoceia num quadro legal feito à imagem de um tipo de pessoa mui concreto: que tem rendimentos, trabalho, propriedades... E quem estiver fora desse perfil padece umha desigualdade tremenda. Nós queremos que as luitas dessas pessoas seja considerada política também.

Tendes constáncia de outras experiências semelhantes, como a okupaçom, por exemplo?
R. Na Catalunha já antes do 15-M se organizárom afetados polas hipotecas. Aqui em Compostela, por exemplo, no início ninguém de Stop Despejos era afetado. Também defendemos afetados em casos de alugueres, pois é um problema político-social. Na Catalunha também há o que chamam "Obra Social dos Afetados pola Hipoteca", que tenta pôr à disposiçom da gente que padece despejos o grande stock de casas vazias que há.

P. Estamos a repolitizar práticas que nom fôrom tam estranhas no passado. No Paris do começo do século XX as okupaçons eram comuns, e quando chegava o momento de pagar, os vizinhos do bloco inteiro abandonavam o edifício. É necessário espalhar a perceçom social de que se pode okupar para viver, politizando essa prática que já existe agora, mas apenas como método individual.

Qual é o perfil da gente afetada?
R. A questom de género é mui importante: muitas das pessoas afetadas por umha ordem de despejo som mulheres. E mulheres em especial situaçom de indefensom, imigrantes, e, porquê nom dizê-lo, divorciadas.

P. Som o perfil oposto do que dizíamos que tem a lei como modelo.

E no outro lado, quem está a lucrar com isto?
R. Nos leiláns ou hastas públicas os bancos estám a ficar com as propriedades por 50 ou 60% do seu valor de taxaçom inicial, mas a dívida que carregam à pessoa afetada calcula-se em relaçom com esse mesmo valor de taxaçom inicial. Do mesmo modo, também mantenhem esse valor inicial na hora de incluir os seus 'ativos imobiliários' no balanço. Em alguns casos, até ficam com as habitaçons por 1 euro...

P. Depois de nos falarem da refundaçom do capitalismo, estám a reconfigurar a riqueza com base na terra e na propriedade. A banca controla totalmente a oferta de habitaçom, mantendo a bolha imobiliária todo o que puder. Chama a atençom que algumhas das pessoas afetadas polos despejos tenhem contratos indefinidos, polo que poderiam pagar a médio prazo, mas vam pola propriedade. Querem ficar com todo o stock de vivendas.

O GALEGO NO ENSINO FICA SEM 70% DO SEU ORÇAMENTO

As escolas públicas disporám de 250.000 euros para promover o galego, frente aos 800.000 do ano académico anterior. Os centros privados perderám também 65,5% das ajudas para este terreno. Aliás, o Certificado de Língua Galega (Celga), fica este ano sem 27 das suas 37 sedes operativas em todo o Estado.

O C.S. MÁDIA LEVA INAUGUROU A SUA NOVA SEDE

O centro social lucense celebrou com umha festa a abertura do novo local, no bairro de Serra de Ancares. Mini e Mero, os Pinchacarneiros e os Milesios pugérom a música numha inauguraçom que também contou com umha mesa redonda com centros sociais do país. O espaço, de dous pisos, continuará a acolher cursos e atividades.

BNG fecha a assembleia com umha rutura à vista

ENCONTRO IRMANDINHO ANUNCIA A SUA SAÍDA DA FRENTE

NGZ / Era, e assim o asegurárom dirigentes de umha e de outra corrente ao longo dos meses prévios: "a assembleia mais decisiva da história do BNG". Entre chamadas à "refundaçom", exigências de "abertura à sociedade" e apostas em prol de "mais nacionalismo e mais esquerda", o Bloco chegou ao seu conclave número 13º partido em dous. E saiu da mesma maneira: o reeleito porta-voz nacional, Guillerme Vázquez, fijo-o com 47% de votos contra. O candidato da organizaçom à presidência da Junta, Francisco Jorquera, obtivo idêntico apoio e idêntica rejeiçom. Na outra cara da moeda, um reaparecido para a primeira linha Xosé Manuel Beiras e o já ex-portavoz parlamentar Carlos Aymerich figérom avançar, através de umha aliança entre o Encontro Irmandinho e Mais Galiza, a alternativa à hegemonia interna da Uniom do Povo Galego (UPG). Mas ambos ficárom às portas dos postos de projeçom pública da formaçom. Os 4.500 militantes que participárom nas votaçons de nomes contrastam com os apenas dous milhares que debatêrom e votárom as teses políticas e o relatório de gestom. Aí, a UPG impujo por ampla maioria um documento em que fixam a "República de Galiza" como objetivo estratégico do Bloque e apresentam um programa económico de caráter socialdemocrata.

Que a assembleia realizada no mercado pecuário compostelano de Ámio em finais de janeiro nom serviu para cicatrizar feridas viu-se bem nas semanas posteriores ao encontro. Se as cabeças das façons que entrárom em confronto conjuravam perante quem os quigesse ouvir o perigo de cisom, a possibilidade de fractura na frente de partidos tornava-se mais real que nunca. Os irmandinhos de Beiras decidiam este domingo -12 de fevereiro-, em assembleia aberta, nom continuar ligados ao Bloque. Em Mais Galiza, que debaterá em março a sua permanência no BNG, os abandonos acontecem individualmente, mas as forças centrífugas tenhem cada vez mais presença. Teresa Táboas abandonou a corrente em novembro, o exsenador Pérez Bouza deixou o BNG na passada semana e o líder da Mocidade Nacionalista Galega, Paulo Carlos López, também. Entretanto, à cabeza de um Bloco fundado no pavilhom de Riaçor há exatamente 30 anos situam-se, pola primeira vez, três membros da denominada Alternativa pola Unidade que nucleia a UPG. Guillerme Vázquez, Francisco Jorquera e a substituta no Hórreo de Carlos Aymerich, Ana Pontón, levarám o leme do navio nacionalista entre rumores de adianto eleitoral, umha oposiçom parlamentar em obras e umha Junta paralisada pola crise económica.

Inditex explora menores e despede pessoal que reclama direitos

NGZ / A principal marca da Inditex, Zara, rescindiu o contrato que mantinha com a Atlas Serviços Empresariais depois de que os seus trabalhadores "exigissem melhorias laborais" encaminhadas a superar "condiçons absolutamente precárias", de maneira que 15 empregados que realizavam descargas nos armazéns do Polígono de Sabom ficam agora sem trabalho. Depois de que reclamassem o cumprimento da Lei de Prevençom e de que a Inspeçom de Trabalho constatasse a existência de cessom ilegal de trabalhadores, a soluçom do grupo empresarial foi romper os acordos que mantinha com a Atlas.

Trabalho escravo

A entidade nom governamental Amarante Setém continua a sua campanha 'Roupa limpa' denunciando reiterados casos de sobre-exploraçom laboral por parte da Inditex na produçom das suas peças de roupa em diferentes países. Assinalam que em Tánger (Marrocos) há fábricas contratadas por esta empresa têxtil que "empregam menores que escondem na açoteia ou em caixas quando chegam as inspeçons de trabalho".

Várias operárias desvendárom recentemente que raparigas menores de 16 anos trabalham durante as férias escolares por 0,26 euros por hora enquanto realizam os mesmos trabalhos que as adultas. Também assinalárom que outras menores nom escolarizadas realizam este tipo de tarefas ao longo de todo o ano "em situaçom de vulnerabilidade total, dada a inexistência de contratos ou de segurança social para elas".

Causa Galiza insta o soberanismo a aglutinar forças

NGZ / A referência soberanista representada por Causa Galiza avaliou a assembleia do BNG concluindo que frustrou as "expectativas sobre um projeto que derivou para posiçons autonomistas e centristas", conformando-se com "reforçar a retórica vácua e ideologista da façom maioritária", em alusom às teses vencedoras da UPG, que consideram que "deixam incólume a velha estratégia da participaçom eleitoral como principal ámbito de açom nacionalista".

Assim, fam um chamamento a acumular forças para "levantar um movimento que rompa os moldes do autonomismo confesso ou vergonhoso" para construir "as condiçons objetivas e subjetivas necessárias" para tornar real "umha proposta política de massas que, sem ambigüidades nem renúncias, trabalhe por um horizonte de emancipaçom".

Construtoras fam-se com o poder na costa

NGZ / A Plataforma em Defesa do Setor Marítimo Pesqueiro, denunciou que o Governo espanhol procura, com a modificaçom da Lei de Costas, umha volta às "velhas políticas de destruiçom do litoral galego", ao "simplicar as exigências do procedimento da Avaliaçom Ambiental". Após conhecer as declaraçons do ministro da Agricultura, Miguel Arias Cañete, que falava da necessidade de acometer "umha mui profunda revisom da Lei de Costas" para o aproveitamento do litoral, e "outorgar segurança jurídica aos titulares de direitos na costa", enviavam um comunicado em que o acusavam de querer "abrir novos usos urbanísticos e de destruiçom no litoral virgem".

A reforma afetaria de modo especial o litoral da Galiza, que conta com numerosos núcleos costeiros imersos numha espécie de limbo legal desde a aprovaçom da Lei de Costas de 1988.

CENTROS SOCIAIS

Aguilhoar
S. Marinha · Ginzo de Límia

Arredista
Rodas, 25 · Compostela

CS Almuinha
Rosalia de Castro, 46 · Marim

Artábria
Trav. Batalhons · Ferrol

Atreu!
S. José · Corunha

Aturujo
Principal · Boiro

CSO Bairro do Cura
Bairro do Cura · Vigo

A.C. Bou Eva
Terço de Fora · Vigo

A Casa da Estación
Ponte d'Eume

A Casa da Triga
P. Maior · Ponte Areias

Casa dos Caracois
Avda. da Igreja, Arca · Pino

CSO Casa do Vento
Figueirinhas · Compostela

CSO A Kasa Negra
Perdigom · Ourense

LS do Coletivo Terra
Boa Vista · Ponte d´Eume

A Cova dos Ratos
Romil · Vigo

Faísca
Calvário · Vigo

Fervesteiro
Adám e Eva · Ferrol

O Fresco
Bº da Ponte · Ponte Areias

A Ghavilla
Ponte da Raínha · Compostela

Gomes Gaioso
Monte Alto · Corunha

Henriqueta Outeiro
Quir. Palácios · Compostela

CS Lume!
Gregório Espino · Vigo

Mádia Leva
Serra de Ancares · Lugo

CSA La Madriguera del Oso Pardo
R. México · Ponferrada

CSO Palavea
Palaveia · Corunha

O Pichel
Sta. Clara · Compostela

A Revira
Gonz. Gallas · Ponte Vedra

A Revolta do Berbés
Rua Real · Vigo

A Revolta de Trasancos
A Faísca · Narom

CSOA O Salgueirón
Zona Massó · Cangas

Sem um cam
Rua do Vilar, 9 · Ourense

Tarabela
Donramiro, 17 · Lalim

A Tiradoura
Reboredo · Cangas

CS VagaLume
R. das Nóreas, 5 · Lugo

CSA Xogo Descuberto
R. Salvaterra, Coia · Vigo

CS A Zalemá
R. Carris, Valençá · Barbadás

Cortes na Junta afetam pessoal da funçom pública

Fôrom retiradas mais de 1.000 vagas do concurso de transferências do pessoal laboral da Junta. Os sindicatos preparam protestos para todas as quintas-feiras do mês de fevereiro, e pedem o apoio cidadao contra "um ataque aos serviços públicos em geral".

NGZ / Os sindicatos da funçom pública (CIG, CC.OO, UGT e CSI-CSIF) pedírom conjuntamente à Junta, no passado dia 9 de Fevereiro, que retire as suas propostas de cortes, que incluem medidas como nom pagar o complemento aos trabalhadores com licença nos primeiros 21 dias. Ademais, advertírom que se o presidente da Junta, Alberto Núñez Feijoo, nom retifica, prepararám umha greve.

O anteprojeto de Lei de medidas no emprego público, anunciado pola Conselharia da Fazenda, contempla um corte nos orçamentos com medidas como a reduçom da jornada laboral para os interinos e o pessoal temporário -com o qual descerám, em proporçom, os seus salários-; a reforma forçosa com caráter geral ao chegar aos 65 anos, ou a rebaixa da paga por licença laboral. Ainda, os gestores da Funçom Pública planeiam retirar do Concurso de Transferências 670 vagas pertencentes ao Processo de Consolidaçom, e as mais de 330 vagas do Processo de Estabilizaçom, segundo denunciárom as centrais sindicais, que preparam mobilizaçons para todas as quintas-feiras do mês de fevereiro.

Por seu turno, o diretor geral da Funçom Pública, José María Barreiro, quijo descrever algumhas das mediadas criticadas polo pessoal da Administraçom, ao destacar que a reduçom da jornada, por exemplo, "vai ser voluntária" para os funcionários, e que "a regra geral" é que os interinos também mantenham o seu horário laboral sem reduçom de salário. No que di respeito à rebaixa da paga por incapacidade temporária, Barreiro matizou que nom vai afetar em caso de acidente laboral, doença profissional ou maternidade, alegando que esta medida "já se adotou em, ao menos, outras cinco Comunidades Autónomas". Ao mesmo tempo, Barreiro fijo um chamamento aos sindicatos para o diálogo, e para que participem na confeçom do texto final da lei.

Cortes na normalizaçom lingüística no ensino

Por outra parte, a CIG-Ensino também denunciou, no começo do mês, um novo pacote de cortes por parte da Conselharia da Educaçom, que continua a suprimir, de modo progressivo, os projetos de normalizaçom lingüística dos centros educativos. A convocaçom de ajudas para centros públicos para a realizaçom de projetos de fomento do uso do galego, promovidos polas equipas de dinamizaçom lingüística e polo professorado responsável polo projeto, naqueles centros de ensino de menos de três unidades, sofreu umha reduçom orçamental de 69% em relaçom às convocaçons dos anos letivos de 2009-2010 e 2010-2011, e de 75% a respeito do de 2008-2009. A central também assinala que nos últimos anos se fôrom reduzindo pouco a pouco as verbas económicas dedicadas às equipas de normalizaçom –face ao milhom de euros atribuídos para 2008-2009, no anos letivos 2009-2010 e 2010-2011 a verba orçamentária somente atingia os 800.000 euros. Porém, este ano a situaçom piorou: a convocaçom de ajudas saiu tarde, com restriçons, e com 550.000 euros menos que nos dous anos anteriores.

Decreto retira as ajudas para as empresas eólicas

NGZ / No dia 9 de fevereiro, o Congresso espanhol convalidava o real decreto que suspende as pré-atribuiçons de incentivos económicos e retribuiçons para novas instalaçons de produçom de energia elétrica a partir da cogeraçom, de renováveis e de resíduos. Trata-se de umha cancela no caminho das aspiraçons de várias Comunidades Autónomas do Estado espanhol, entre elas a Galiza. De facto, o presidente da Junta, Alberto Núñez Feijoo, entrevistara-se no dia 6 de Fevereiro com o ministro espanhol da Indústria, José Manuel Soria, para tentar convencê-lo de que a medida afetará diretamente o projeto eólico da Administraçom galega, que adjudicou, em dezembro de 2010, 2.325 megawatts num concurso mui polémico. O denominado concurso eólico havia de gerar, segundo dissera naquela altura o conselheiro da Indústria, Javier Guerra, 13 mil postos de trabalho e 6.000 milhons de investimento.

MOVIMENTOS LIBERTÁRIOS ACOMPANHAM LUITAS NAS CADEIAS

Reivindicam sabotagens "em solidariedade com os presos"

NGZ / Entre os dias 30 de janeiro e 8 de fevereiro fôrom reivindicadas no portal Indymedia Galiza até cinco sabotagens de diferente consideraçom, sob o nome de "solidárias em luita" e com mensagens alusivas à campanha de protestos que setenta presos estám a levar a cabo nos cárceres do Estado "contra a tortura e os maus tratos, pola destruiçom dos cárceres e da sociedade capitalista", nos dias 1 e 15 de cada mês.

No dia 30 de janeiro reivindicárom o bloqueio mediante curtos-circuitos dos caminhos-de-ferro das linhas Vigo-Santiago-Corunha e Vigo-Ourense-Monforte provocando atrasos nos comboios. Noutro comunicado reivindicavam a colocaçom de umha barricada de pneus ardendo noutro tramo da linha Vigo-Compostela-Corunha.

A 3 de fevereiro comunicavam ter "esnaquizado todas as vidrieiras da ETT Randstad em Lugo", que conforme os autores ou autoras anónimas da sabotagem "tem assinados convénios com Instituiçons Penitenciárias, lucrando assim com o grande negócio da 'reinserçom'".

Finalmente, no dia 8 reivindicárom também pintadas e selados de fechaduras na sede da USO-ACAIP -Agrupaçom dos Corpos da Adminstraçom de Instituiçons Penitenciárias - em Vigo. Por sua vez, o sindicato USO denunciou o ataque, que atribui a "grupos radicais antissistema" que reivindicam a liberdade para "presos políticos". Recordou que há dous anos as suas sedes de Lugo e Vigo foram alvos de açons semelhantes, que condendam "energicamente", precisando que os seus filiados "nom se imiscuem em questons políticas".

Concentraçom em Betanços

No primeiro dia de fevereiro, um grupo de umhas vinte pessoas concentrárom-se perante o Tribunal de Betanços –por ser o encarregado de levar os casos do cárcere de Teixeiro– com faixas e panfletos sobre a campanha de protesto contra os maus tratos e torturas nas cadeias. A Guarda Civil identificou várias pessoas.

Por sua vez, o CSO Palavea iniciou no passado dia 8 os Jantares Pró-Presos, que cada quarta-feira servirám "comida solidária com as pessoas encarceradas".

Engenho explosivo na Corunha

No passado dia 1 de fevereiro os Tedax desativárom na Corunha um explosivo colocado diante do escritório de emprego de Zalaeta, na rua María Victoria Fernández Espanha. Composto por quatro bilhas de camping gás e material pirotécnico, nom chegou a explodir. Tampouco foi reivindicado, mas Samuel Juárez, delegado do Governo de Espanha na Galiza, vinculou-no com "movimentos de tipo anarquista".

Transferem Eduardo Vigo para o cárcere de Teixeiro por julgamento em Compostela

NGZ / O preso independentista Eduardo Vigo foi transferido no sábado dia 4 do cárcere de Navalcarnero, onde se encontrava em isolamento desde o seu encarceramento em dezembro, para o de Teixeiro. Está prevista para o dia 21 de fevereiro a realizaçom de um julgamento a Vigo nas Fontinhas (Compostela), junto com outros quatro independentistas acusados de supostamente tentarem libertar o detido Santiago Vigo em outubro de 2010, quando era conduzido perante o juiz, o qual negam rotundamente os acusados, que falam de "montagem".

Por sua vez, o resto dos independentistas detidos na última operaçom policial de dezembro continuam sem regularizar a sua situaçom, ficam em prisom preventiva e sob secreto de sumário. Maria Osório Lopes, que se achava em isolamento em Soto del Real desde o seu encarceramento, e sem autorizaçom de visitas para além das familiares, foi transferida nos últimos dias para a prisom de Brieva, em Ávila, por nom haver em Soto del Real módulo de mulheres de segundo grau.

No caso de Roberto Rodrigues 'Teto', que se encontrava num módulo normal do cárcere de Estremera, foi isolado na última semana de janeiro, por recusar-se a compartilhar cela –reivindicaçom histórica dos presos políticos–, perdendo o vis-à-vis que tinha autorizado.

O quarto dos detidos na operaçom de dezembro e redator deste jornal, Antom Santos, foi transferido, no cárcere de Aranjuez, do módulo de isolamento em que se encontrava desde a sua entrada em prisom para um módulo normal, com o conseguinte aumento de horas de pátio, comunicaçons, etc. Porém, como no caso de Maria Osório, ainda nom lhe fôrom autorizadas visitas para além das familiares.

Do resto dos presos independentistas, Miguel Nicolás continua em Saragoça; José Manuel Sanches em Mansilla de las Mulas (Leom); Santiago Vigo em Dueñas (Palência) e Telmo Varela em Topas (Salamanca).

Xaime Simón Quintela atinge 27 anos em prisom

Este viguês militante dos GRAPO cumpriu recentemente vinte e sete anos encarcerado. Preso pola primeira vez em 1985, a Audiência Nacional espanhola aplicoulhe em 2006 a chamada 'Doutrina Parot', pola qual terá que cumprir trinta anos de prisom. No Comité de Solidariedade denunciam que se lhe fosse aplicado o Código Penal que estava vigente quando foi detido, este ativista havia de ser excarcerado em julho de 2006. Atualmente, encontra-se em Herrera de La Mancha.

Constituem plataforma contra a incineraçom

ECOLOGISTAS ANTI-SOGAMA RETOMAM COORDENAÇOM

NGZ / Na apresentaçom mostrárom umha rejeiçom unánime à futura unidade de incineraçom do Irijo. Também nas ruas do Carvalhinho, no passado 29 de janeiro, se sentiu o mal-estar dos vizinhos em relaçom à situaçom da central.

No dia 6 de Fevereiro as organizaçons ecologistas ADEGA, Amigos da Terra, Federaçom Ecologista Galega -integrada por 18 coletivos de todo o País-, e Verdegaia apresentárom a Plataforma Galega contra a Incineraçom e pola Reciclagem, opondo-se à conhecida como Sogama do Sul.

Além disto, os seus representantes apresentárom um manifesto em que rejeitam a incineraçom como sistema para o tratamento dos resíduos, por ser contrária à legislaçom europeia, estatal e galega; por ser perigosa para a saúde; por ser insustentável ambientalmente; e por ser "umha fraude, umha ruína económica, exemplo de ineficiência, para além de miserável na geraçom de emprego". Defendêrom alternativas baseadas na reduçom, a reciclagem e a compostagem, através da participaçom ativa da cidadania.

O Carvalhinho, alcalde incluído, contra a Sogama do Sul

Antes da criaçom deste grande fórum ecologista, já existiam três plataformas vicinais contra a incineradora do sul, criados mesmo no Irijo, no Deça e no Carvalhinho. Nesta última vila, no passado domingo 29 de Janeiro, organizou-se umha macromanifestaçom, a segunda contra a futura planta do município vizinho. Ao berro de "Carvalhinho nom é Sogama II", e "Em democracia, o povo decide", por volta de umhas sete mil pessoas percorrêrom as ruas da vila mostrando a sua rejeiçom à construçom da unidade de resíduos. Também estava o alcalde carvalhinhês, Argimiro Marnotes, do PP, que apesar de nom ter assistido à primeira manifestaçom contra a incineradora, desenvolvida no Irijo a 7 de janeiro, desta volta participou, e mesmo leu um manifesto contra a futura central de reciclagem da varanda da Casa do Concelho. "Nom queremos a incineradora à porta da nossa casa", declarou o dirigente *popular*, argumentando razons de saúde, ambientais, económicas e turísticas para justificar um posicionamento que o enfrenta com a Junta e com outros regedores *populares* da comarca, que apoiam a iniciativa do Governo porque "vai implicar a criaçom de 250 postos de trabalho". A Junta continua a defender que a planta cumprirá a legislaçom ambiental e que nom acarreta risco algum para a saúde da vizinhança.

Edil do Irijo negocia com os terrenos da incineradora

Segundo publicava o diário madrileno *El País* na sua secçom para a Galiza, o tenente de alcalde do Irijo, Manuel Cerdeira, está a negociar com os terrenos em que será situada a nova unidade de tratamento de resíduos como presidente da comunidade de montes com a qual a empresa Estela Eólica assinou um pré-acordo de aluguer. Porém, assinala o jornal, Cerdeira nom é o presidente atual deste coletivo, já que as comunidades vicinais proprietárias desse terreno mancomunado tenhem caducado o mandato da sua última reitoria, de maneira que nom tenhem representante legal nem diretiva. Este facto irregular na representaçom legal dos comuneiros poderia, sempre segundo este diário, invalidar o acordo com a empresa de Castela e Leom Gecalsa (compradora de Estela Eólica), que pretende construir a segunda Sogama da Galiza.

Denunciam barcos que surtem Reganosa

A última denúncia foi apresentada polo Comité Cidadao de Emergência da Ria de Ferrol perante o Ministério espanhol de Fomento, em finais do mês de Janeiro, e refere-se à entrada de um gaseiro no dia 23 de novembro, em direçom à central gasista de Reganosa. A embarcaçom sofreu umha incidência, tendo que suspender a primeira tentativa de acesso, para voltar a iniciá-la posteriormente até chegar ao interior da ria. No seu texto de denúncia, o Comité argumenta que desde que a Reganosa começou a sua atividade, contabilizárom 26 operaçons frustradas devido às condiçons metereológicas e à singularidade da entrada da ria de Ferrol, o que é motivo de risco de acidente dos barcos que, aliás, estám carregados de umha mercadoria perigosa para a populaçom.

Aprovam duas novas centrais no Jalhas

Apesar de levarem dous anos paralisados, a Junta aprovou no seu Conselho do dia 3 de Fevereiro os projetos de três novas minicentrais no Rio Jalhas. Trata-se dos saltos da Fervença II, Novo Castrelo e Ponte Olveira II, que completam os que a empresa Ferroatlántica já está a explorar na atualidade. Se afinal se desenvolverem estes três novos projetos, passará a haver 8 minicentrais e 4 represas em apenas 9 quilómetros de rio, facto que converte o Jalhas num dos mais explorados do país. Durante a aprovaçom dos projetos, Feijóo assinalou que estes reportarám um considerável benefício económico, sobretodo enquanto se realizam as obras, que poderiam empregar uns 700 trabalhadores.

Contestam luito oficial pola morte de Fraga

NGZ / A morte de Manuel Fraga Iribarne, a 18 de janeiro, provocou todo o tipo de reaçons. A unanimidade do luito oficial foi contestada nas ruas polo movimento popular, que promoveu celebraçons em diferentes cidades, como a Corunha, Ourense ou Compostela, sendo a mais sucedida a de Vigo. Na cidade olívica, concertos do Fragasaurus Tour Fest e cortejos festivos fôrom secundados por centenas de pessoas. Em Compostela e na Corunha destacou a repressom policial, que impediu as celebraçons no primeiro caso, e provocou momentos de tensom no segundo.

O portal *galizalivre.org* informou também de celebraçons na Guarda, com foguetes de artifício, e da continuaçom do *Fragasaurus Tour Fest* em Bretonha (Pastoriça).

Cinco detidos no funeral

Na capital galega, coincidindo com o funeral oficial celebrado na Catedral de Santiago em honra de Manuel Fraga a 21 de janeiro, tivo lugar umha manifestaçom com o mote "Manuel Fraga foi um fascista", secundada por umha centena de pessoas. No final da mobilizaçom, o jornalista Gustavo Luca de Tena foi o encarregado de ler um manifesto que criticava o papel de Fraga no franquismo, transiçom e autonomia.

Perto de umha hora depois da mobilizaçom produzírom-se cortes de tráfico na rua de Sam Pedro, sendo detidos cinco jovens, libertados sob acusaçom de "desordens públicas" horas depois. A essa mesma hora, e como continuaçom da marcha, vários locais compostelanos acolhêrom umha festa popular itinerante com a atuaçom de numerosos grupos musicais.

Diferentes posicionamentos

No campo institucional, o nacionalismo tivo posicionamentos variados. Ao tributo que o Congresso espanhol rendeu a Manuel Fraga nom compareceu o Bloco, da mesma maneira que o PNB, IU-ICV-CHA, ERC e Amaiur. No Parlamento Europeu, o ALE, grupo em que está o BNG, criticou a homenagem tributada de forma conjunta a Manuel Fraga e Vaclav Havel, mas nom se ausentou da mesma.

No plenário municipal de Sam Cibrao, concelheiros do BNG e do PSOE também se ausentárom do minuto de silêncio a Fraga. Porém, em Carvalho, foi o BNG que promoveu essa mesma homenagem. No concelho de Ordes, os vereadores nacionalistas criticárom o minuto de silêncio mas acatárom-no, ao igual que os de Cambre, onde EU também secundou o minuto de silêncio.

Contodo, o caso mais polémico foi o de Monforte, onde o alcalde nacionalista, Severino Rodríguez, junto com outras duas concelheiras do BNG, permitírom com as suas abstençons que umha rua da vila de Lemos seja dedicada a Manuel Fraga, com os votos contra de outros três vereadores do BNG.

Finsa sobe salários da direçom antes dum ERE

NGZ / O grupo madeireiro Finsa aprovou incrementar em 81% as retribuiçons dos integrantes do seu Conselho de Administraçom mesmo antes de apresentar um expediente de regulaçom de emprego que provocará o encerramento da fábrica da Ecar em Mondonhedo. A CIG informa que os pagamentos salariais da alta direçom desta filial da Finsa chegavam a significar 10,84% dos gastos totais da empresa.

A central sindical julga que se está a revelar "a perversidade de um sistema que permite, com a cumplicidade das administraçons, que enquanto 62 famílias perdem o seu sustento uns poucos acumulam capital e aproveitam-se das mais-valias geradas polos mesmos trabalhadores que deixam na rua".

MAR

Estratégia aqüícola: Galiza, nem boa nem bonita, mas barata

O litoral fica nas maos das piscícolas e as águas das rias nas das multinacionais

A.DIESTE / A Conselharia do Mar acabou de apresentar o ESGA, a Estratégia Galega de Aqüicultura, um documento de 123 páginas que quer ser a "folha de rota" da aqüicultura do nosso país para os próximos anos. Unha estratégia, segundo a conselheira Rosa Quintana, a desenvolver tendo com o horizonte do ano de 2030 e em que ficam assentes as bases para tornar a aqüicultura, segundo explicou, um potencial económico e laboral para a Galiza.

Porém, nada mais longe da realidade, segundo diversos setores profissionais que trabalham na aqüicultura (bateeiros, parquistas) e também coletivos de defesa do ambiente. O ESGA vem a ser umha aposta, afirmam, em converter toda a costa galega num parque empresarial de instalaçons piscícolas sem interessar o seu impacto ecológico, social e, também, económico. Facilidades a eito para que as empresas instalem os seus viveiros mesmo em espaços protegidos pola Rede Natura. Significativo é que, na apresentaçom do Plano de Aqüicultura de Litoral, que fai parte da ESGA, um jornalista perguntou à conselheira se esse plano ia entregar a costa às instalaçons aqüícolas pondo como exemplo se poderia ser instalada umha delas nas Ilhas Cies. "Nom haverá zonas vetadas", respondeu Quintana. Mais claro, impossível.

Mas a destruiçom da costa e o impacto socioeconómico e ambiental que isto vai gerar é só um dos pontos da estratégia da Junta. Outro é a posta em marcha de diferentes planos setoriais (do mexilhom, dos parques de cultivo,...) que o setor teme que vam ser umha aposta para favorecer o desembarco das multinacionais nas águas das rias galegas. Como já se tem denunciado em anteriores números do Novas da Galiza, as rias galegas, com o seu minifúndio de cultivo de mexilhom em forma de bateias e as centenas de pequenas embarcaçons dedicadas à pesca artesanal, som umha fonte importante de emprego direto (perto de 25.000 pessoas) nas vilas costeiras, mas para nada som 'competitivas' e 'rentáveis' com base nos critérios estritamente económicos de maximizar benefícios a qualquer custo. Um axioma neoliberal que a nova Junta da Galiza fai próprio no seu no Plano de Ordenaçom de Cultivos em Zona Marítima, também enquadrado no ESGA. A finalidade da Junta é, consideram no setor, abrir as portas para que nas rias desembarquem as multinacionais para implantar nas suas águas plataformas de produçom a nível industrial de peixes diversos (por exemplo, salmom), com a ameaça que isso implica, pois som modelos de cultivo nos quais se emprega alimentaçom com produtos químicos e de laboratório. Algo que na Escócia e no Canadá gerou fortes mobilizaçons dos marinheiros onde essas multinacionais instalárom os seus projetos.

Assim, o ESGA situa a Galiza perante as multinacionais como um 'éden' para a produçom aqüícola e piscícola maciça, desmantelando setores profissionais enraizados no litoral galego e facilitando a destruiçom da costa até níveis impensáveis em qualquer outro país europeu.

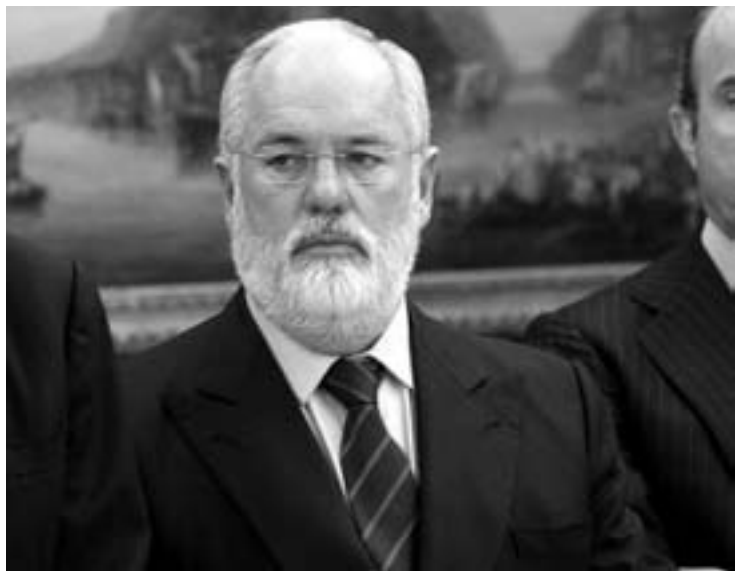
AGRO

O ministro nom fala dos problemas da Galiza na hora de negociar a PAC

Arias Cañete propicia um retrocesso nas políticas de proteçom agrária e ambiental

"A POLÍTICA AMBIENTAL SÓ PODE MANTER-SE SE FOR VIÁVEL"

J.R. / O novo ministro da Agricultura, Alimentaçom e Meio Ambiente (antes da Agricultura e Pesca), Arias Cañete, já tem experiência nesta área por ter feito parte do governo de Aznar, e volta disposto a acabar o que começou: o transvasamento do Ebro e a reforma da Lei de Costas som as iniciativas mais badaladas. Ele anunciou também umha reformulaçom profunda da legislaçom ambiental para que o território fique ao serviço da economia capitalista: "Só se a política ambiental for viável economicamente, é que pode manter-se a longo prazo."



Galiza invisível perante a UE

O ministro fala de prioridade na representaçom do Estado na Uniom Europeia, onde pretende discutir a reforma da Política Agrária Comum "com espírito construtivo". Contodo, acrescenta que "com os mecanismos regulamentados atuais, nom dispomos de flexibilidade suficiente para aplicar umha PAC que mantenha as ajudas ao nosso setor agrário". No encontro com o comissário da UE de Agricultura e Desenvolvimento Rural, Dacian Ciolos, realizado na sede da Comissom em Bruxelas, o ministro defendeu que se mantivesse a dotaçom para Espanha dentro da Política Agrária Comum (PAC) que figurava nas Perspetivas Financeiras.

Falou-se de outros temas, como o armazenamento de azeite, os preços de retirada no setor das frutas e hortaliças e umha nova regulaçom de preços de entrada às importaçons de fruitas e hortaliças, setores, todos eles, fortes no litoral mediterráneo do Estado espanhol. O ministro, polo contrário, nom mencionou nada sobre os problemas mais graves da Galiza: silêncio perante a soberania alimentar, nada para a regulaçom dos preços em origem de produtos agrários, e tampouco mençom algumha em relaçom à sobrevivência do setor leiteiro.

> O ex-ministro de Aznar é o mais rico do novo governo formado por Rajoy

Cortando no meio ambiente

"Aproximar-se da realidade" e "objetivos realistas" som os termos que empregou o ministro no momento de falar de tornar menos exigentes as leis que protegem o meio ambiente. A Lei de Qualidade do Ar será revista, do mesmo modo que a Lei de Desenvolvimento Sustentável do Meio Rural, ainda que nom se especificasse em que sentido. Também se renuncia ao objetivo de chegar a umha reduçom de 30% para 2020 nas emissons de CO2: o ministro di que só pode assumir 15%.

De maneira indefinida adiantou que ia ser posto em andamento um Plano Nacional de Açom para o uso dos pesticidas e fertilizantes. Anunciou também um novo Plano Nacional de Regadios para "reduzir o consumo de água", onde junto com o Plano Hidrológico Nacional, alguns ecologistas veem o caminho aberto para a privatizaçom e comercializaçom da água.

O ministro mais rico

O ministro que conduz o Ministério da Agricultura, Alimentaçom e Meio Ambiente é o mais rico do novo governo formado no 20N. Entre as suas possessons estám 326.000 euros em açons da empresa petroleira Ducar, 23.115 em açons do Santander, e outro tanto em açons do BBVA. Ademais, o ministro é colecionador de carros antigos.

ECONOMIA

"Está mui pouco estendida a ideia de que na origem da crise há umha componente energética"

Fim dos prémios às renováveis e défice da tarifa elétrica

Xoán R. Doldán García

Sendo hoje mais conscientes da gravidade da crise que anos atrás, evidenciando-se em diversos indicadores como a subida continuada dos combustíveis e da eletricidade, continua-se a considerar que certos acontecimentos som só conjunturais. Fora de determinados círculos, está mui pouco estendida a ideia de que na origem ou no agravamento da crise haja umha componente energética que fai mudar a sua natureza. Se fosse considerada, nom estaríamos no habitual ciclo económico de crise-recuperaçom-crise-recuperaçom, senom apenas no ponto de partida de umha nova etapa do capitalismo (a derradeira) onde se abrem múltiplas incógnitas sobre a sua capacidade de resistência e reaçom antes de perecer definitivamente, ou onde se manifestem duros e violentos estertores antes de transitar para umha nova sociedade organizada economicamente sob outros parámetros. A constataçom de ter alcançado o teito de extraçom de petróleo, o convencimento de que o fim do gás natural está próximo e que para o do carvom nom faltam muitas décadas, junto com as conseqüências dramáticas da mudança climática a que nos arrasta o uso dos combustíveis fósseis, constituem a base dos movimentos de transiçom e das teorias do decrescimento que postulam a construçom de caminhos democráticos para enfrentar esta nova realidade.

Para alcançar essa meta é preciso mudar os costumes energéticos adquiridos nos dous últimos séculos, sobretodo nos últimos 70 anos. Mudança que implicaria a reduçom drástica da procura energética mediante umha reconfiguraçom radical do sistema de produçom e consumo e do modelo de transporte, e da forma de nos fornecermos de energia para os diferentes usos, que deveria assentar em fontes renováveis.

Sem dúvida esse novo modelo nom deveria construir-se sobre a pauta de grandes centros de geraçom, como sucede, por exemplo, no setor elétrico, mais tampouco deveríamos prescindir no princípio do trânsito das instalaçons já em uso. A proliferaçom de parques eólicos no nosso país ou os parques fotovoltaicos, habituais noutros lugares do Estado espanhol, som fruto de umha conceçom de fomento das energias renováveis, sustentada por ajudas públicas e com a filosofia de concentrar a potência elétrica em determinados espaços. Sem entrar na controvérsia de como se implantárom, os efeitos ambientais nom considerados, o despropósito da localizaçom em espaços naturais protegidos, a injustiça do tratamento dado a proprietários de montes, comunidades, paróquias ou concelhos, mas sendo conscientes destes problemas, nom deveríamos, ademais, acrescentar-lhe a falsa culpabilidade do défice tarifário.

> As elétricas nom assumem os custos sociais e ambientais
>
> É preciso mudar os costumes energéticos que temos adquirido

O Real Decreto-Lei 1/2012 volta a esta teima, na qual tenhem insistido cada certo tempo empresas, organizaçons políticas e académicas. Agora que o défice é convertido em anátema, nom parece admissível que isto suceda no setor elétrico quando, ademais, a sua correçom passaria por umha subida drástica dos preços da eletricidade ou o pagamento às empresas do setor com dinheiro proveniente dos orçamentos do Estado. O resultado final adivinhava-se: eliminar o sistema de ajudas públicas para o fomento de nova potência elétrica instalada a partir de fontes renováveis, enquanto se mantém a situaçom de privilégio das centrais nucleares, cujas ajudas públicas (como as derivadas da gestom e custódia além da vida das centrais e das próprias empresas, ou a cobertura de riscos por parte do Estado, como responsável civil subsidiário, além dos ridículos limites que a própria lei estabelece para casos de acidentes) nom som computadas no sistema de défice tarifário, ou as ajudas para as minas do carvom que tampouco entram nessa epígrafe. Do mesmo modo, amiúde nom é mencionado que também tem sido premiada economicamente a incineraçom de resíduos ou o uso de gás natural em centrais de cogeneraçom.

Mas o problema do défice de tarifa vai mais longe e há que procurá-lo na mesma metodologia do cálculo, constituindo o que poderíamos denominar como um 'fraude legal' ou um 'tocomocho elétrico'. Desde 1997, no Estado espanhol, com a denominada liberalizaçom do mercado elétrico, dá-se umha compra e venda diária de eletricidade, o 'pool'. Nele prioriza-se a venda das nucleares e, depois, das renováveis e demais tecnologias, da mais económica à mais cara, até satisfazer a procura. O "preço marginal" com que é remunerada às empresas elétricas toda a eletricidade do mercado diário é a da última tecnologia que entrou no mercado (a mais cara nesse dia). Deste modo, em situaçons normais de procura, nucleares ou grande hidráulica recebem un sobrepreço em relaçom aos seus custos. Estes preços nom se refletem diretamente nas tarifas que pagam os consumidores, mas é reconhecido como custo da energia na hora de calcular o que se arrecada via tarifa face ao que deveriam receber as elétricas. O défice vai-se acrescentando sem que se corresponda com os custos reais de gerar eletricidade e permite às empresas obter benefícios extraordinários. Neste jogo da confusom, quem finalmente paga som as famílias, enquanto que as elétricas, quer fosse com prémios quer com pool ou com tarifa... nom assumem os custos sociais e ambientais da sua atividade que, no melhor dos casos, serám custeados pola Administraçom pública.

Mobilizaçons contra os abusos da banca

A.L. / Nas últimas semanas aparecêrom diversas iniciativas para denunciar as práticas abusivas do setor financeiro. As mobilizaçons dos afetados pola participaçons preferenciais no Morraço e em Vigo e o nascimento da Plataforma polo Aforro Público assinalam que a cidadania galega nom está disposta a que o seu dinheiro apenas seja um instrumento no jogo dos gestores financeiros.

No passado dia 9 de fevereiro foi apresentada em diversas localidades do país, através de açons realizadas às portas de diversas sucursais de Novagalicia Banco (NGB), a nova Plataforma polo Aforro Público que denuncia o "espoliaçom" que implica a bancarizaçom das caixas de aforros.

Este novo coletivo é impulsionado por ativistas que participárom nas diversas assembleias e acampamentos do país. Entre as suas próximas atividades encontra-se a angariaçom de assinaturas para solicitar à Fiscalia umha investigaçom de ofício sobre as possíveis responsabilidades legais na má gestom e a privatizaçom das caixas de aforro.

Para finais do mês de março prevê-se também umha jornada de mobilizaçom em prol da criaçom de umha banca pública. A nova Plataforma reivindica claramente a "nacionalizaçom imediata" de NGB para fomentar umha verdadeira Banca Pública com umha vocaçom social.

Participaçons preferenciais

No mês de janeiro começárom umha série de mobilizaçons de clientes de NGB que adquiriram participaçons preferenciais em oficinas de CaixaGalicia ou de Caixanova. Os clientes compraram-nas pensando que eram umha espécie de depósitos sem ser informados de que se tratava de um produto que se comercializava num "mercado secundário" e que nom poderiam retirar os seus aforros.

As mobilizaçons levárom à ocupaçom de várias oficinas de NGB no Morraço e a várias manifestaçons na cidade de Vigo desde meados do mês de janeiro.

A TERRA TREME

Carreira energética e decrépitas hegemonias alentam o suposto conflito divulgado

Porque escolhem o Irám como novo alvo?

OBAMA E NETANYAHU ENFRENTAM ESTE CONFLITO ORQUESTRADO A PARTIR DE POSIÇONS DIFERENTES

Após a queda de Kadafi, está-se a intensificar a pressom internacional, culminada com o bloqueio da UE ao comércio petroleiro, contra o Irám. Mas a que se devem estas hostilidades? Eis umha série de hipóteses.

DANIEL R. CAO / Como se comentava nesta mesma secçom no nº 98 do NGZ, a variante destinada a delimitar as hegemonias mundiais contemporáneas nom é outra que o acesso aos recursos energéticos, nom tanto a sua possessom como a capacidade de adquiri-los. Neste terreno, a potência que mais tem avançado, sem dúvida, é a China. Os contratos adquiridos com países marginados por Ocidente durante anos pola sua nom adequaçom aos cánones políticos impostos acabou por ser, em termos quantitativos, umha boa estratégia. Assegurou posiçons de poder em enclaves de grande valor geopolítico. Nomeadamente em dous, o Sudám (cujo aceleramento dos fluxos calhou no tempo com o referendo que partiu o país em dous) e o Irám, os seus dous grandes fornecedores. Mas a China ademais procurou estender a sua influência polos países árabes aproveitando o seu potencial económico, e foi aí que deu um passo em falso. Obrigou kadafi a fazer umha viragem na sua política, convertendo-se em sócio preferencial do país asiático e deixando à margem os seus aliados até esse momento, os países da NATO, o que provocou, como é sabido, umha invasom. Sem mais provas que a evidência, três países e três factos, a luita polo pretróleo é mais umha vez determinante. Desestabilizar o Irám é deixar fora de jogo a China novamente.

Os mais feios do baile

Mais que os EUA e Israel, som os seus líderes, Obama e Netanyahu, os que enfrentam este conflito em posiçons diferentes. Por um lado, Barack Obama enfrenta um processo de primárias nos EUA do qual provavelmente sairá ganhador, mas isto nom vai calar a censura à sua gestom. Deixando de parte o movimento Occupy Wall Street, a outra grande oposiçom do presidente norteamericano é o crescente e diverso movimento conservador. De todas as críticas às suas políticas, umha das mais repetidas é a da evidente perda de influência a nível internacional. Depois de caírem os seus regimes aliados no Magreb, com a Arábia Saudita ficando deslocada do mercado e com umha UE que provoca indiferença (o bloqueio europeu ao Irám apenas foi respondido com umha breve nota de imprensa), os EUA veem-se sós perante um mundo que pretende liderar. A saída a isto parece nom estar fora da tradiçom norte-americana e todo indica que poderia fazer valer a condiçom que coloca o país em qualquer manual de ciência política ao pé do conceito 'hard power'. Ademais, nom é a primeira vez que Ocidente procura através da guerra reforçar o seu papel e na memória está o conflito das Malvinas no ano 82. Esta hipótese reforça-se quando o nome de Israel aparece. Mas que interesses tem Netanyahu em que estoure esse conflito? Além dos indicados há que somar duas variáveis. Por causa da sua dinámica política nos últimos anos, o Estado de Israel encontra-se geograficamente rodeado de inimigos. Sem Mubarak, é possível que o novo governo islámico (que nom islamista) do Egito rompa os acordos de paz de Camp David que incluíam o bloqueio à Palestina, com o qual estaria descolocado no Magreb. Mas o seu maior conflito é a norte, concretamente no Líbano e na Síria. Do mesmo modo que ocorreu no Egito ou na Tunísia, a contínua incógnita sobre o que ocorrerá na Síria só tem umha evidência: se Al-Assad cair, o seu relevo serám os islámicos. A tensom neste ponto seria máxima, já que a Irmandade Muçulmana no Egito, Hamas em Gaza, Hezbolá no Líbano e um possível governo islámico na Síria assegurariam umha maioria panarábica na zona, de maneira que a sua pretendida liderança ficaria ainda mais longe. E mais ainda se finalmente o Estado palestino for reconhecido pola ONU, que sem ser um passo adiante para a Palestina, serám cinco atrás para os israelitas. Portanto, umha debilitaçom do seu outro grande rival na zona, o Irám, seria um garantia.

> O programa nuclear serve como pretexto para tensionar

> Os EUA tentam recuperar posiçons frente ao auge chinês

> Lançar bombas no Irám servirá só para fortalecer o governo

O outro lado

No Irám, o governo de Mahmud Ahmadinneyad joga as suas cartas com umha calma surpreendente. Tendo presente que um dos maiores fatores de desligitimaçom dos EUA foi a invasom do Iraque, Ahmadinneyad adiantou-se de forma que já começou a mover fichas para que o possível ataque ao seu país tenha o mesmo resultado. Desta forma explica-se a sua recente viagem à América Latina. Apesar de serem o Brasil e a Argentina os países de referência do continente a diversos níveis, o líder iraniano decidiu reunir-se com os presidentes da Venezuela e da Nicarágua, assim como procurar contactos na Bolívia, tentando atribuir-se um caráter anti-imperialista que lhe permita ganhar legitimidade. Além disto, salientem-se duas cousas: em primeiro lugar, nunca impediu a entrada de supervisores às suas fábricas nucleares, demonstrando o uso pacífico que das mesmas quer fazer, e denunciando, mas nom de forma histriónica, a série de atentados que acabárom com a vida de algum dos observadores.

O certo é que todo isto fijo com que o até o momento crescente movimento de oposiçom ao presidente iraniano recuasse nas suas posiçons, outorgando-lhe maior legitimidade.

Futuro incerto

A modo de conclusom cabe salientar duas cousas. Que o suposto conflito se resume ao desejo dos EUA de recuperar a hegemonia após ter sido posta em causa pola China. Porém, os cálculos americanos som, à partida, incertos. Em primeiro lugar, porque grande parte da dívida dos EUA está nas maos chinesas, e nom seria prudente procurar conflitos com o gigante asiático, e em segundo lugar porque qualquer bombardeamento sobre o Irám servirá só para que Ahmadinneyad reforce os seus poderes.

ALÉM MINHO

A crise do setor agrícola português tem umha longa trajetória

PROMOÇOM DE 13 CÊNTIMOS POR CADA LITRO DE LEITE PROVOCOU INÍCIO DE GRANDES PROTESTOS

Meio rural português sai à rua para combater abusos da distrubuiçom

O setor agrícola português saiu à rua no começo do passado mês de janeiro para reivindicar a produçom nacional sustentável e denunciar os abusos das cadeias de distribuiçom sobre os produtores e produtoras do setor primário. Do mesmo modo que há dous anos na Galiza, os trabalhadores e trabalhadoras do campo português luitam por um modelo de vida que se encontra em queda livre para a desapariçom por mor das novas e contínuas políticas de abuso por parte da distribuiçom.

P.V. / Quando na primeira semana de janeiro a marca comercial Continente, integrada na holding 'Sonae', lançava a oferta de venda de um litro de leite de origem espanhola por apenas 13 cêntimos de euro ou de batata francesa a 16 cêntimos, várias associaçons do campo português figérom um chamamento à mobilizaçom diante das superfícies comerciais ligadas à marca. A maior parte dos protestos confluírom na área comercial de Matosinhos, umha das maiores do país, onde se concentrárom até 3.000 pessoas.

Defesa da produçom nacional

Das principais associaçons de produtores agrários de Portugal, FENALAC, CONFAGRI, APROLEP, APLC, CNA, acham que a defesa da produçom nacional deve ser chave nos protestos porquanto a situaçom nom representa mais umha crise de um setor senom de um modo de vida que pode levar à completa dependência alimentar da populaçom portuguesa. Os dados atuais mostram que em torno de 1.000 exploraçons por ano fecham no país. Como afirma Carlos Neves, presidente da Aprolep, "o que se está a verificar nos últimos anos é que quando nós em Portugal temos produçom hortícola para corresponder as necessidades de mercado, os importadores e comerciantes continuam a importar na mesma baixando os preços nacionais".

> Continente ameaça incrementar as importaçons

> As ligaçons desta crise com a da Galiza som múltiplas

> As organizaçons do setor apostam na produçom nacional

A reaçom do governo

O novo governo de Passos Coelho tem-se mostrado muito a favor da defesa do meio rural português como meio de saída da profunda crise que atravessa o país. Porém, as diretrizes do mercado ficam marcadas polas grandes superfícies quando jogam ao comércio internacional com os produtos agrícolas. Contodo, através da Agência de Segurança Alimentar e Económica de Portugal (ASAE), o governo apreendeu mais de 240 mil litros de leite nos supermercados Pingo Doce e Continente por ter verificado que o leite estava a ser vendido abaixo do preço de custo, concorrendo na prática de dumping. Parte das associaçons de produtores assinalárom esta atuaçom como o caminho a seguir, considerando que o que se pede nom som subsídios senom umhas regras de mercado justas para os produtores.

O império contra-ataca

Por sua vez, o CEO da Sonae nega qualquer acusaçom de práticas ilegais na concorrência e afirma categoricamente que "é importante dizer que hoje a agricultura nom é de coitadinhos, como há uns anos. Atualmente, os produtores agrícolas, além de fornecerem a grande distribuiçom, tenhem capacidade para exportar". O chefe do holding ameaça mesmo com aumentar as importaçons de produtos estrangeiros se os produtores de leite nom chegarem a um acordo com o Continente.

Similitudes com a Galiza

As ligaçons desta crise com a ocorrida na Galiza há agora dous anos som múltiplas, mas no primeiro há que nomear a desregulamentaçom a que se tem chegado no setor agrícola em ambos os países para entender as práticas abusivas com que jogam as multinacionais. Perante a ausência de políticas comprometidas com o meio rural em ambos os países, o modo de vida da agricultura pode ter entrado num período de falência difícil de encaminhar se nom se tomarem medidas com rapidez.

POVOS

A Noruega e a Suécia reconhecêrom plenamente os direitos dos sami em 2007

Os 'índios' da Europa

FERNANDO ARRIZADO / Pois nom, nom nos referimos aos habitantes da Gallaecia (ainda que nestas linhas secundemos aquelas antológicas palavras do Beiras sobre reservas índias, vaqueiros e... , bom, sabem bem de que estamos a falar). Nom, referimo-nos aos sami, povo do norte da península escandinava, que se estende entre as fronteiras dos estados norueguês, sueco e finês, e a península Guoladat na Rússia.

Os sami, saami, saapmi, ou saamelaiset (povo sami) -mais conhecidos polo termo depreciativo 'lapons' (algo assim como 'galleguiños')- som o único grupo étnico dentro da UE classificado como "indígena". Ainda que mais correto fosse falar de povo aborígene (*ab origem*) ou originário; porém, também depende de quando comecemos a contar: sabe-se que os sami já habitavam essas terras antes da chegada do cristianismo e dos povos germánicos, mas nom está tam claro que sejam os povoadores mais antigos.

> A sua consciência como povo está mais viva que nunca

A Noruega e a Suécia, nom assim finlandeses e russos, reconhecêrom plenamente os direitos dos sami em 2007, quando a ONU aprovou a Declaraçom dos Direitos dos Povos Indígenas. Na Finlándia continuam a trabalhar arreio para mudar a situaçom. Desta forma, a 2 de janeiro foi inaugurado em Aanaar o Centro Cultural Sami 'Sajos', que procura o fomento da cultura e da língua próprias (ainda que tenham mais de um idioma ou variante idiomática -por total desconhecimento, nom usarei polémicas filológicas em vão-); ademais, o centro albergará a nova sede do parlamento dos sami finlandeses.

E um pouco de história para finalizar: no séc. XVII o governo sueco obrigou-nos, manu militari, a trabalhar nas minas; em 1848, a Noruega negou-lhes por decreto qualquer direito de propriedade sobre as suas terras. O processo de anulaçom identitária incluía a obrigaçom de se assentarem nas cidades e a proibiçom da língua, da toponímia e da antroponímia próprias. Já em 1917 foi organizado o primeiro congresso nacional sami, mas nom foi até depois da II Guerra Mundial que tomárom consciência real como povo, que, afortunadamente para eles, continuam a manter mais viva que nunca.

PALESTRA

O caráter colonial da Galiza, definido polos primórdios do nacionalismo contemporáneo, volta ao debate público

Porque Galiza nom é umha colónia?

Vítor B.

Esta pergunta tem conseqüências políticas práticas importantes:

1. Nas colónias a sociedade está marcada pola preponderância do mundo agrário e da mineraçom extrativa, setores que produzem matérias-primas, sem elaborar. Na Galiza atual, a mineraçom é escassa e a classe camponesa já nom é maioritária e está mui envelhecida. A exportaçom de matérias-primas galegas diminuiu. Prova disto é o caso do granito e o principal recetor deste granito sem elaborar é a Itália.

A contradiçom campo-cidade tem pouca importância.

2. A existência dumha burguesia própria galega é um feito (Pescanova, Gadis, empresas têxteis, estaleiros, conservas, transporte, etc.) Ademais, pessoas da burguesia galega conseguírom transformar-se em oligarquia espanhola (Amancio Ortega, a sua ex-mulher, ou Jove).

É de salientar ainda que na Galiza nom existem os colonos a ocuparem terras, criando aldeãs e bairros de Espanhóis.

A fábrica da SEAT de Vigo é de maior produçom na Espanha.

O aparato repressivo do Estado é formado mui maioritariamente por pessoas desclassadas galegas.

Em definitivo, a Galiza é umha sociedade europeia industrializada.

3. Tal como Lenine, consideramos que a verdade é a maior arma revolucionária. Por isto, para nós, como marxistas-leninistas, é importante achar a verdade e expô-la publicamente.

4. Os clássicos afirmavam que numha colónia todas as classes estam objetivamente interessadas na independência nacional da metrópole. Isso, no entanto, nom é o que acontece aqui. No nosso caso, a burguesia autóctone nom está interessada na independência, porque se sente à vontade na sua aliança com a oligarquia espanhola. As organizaçons políticas da burguesia galega, como é o BNG, representam estes interesses, estam na trincheira do inimigo.

> Nas colónia todas as classes estám pola independência

Isto leva-nos a dar importância ao confronto interno, à guerra civil.

5. Consideramos que a perduraçom no tempo do "feitiço da colónia" se deve à debilidade teórica.

Mas o estudo social dá-nos umha forte base científica para entendermos porque é imprescindível a independência.

A existência de diferentes povos é umha característica social humana pré-capitalista.

Estas posiçons também nos levárom a entender que a luita de classes é a contradiçom social hegemónica na Galiza. E ela que influi sobre todas as outras contradiçons sociais, incluída a contradiçom nacional antagónica.

Desta maneira, a luita de classes na sociedade galega é umha luita de libertaçom nacional e social.

Assim, já nom encaramos a soluçom da opressom nacional por um lado e o fim da exploraçom, por outro; senom que vemos que o confronto é entre a oligarquia espanhola (com os seus aliados: o clero e a burguesia galega, com o poder do estado) contra a única alternativa real, a do proletariado galego unido com o resto do povo trabalhador. A alternativa real passa por conseguir o poder político para o proletariado galego, a independência e a construçom do socialismo no mundo com os outros povos todos.

6. Vemos a Galiza coma umha sociedade nacional dividida em classes sociais antagónica e, com a existência dum fator externo (a oligarquia espanhola), que influi através da burguesia galega e de pessoas desclassadas que formam o aparato repressivo desta oligarquia.

Vitor B. é membro do Ateneu Proletário Galego

Galiza, colónia ou champô?

Brais Fidalgo Martínez

Parece que há consenso no nacionalismo sobre a existência de umha opressom nacional de caráter colonial na Galiza dos anos 60 e 70.

Na altura nom foi fácil defender a ideia do nosso submetimento colonial, sendo muitas vezes motivo de descrédito e mesmo mofa por parte do espanholismo e do 'pseudogaleguismo progre'. Há que reconhecer que a conceçom da Galiza como colónia ajudou nesse tempo a visualizar e denunciar a opressom do nosso povo.

Partindo da evidência de que o país atual nom é nem pode ser o mesmo, e que certos elementos claramente coloniais agora som mais difusos ou diretamente desaparecêrom, afirmarei que na sociedade galega atual ainda se dam situaçons (de natureza político-social) que eu definiria como de caráter colonial.

De umha perspetiva mais sociológica do que política, centrarei-me num elemento chave na configuraçom de toda a naçom que queira ser soberana, a vontade de ser como povo diferenciado, quer dizer, 'a autoconsciencializaçom'. Já que é o povo, entendido como as classes sociais submetidas ao imperialismo, que deve assumir a luita anti-imperialista.

E no entanto, é na vontade de ser onde o resíduo colonial permanece mais vivo no seio do nosso povo, e é no estado de crise permanente da nossa língua onde se manifesta com mais força e vigência. Ainda nom sendo o conceito clássico de colonialismo aplicável à Galiza, na minha opiniom é na autonegaçom da nossa língua e cultura onde é mais palpável a mentalidade de colonizado que impregna em muitos campos a personalidade do povo galego.

Albert Memmi estudou na sua obra 'Retrato do colonizado' as caraterísticas psicológicas do colonizado e a sua relaçom com o colonizador, afirmando que nesta relaçom se dá umha "dignificaçom do colonizador e umha depreciaçom do colonizado". Descreve certos traços do colonizado coma a docilidade, submissom, dependência, incapacidade de autodireçom, amor desmedido ao estrangeiro, bilingüismo colonial, etc. Memmi fala-nos de que no colonizado o amor polo colonizador está cimentado sobre a vergonha e o ódio a si mesmo (...) admitindo a sua própria destruiçom, a rejeiçom de si mesmo e a estima polo "outro". O espaço e o tempo em que Memmi elabora as suas teorias som distantes da Galiza atual, mas os esquemas de análise que emprega som aplicáveis a qualquer povo submetido a umha dependência secular de género colonial como é o nosso.

> O amor polo colonizador está cimentado sobre a vergonha do colonizado

No caso da Galiza, ao longo dos anos foi-nos transmitido que os traços do mundo galego, atribuídos ao galegofalante do rural socialmente maioritário, eram valores negativos frente à dignificaçom das classes dirigentes das cidades e vilas. Esta visom generalizada transmitiu-se de geraçom para geraçom e de família para família até chegar a ser o que Memmi acabou por chamar "profecia de autocumprimento", pola qual o colonizado dúvida de si mesmo e começa a aceitar e a viver a imagem imposta.

Diante da complexa pergunta de se a Galiza é umha colónia (do aspeto económico ao cultural) de Espanha, nom se me ocorre umha resposta categórica, mas estou convencido de que o esquema descrito por Memmi é aplicável ao processo de formaçom da personalidade do povo galego, e portanto impregnada de auto-ódio e complexos originados numha relaçom de opressom colonial. A muitos de nós venhem-nos à cabeça milhares de exemplos e situaçons semelhantes às descritas polo autor tunesino, sem ser necessária umha verificaçom empírica da sua vigência.

NOTA: A ortografia deste artigo, cujo original seguia as normas ILG-RAG, foi adaptada polo NGZ com a autorizaçom do autor.

Preenche este impresso com os teus dados pessoais e envia-o a **NOVAS DA GALIZA, Apartado 39 (CP 15.701) de Compostela**

Nome e Apelidos Tel.
Endereço C.P.
Localidade E.mail
NºConta
Junto cheque polo importe à ordem de Minho Média S.L.

Subscriçom + livro = 35 €
Subscriçom anual = 24 €
Subscriçom + pack bilharda = 30 €
Subscriçom + duplo pack bilharda = 35 €
Assinante Colaborador/a = €

ENTREVISTA

"Fraga chega à Junta graças a umha saca de votos em Ourense chegados misteriosamente da Venezuela"

"Manuel Fraga foi dos pés a cabeça um presidente contra a autonomia de Galiza"

GUSTAVO LUCA É JORNALISTA E AUTOR DA BIOGRAFIA NOM AUTORIZADA 'FRAGA, RETRATO DE UM FASCISTA'

MARIA ÁLVARES / **Fala-se muito nestes dias de recuperaçom de memória histórica, enquanto Fraga é enterrado com todas as honras e apoiado por umha operaçom estética que apresenta o ministro franquista e ex-presidente da Junta como um homem generoso, um estadista e um dos pais da democracia. Mas com a ajuda do jornalista Gustavo Luca (autor de 'Fraga, Retrato de um fascista') analisamos o verdadeiro papel de Fraga no Franquismo, na Transiçom e à frente da Junta.**

Fagamos um exercício de memória histórica. Quem foi Fraga?
Fraga foi advogado do Estado. Daí lhe vem a ideologia conservadora e a concepçom dum estado centralista, e manifesta-o muitas vezes em actos públicos com a frase: "España, lo único importante". Dá-se conta de bem novo que as oposiçons ao estado som claves para fazer carreira política e assim as concebe. Alista-se na fraçom reformista do partido único, mas reformismo na Falange é sinónimo de continuismo. Neste sentido podemos considerá-lo como herdeiro ideológico de Carl Schmitt (a quem chega a entregar a medalha de ouro do Instituto de Estudos Políticos), e com ele comparte três características do fascismo: a mistificaçom, a mentira e a negaçom da luita de classes. Seguindo isto, traça o seu discurso: dentro da democracia pode-se produzir o fascismo, por isto há que procurar que a populaçom o legitime.

Falemos del como ministro de 'Información y Turismo'. A Lei de Imprensa foi realmente tam aperturista como se quer fazer crer?
Fraga chega a este ministério precedido por Arias Salgado e desenvolverá a lei que este preparava (bastante mais dialogante que a de Fraga). A Lei de Imprensa de 1966 implanta um sistema de censura vertical: todo o conteúdo vai passar polo Ministério, e o resultado som 550 processos duríssimos contra vários jornais. Na realidade, os avanços na imprensa nom se fam graças a ele, mas apesar dele. Daquela, existia o lápis vermelho (nom se podia publicar) e o lápis azul (recomendava nom publicar-se) e a "neveira" dos jornais estavam cheias, caso tivéssemos que substituir algo à última hora.

Como responsável do Turismo, diz-se que a ele se deve o impulso económico deste sector...
Fraga é o responsável da destruiçom do litoral com a construçom dumha parede de betom fronte ao mar qualificada nos guias de turismo estrangeiros como o turismo mediterráneo da pior espécie. É responsável também da concessom do crédito turístico que traz consigo arredor de vinte mil casos de corrupçom. Apresenta-se como voluntário para exercer de portavoz da ditadura, procurando um protagonismo diário. Neste novo papel justifica e mente sobre as mortes de Julián Grimau, Enrique Ruano e sob a malheira brutal que dá a policia ao correspondente de *Le Monde*, José Antonio Novais.

Mentres noutros países os fascistas som julgados, aqui morrem com elogios. Por quê? qual é o papel da Lei de amnistia?
A oligarquía espanhola liquidou o Franquismo em troca da Lei de Amnistia de 1977. Todo o demais era discutível, mas nom esta lei de ponto final, aprovada com os votos do PSOE e do PCE. Invocando esta Lei impedírom a revisom do julgamento de Grimau ou o dos anarquistas Granado e Delgado. Três julgamentos com condenaçons de morte previstas, anunciadas como um triunfo polo ministro Fraga. No processo dos GAL aparece o nome de Fraga, como fundador das brigadas negras e ele mesmo avisa que há segredos de Estado que é melhor manter no quarto dos horrores. A Lei de Amnistia silenciava a calculada eliminaçom física do adversário político, e, a maiores, ocultava a resistência.

> "Cuevas presumia de ter convencido Fraga da eucaliptizaçom"

Poucos conhecem o papel do Exército Guerrilheiro no franquismo.
Na Galiza, os fascistas meteram o exército de Africa por Mançaneda e Trevinca no 42 para acabarem com a Guerrilha por consunçom. Que memória fica da resistência galega, contra quem mandárom um exército completo? Um historiador da TVE di que o Exército Guerrilheiro "rematou na delinqüência: roubando galinhas". Ele é o delinquente. Sem memória que proporcione prestigio social às pessoas que entregam todo e perdem todo por mudar o futuro, a resistência acaba nas maos do mistificador da TVE ou do seu chefe Fraga. Eis a explicaçom dos ditirambos fúnebres a Fraga à beira do esquecimento de personalidades da resistência, insultadas polo próprio Fraga desde os diversos cargos que ocupa no fascismo.

Define o estilo do seu governo.
Fraga é o esperpento do Antigo Regime que di que só umha pessoa erudita vale para governar. Um preconceito contra a ascensom do povo ao poder, contra a Democracia. Fraga repete que os cargos de responsabilidade som para gente doutíssima. No entanto, em todos os casos de emergência, o único que fijo foi mandar assaltar a tropa, com as conseqüências conhecidas em Vitoria, Montejurra, Madrid ou Ponte-d'Eume em 1992 onde mandou investir contra os grevistas da Endesa e feriu gravemente umha nena de dous anos. Também há que lembrar como chega Fraga à Junta, exigindo umha maioria absoluta que a consegue graças a umha saca de votos em Ourense chegados misteriosamente da Venezuela.

Como desenvolve a autonomia?
O espírito fundador das autonomias era de restituiçom cultural, política e (no caso da Galiza) económica. Na presidência da Junta, Fraga interpreta ao revés esta filosofia: parece-lhe que os saldos da desamortizaçom, a provincializaçom de Madoz e a operaçom de apagar o nome do País durante 43 anos de Fascismo (a Galiza foi chamada com o nome infamante de Noroeste) e o castigo da emigraçom nom figéram da Galiza unha regiom avondo espanhola. Encarregou-se de que os estúdios da TVG fossem os primeiros em copla e peineta e aplicou o bilinguismo harmónico que ignorava criminalmente a diglossia histórica em benefício da língua de uso esmagador nos meios, da língua armada da colonizaçom. Quanto à economia, mantém divididas para dominá-las, as Caixas do norte e do sul e desprezou com arrogáncia o temor de absorçom e privatizaçom que lhe transmitírom os empresários do seu partido. Aquela morte anunciada das Caixas como instrumento próprio de crédito de Galiza, está a cumprir-se agora. Manuel Fraga foi dos pés à cabeça um presidente contra a autonomia de Galiza.

É responsável também polo fenómeno de eucaliptalizaçom...
É raro ler referências à política florestal de Fraga enquanto presidente da Junta. Parece matéria reservada. Consistiu em nom ter política, em meter o Plano Florestal no frigorífico e permitir que inçasse o eucalipto, tanto no monte como nos pastiçais e nas terras de lavoura. O empobrecimento do País foi enorme, mentres os fabricantes de pasta de papel faziam mangas. Fraga promete aos empresários a congelaçom *in aeternis* do Plano Florestal. O que fora presidente da CEOE José María Cuevas, presumia de ter convencido Fraga de que era urgente eucaliptizar o País. Também é casualidade que no verao de 1989, na véspera da campanha de Fraga á Junta, ardessem os pinheirais de todo o País e que neles inçara de seguida o eucalipto que hoje é a espécie dominante.

A FUNDO

"O Grupo Voz arrepanhou nesta legislatura 7,2 milhons, um pouco mais de 40% do total pago aos editores"

Feijóo deu à imprensa 10,8 milhons a dedo

A MAIOR PARTE DAS AJUDAS, QUE ASCENDEM A 17,9 MILHONS EM TRÊS ANOS, NOM SOM TRANSPARENTES

A Junta de Galiza pagou mais de 17,9 milhons de euros a empresários de meios de comunicaçom social desde que manda Alberto Nuñez Feijóo. O Governo entregou 62% desta quantidade de forma discricional. Som 10,8 milhons dados a dedo, sem qualquer convocatória pública.

H. CARVALHO - W. BURNS / O PPdeG incumpre assim o seu programa eleitoral, onde denunciava as "políticas de publicidade e propaganda exercidas sem controlo nengum" e o "clientelismo" do bipartido. Núñez Feijóo prometia que "as convocatórias de ajudas dirigidas aos meios se farám de acordo com a lei e sempre com transparência".

Ao longo do presente mandato, essa promessa de "transparência" traduziu-se em 10,8 milhons atribuídos sem concurso; bem mediante convénios e subvençons sem concorrência, bem mediante contratos 'a dedo', tramitados urgentemente e sem publicidade.

Em troca de quê?

Nom há outra indústria galega que ano após ano apanhe tal colheita de dinheiro público sem contraprestaçons. Por exemplo, a Junta prometeu 11 milhons para a fábrica de automóveis eléctricos em Ourense. Em contrapartida, a Xero deveria criar 1.030 empregos. Os capitalistas da informaçom recebérom 17,9 milhons enquanto fechavam cabeçalhos, botavam centos de trabalhadores e recortavam salários.

À vista das cifras da investigaçom, o NOVAS DA GALIZA e do GC, o Colégio de Jornalistas e Sindicato de Jornalistas concordam em afirmar que está a manter-se um sistema caciquil em proveito dos grandes jornais.

Concursos a dedo

Os esforços dos responsáveis da Junta para dissimular este sistema clientelar levam por vezes a Administraçom ao surrealismo. Por exemplo, a maioria dos concursos para propaganda da Junta publicam-se na Plataforma de Contrataçom no mesmo dia em que som decididos.

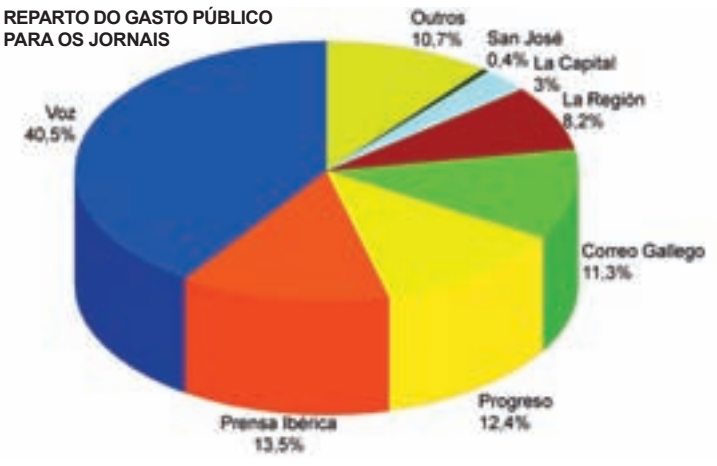
Alguns tenhem títulos com umha camuflagem tal como "Servizo de difusión e divulgación de información agrogandeira e forestal no xornal de maior difusión dentro da provincia da Coruña". Adivinham quem o ganhou?

PERCENTAGEM DE PAGAMENTOS A DEDO EM RELAÇOM AO TOTAL

GRUPO	%
San José	10%
Outros	28%
El Correo	51%
La Capital	54%
Pr. Ibérica	59%
Media total	62%
La Voz	65%
El Progreso	73%
La Región	76%

Efetivamente, os 150.000 euros desse concurso arrecadou-os *La Voz de Galicia* em 1 de junho. No mesmo dia, o Meio Rural sacava e resolvia concursos idênticos - sempre tramitados como "negociados sem publicidade"- para os diários mais vendidos nas outras províncias. O resultado: 130.000 euros para *El Progreso*, *La Región* e *Faro*.

REPARTO DO GASTO PÚBLICO PARA OS JORNAIS



Ademais destas adjudicaçons discricionais, os governantes usam também os convénios de colaboraçom para repartir dinheiro público sem publicidade. Nesta legislatura todas as Conselharias assinárom várias quendas de convénios com os grandes editores.

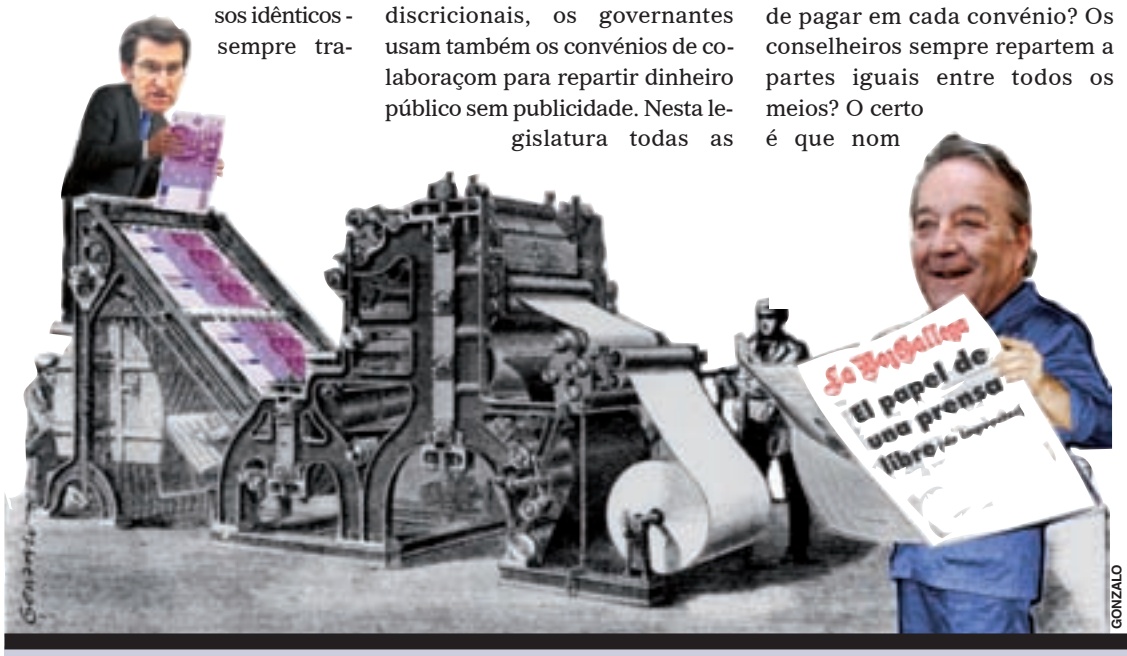
Café para quase todos

Como decide a Junta quanto há de pagar em cada convénio? Os conselheiros sempre repartem a partes iguais entre todos os meios? O certo é que nom há mais norma que o critério de cada político.

Por exemplo, em 14 de dezembro o conselheiro da Presidência assinou um acordo para a "publicaçom de reportagens sobre justiça, administraçom local, etc." só com *Faro* (40.000 euros). Dias antes o mesmo Alfonso Rueda subscrevia convénios para "elaboraçom e difusom de reportagens" sobre os planos Impulsa de Lugo, Ferrol e Ourense com El Progreso (70.000), La Voz (70.000) e La Región (100.000). Como nom há Plano Impulsa Ponte-Vedra, El Faro nom puido cobrar na primeira quenda, mas Rueda compensou-no com um convénio ad hoc.

Só em dezembro o número dous do PPdeG entregou 280.000 euros a dedo aos diários para que informassem das políticas sobre que decide o próprio conselheiro. É verdade que os convénios especificam que a "fixaçom da linha editorial e a conseguinte responsabilidade editorial dos conteúdos publicados corresponderá ao meio", mas só os ingénuos crerám que o jornal que deixe em mal lugar a Rueda nom se arrisca a ficar sem o seu pedaço de bolo na próxima partilha. Ao fin e ao cabo, quem parte as porçons é o próprio Rueda.

Os dados demonstram que o Governo usa este milionário reparto discricional para premiara os afins e castigar os críticos. Nem o NOVAS nem o GC cheirárom um convénio. O defunto *Xornal de Galicia* apa-



Jornalistas denunciam clientelismo, falta de transparência e critérios discutíveis

O decano do Colégio Profissional de Jornalistas da Galiza, Xosé Manuel Pereiro, assinala que esta política de ajudas "colabora com o darwinismo" se está baseada na "difusom e na importáncia do meio", provocando que os "que morrem som todos do mesmo bando". Pereiro julga que num contexto normal nom deveria existir este modelo, salvo por motivos "culturais ou sociais". Mas "se dam ajudas a fabricantes e mesmo a compradores de carros, com mais razom a um meio de comunicaçom social", sentencia. Na sua opiniom deveriam ser potenciadas "aquelas opçons que incrementem a oferta, e nom as que satisfám a demanda", ainda que o considere um debate aberto. E em relaçom às ajudas para meios que utilizam o galego, defende que "deveriam estar circunscritas aos meios escritos integramente em galego", com independência da norma ortográfica que utilizem.

Por sua vez, o secretário-geral do Sindicato de Jornalistas, Santiago Montes, conclui que este sistema "nom tem nengum sentido e nom é útil". Acha que tam só serve para manter umha "estrutura que só se entende de modo clientelar e sustentada através deste modelo de financiamento público". Estrutura que nem sequer ajuda a melhorar as condiçons do pessoal dos meios, cuja precariedade "continuou a aumentar enquanto crescérom as injeçons de dinheiro público".

Montes defende que as linhas de subsídios deveriam limitar-se a aquelas que contemplarem "critérios de contrataçom com publicidade para chegar a setores amplos e diversos" sem atender exclusivamente à "tiragem e à difusom". Entende que a perversom dos resultados obedece a que "as regras do jogo estám pervertidas logo de saída", já que existem numerosas vias para oferecer dinheiro aos meios de maneira direta e a partir de "critérios mui discutíveis", umhas vias que som recusadas a umha parte dos meios.

Em palavras de Pereiro as ajudas deveriam dar-se "com transparência, com base em parámetros concretos, com critérios finalistas e com certas condiçons, como consolidar postos de trabalho". Este último factor também é considerado por Montes, que adianta que o Sindicato de Jornalistas prepara umha proposta de ajudas conjunturais para ajudar à contrataçom de jornalistas com o objetivo de "compensar a baixada de qualidade brutal que se está a viver [nos meios de comunicaçom] polas políticas de cortes de pessoal".

nhou um por 8.063 euros. O Grupo Voz (*La Voz*, Sondaxe, Canal Voz, V Televisión, Radio Voz e GAESA) leva um chisquinho mais. Bem, na realidade bastante mais: 2.179.822 euros em 21 convénios.

Grupo Voz é o mais favorecido

Santiago Rey leva sempre o melhor quinhom. O Grupo Voz arrepanhou nesta legislatura 7,2 milhons, um pouco mais de 40% do total pago aos editores. Este tratamento de favor aprecia-se também em que há convénios e subsídios feitos só para este grupo. Só *La Voz* recebeu 125.000 euros da Educaçom para editar umha coleçom das Letras galegas. Só La Voz puido pagar 10% da sua nova imprensa com 2,2 milhons do IGAPE.

Desses 7,2 milhons pagos a La Voz, unicamente 2,5 provenhem das duas linhas de subvençons anuais que publica o DOG. Essas duas convocatórias som as únicas que se regem por critérios públicos e equitativos, mas estas ajudas via DOG nom chegam a 40% do bolo total. Além disso, dessas convocatórias do DOG ficam excluídos os meios que nom tenham cinco trabalhadores, como o GC, e os que nom escrevem na norma da RAG, como o NOVAS.

No curso desta legislatura, o grupo El Progreso (*Diario de Pontevedra*, AGN, *Telelugo*, *El Progreso*, *Galiciae*, *De Luns a Venres*) já recebeu 2,2 milhons; a Prensa Ibérica (*Faro* e *La Opinión*) 2,4 milhons; a Editoral La Capital (*El Ideal* e diarios de Ferrol, Bergantinhos e Arousa) 543.000 euros; La Región (*Atlántico Diario* e *La Región* de Ourense) 1,4 milhons e a Editorial Compostela (*El Correo*, *Galicia Hoxe*, *Radio Obradoiro* e *Correo TV*) dous milhons.

Herdança do fraguismo

A construtora San José de Jacinto Rey (*Xornal de Galicia* e *A Nosa Terra*) pagou a sua amizade com os sócios do bipartido. Somou 77.000 euros, 11% mediante um convénio a dedo. Para nom tolear com tanto número, é melhor descarregar a base de dados com todos os pagamentos a todos os meios postada na web do GC.

Em 1996, nos tempos de Fraga, a revista *Galicia Internacional* publicou umha reportagem similar a esta. Na capa, umha teta de vaca alimentava umha mungidoira com os logos de *La Voz*, *Faro*, etc. Chegou o bipartido e mantivo o reparto clientelar, com o único avanço de facilitar o acesso aos convénios e aos contratos umha vez assinados.

Feijóo nom criou este sistema, mas continua cevando-o em plena crise mentres presume de austero. O granjeiro é outro, mas a vaca (a Junta), os tetos da mugidoira (os grandes jornais) e, sobretodo o leite (o dinheiro dos cidadaos) som os mesmos que os da foto daquela capa de há 16 anos.

A EXAME

"A gestão descentralizada e não hierarquizada da energia poderá substituir os modelos atuais"

Anotações nas margens dum território

HÁ UMHA GRANDE TRADIÇÃO DE EXPERIÊNCIAS COMUNITÁRIAS NA GESTOM DOS RECURSOS

Alberte Lousada

i. Territórios, recursos naturais e práticas comunitárias

Nestes tempos convulsos, os debates sobre o território incorporaram a variável da participação e o envolvimento direto das pessoas na gestão do espaço que lhes é próximo. Como acontece com quase tudo neste país, incorporaram-se ao debate elementos e práticas forâneas como *as últimas novidades de Paris*. Por vezes, o que se apresenta como novidade não deixa de ser uma nova etiqueta para velhas práticas, como é o caso da chamada custódia do território. Pelo contrário, longe das imagens criadas sobre um País de práticas individualistas, divisão do indivisível e disputas, a história revela-nos uma alargada tradição de experiências comunitárias do território e dos seus recursos. Algumas mais conhecidas, como as experiências do mar, algumas conhecidas mas pouco valorizadas, como os baldios, outras menos reivindicadas, como as comunidades de águas.

ii. A titularidade comunitária do território, a mão-comum

Os montes em mão-comum não são deste mundo. A sua lógica não responde às dinâmicas de espólio e lucro inerentes ao capitalismo. Os montes em mão comum procedem duma concepção comunitária do território. Esta realidade viveu-se sempre como uma anomalia por quem tinha que legislar, ordenar, e foi assim que a mão-comum sempre necessitou duma anotação nas margens no quadro jurídico em vigor. Num mundo concebido entre dous marcos, dous jeitos de possuir, a propriedade pública e a propriedade privada, a realidade da mão-comum era doutro mundo.

Daí o interesse que tem a luta pelo reconhecimento da propriedade comunitária -há quem prefira falar de titularidade- como um meio de possuir ou aproveitar o território no quadro jurídico atual, que desde há anos encabeçam os sectores mais activos do movimento dos baldios integrados na Organização Galega de Comunidades de Montes em Mao Comum (ORGCMM). Uma reivindicação que extravasa o próprio âmbito dos montes, pois não só seria o reconhecimento duma demanda do sector. Uma medida tal faria abalar as estruturas que dão suporte aos mecanismos de posse e propriedade tal como hoje os conhecemos na Galiza. A possibilidade de incorporar a propriedade comunitária ao nosso regime jurídico embate numa pedra: a Constituição espanhola, que só enuncia as duas formas hegemónicas de possuir, a pública e a privada. Mais uma vez, a Constituição espanhola. Porque não erguer, então, por parte dos movimentos sociais a reivindicação do comunitário em termos políticos e tornar visível uma realidade que não responde à lógica do capital?

Longe de ser uma cousa do passado, os montes em mão-comum são uma ferramenta de futuro para o processo de construir um País e devem fazer parte do nosso património cultural imaterial.

> Incorporar a propriedade comunitária ao nosso regime jurídico embate numa pedra: a Constituição espanhola

iii. As redes comunitárias da água

No seu momento, a necessidade de melhorar as condições de vida, levou os habitantes de muitas paróquias a se organizarem e construir as redes de abastecimento de água, e nalguns casos, também, as redes de esgotos. Na falta da administração, e levadas pela preocupação de melhorar o lugar que habitavam, as pessoas organizaram-se e intervieram sobre o território atendendo uma necessidade.

Hoje temos ante nós uma realidade constituída por sistemas de abastecimento de água independentes; de baixo custo pois não obrigam a disponibilizar grandes infraestruturas entre os lugares de captação e as habitações; mais eficientes, porquanto a menor distância antes referida minimiza as perdas de água; autogeridos, envolvendo a vizinhança na gestão directa do recurso.

Quando o contexto foi propício e as administrações assumiram levar água e saneamento às habitações, aplicaram modelos que respondiam mais a outra realidade geográfica, com outros padrões territoriais. Optou-se por modelos de redes centralizadas. Às vezes, o início e o final da rede distam entre si mais de 20 quilómetros. O custo de manutenção destas redes obriga a disponibilizar importantes recursos económicos, o que dificulta a prestação dum bom serviço.

Como acontece com a mão-comum, esta realidade, as redes comunitárias, é enxergada como uma anomalia que se pretende neutralizar. Não estamos a dizer que este modelo fosse válido para todo o território, mas em que medida a experiência acumulada das iniciativas vizinhais foi avaliada e valorizada? Bastará apenas um exemplo: em face de um episódio de poluição, as realidades descentralizadas apresentam melhores condições para minimizar o problema que um modelo de abastecimento de carácter centralizado, reduzindo-se sobretudo a população afectada. Tenho na memória o episódio do Úmia e a empresa Brenntag em 2006, incidente que deixou sem água toda uma comarca.

iv. As práticas comunitárias para o País em que vivemos

Quanto podemos aprender destas experiências de gerir os recursos naturais? Estas práticas, longe de ser formas do passado, devem ser valorizadas como plenamente atuais. Quando se consultam os trabalhos académicos sobre a matéria, verifica-se que é a disciplina da História que tem produzido a maior parte da pesquisa acerca destas práticas comunitárias, centrada mormente nos baldios. E, pelo contrário, verfica-se também que os estudos doutras disciplinas sobre estas experiências são escassos ou inexistentes. É o que acontece com a presença do comunitário no quadro do direito. Quem frequentar Direito numa faculdade galega, terá um contato mínimo ou nulo com o direito germânico, uma lógica que determina grande parte do território que habita. A mesma cousa com os rapazes e raparigas que olham o monte da distância das salas de aulas, desconhecendo a carga cultural inerente à mão-comum. Com certeza, só se valoriza a realidade que se conhece, e há uma realidade ocultada em boa parte ao País.

E, sobretudo, será que podemos aprender destas experiências para poder aplicá-las noutros âmbitos das nossas vidas? São diversas vozes que apontam para um futuro em que a gestão descentralizada e não hierarquizada da energia irá substituir os modelos atuais em vigor. Projetos e experiências centradas na produção energética nas mãos de comunidades locais e vizinhais começam agromar em diferentes países. A longa história de espólio do nosso país por parte das grandes corporações energéticas, deveria fazer que considerássemos a possibilidade de caminhar por esses territórios.

MEDIA

"Desde 2009, a rede da Localia emitia só na Galiza, após a desapariçom da marca matriz a nível espanhol"

NOTAS DE RODAPÉ

'Corralito'

Nas Caixas transmudadas em Banco, os telefones raivam por causa das "participaçons preferentes". O bloqueio das chamadas anima muitos clientes a ocuparem delegaçons das velhas Caixas.

Os diários comprimem os protestos como assuntos menores e remetem-nos para ediçons locais. Procuram diminuir um assunto que compromete os aforros de 70.000 pessoas. O facto de o Banco nascido das caixas estar confiscado polo Banco de Espanha complica a reclamaçom e aumenta a angústia dos titulares das contas. Os antecedentes desta crise apareceram no Novas da Galiza.

1º Sob o princípio do "divide e vencerás" a Junta de Fraga atrasa fusom durante 18 anos. 2º O Banco de Espanha obriga a constituir umha só caixa em 2010 3º O presidente das caixas integradas, Jose Maria Castellano, anuncia investimentos milionários. 4º O Banco de Espanha fai-se com a caixa de Caixas despois de os prometidos investimentos nom aparecerem. 5º A valorizaçom dos ativos das caixas que fai o Banco de Espanha é comparativamente a mais ruim de todo o Estado.

As poderosas caixas, constituídas sobretodo polas remesas dos emigrantes, reaparecem, sem aviso prévio, como banco em apertos.

O Governo de Alberte Feijoo nom tem aparentemente opiniom sobre o embargo dos "investimentos preferentes". A informaçom pública em maos privadas, beneficiária de importantes achegas autonómicas, dá conta errática e parcial do caso.

O "corralito informativo" dos diários privados aumenta a importáncia dos meios desprezados e ignorados polas instituçons. Como em tempos do "Prestige", o País despreza a informaçom embargada.

Será preciso lembrar que depois da deceçom dos investimentos internacionais e em previsom do escándalo do "corralito financeiro", José Maria Castellano assinou convénios de colaboraçom com alguns meios?

A VAGA DE ENCERRAMENTOS DEIXOU SÓ UMHA DAS CINCO EMISSORAS QUE GERIA

O fracasso da Localia deixa 23 pessoas desempregadas

X.R. SAMPEDRO / Em finais de janeiro a empresa responsável polas emissoras da Localia na Galiza, a Utega, anunciou ao seu quadro de pessoal na emissora da Corunha o iminente encerramento da cadeia. Quinze dias antes do anúncio, a empresa já despedira duas pessoas e resolvera nom renovar o contrato a outras duas, com o que a equipa passara de dez para seis pessoas. Em simultáneo, fechava a estaçom Localia de Ponte-Vedra, deixando sete profissionais na rua, ao passo que a de Vigo, a derradeira da rede, reduzia 40 por cento do pessoal, despedindo cinco dos doze profissionais a cargo das emissons.

Desde 2009, a rede da Localia emitia só na Galiza, após a desapariçom da marca matriz a nível espanhol, pertencente à Prisa e chegou a gerir cadeias

em Santiago e Ferrol, além das de Ponte-Vedra, Corunha e Vigo, agora esmorecentes.

Licenças aos grandes grupos

Estes encerramentos som o resultado da política de concessons que desde sempre caracterizou a gestom dos meios de comunicaçom social na Comunidade Autónoma Galega. Compartilhamos a opiniom do Colégio Profesional de Jornalistas da Galiza no sentido de que o fechamento "redunda na perda de pluralidade informativa" e que por isso "saem prejudicados tanto os profissionais que trabalhavam nestes meios como a sociedade galega em geral". Deve dizer-se, contodo, que a falta de pluralidade era um mal que já padecíamos dantes. A livre expressom doutras vozes fica, logo de partida, impedida polo facto de as licenças se concederem só a empresas informativas, esquecendo a possibilidade de potenciar meios comunitários e públicos, de propriedade pública ou fruito do associacionismo de base. Assim, a própria sobrervivência desses meios fica nas maos da "viabilidade empresarial" das corporaçons que gerem a informaçom. Precisamente os meios de comunicaçom social mais próximos e aqueles em que a participação da sociedade poderia mais dar-se com mais facilidade, tornando possível um certo empoderamento nos canais de comunicaçom.

O sindicato USO justifica estas práticas, dizendo que o seu papel é só "sujeitarem os micrófonos".

A TVG entrevista altos cargos sem jornalistas

X.R.S. / Segundo noticia o digital *Galicia Confidencial*, na última semana de janeiro tornava-se público o conflito entre os sindicatos da TVG, na seqüência da denúncia pública realizada polo Comité de Empresa, em que se fazia saber a prática mais ou menos habitual de que reporters gráficos fossem encarregados de entrevistar altos cargos da Junta, sem a presença de redatores.

O sindicato USO diz num comunicado mui semelhante ao da empresa, emitido poucas horas antes, que esta prática é "habitual" e nom ocorre com mis freqüência "pola impossibilidade física que provoca a nom disposiçom dum terceiro braço, que costuma corrigir-se com um redator que sujeite o micrófono, seja da *Televisión de Galicia* ou nom".

A posição deste sindicato é qualificada de "desleal" pelo resto dos sindicatos, já que a USO subscrevera, juntamente com a CUT, CCOO, UGT, CIG e o Sindicato de Jornalistas, um comunicado conjunto.

Seja ou nom "habitual", o que é evidente é que o labor do jornalismo estará ausente destas entrevistas enquanto os meios públicos continuarem a exercer de porta-vozes do Governo.

Investigam o chefe de pessoal da CRTVG

X.R.S. / Segundo denuncia o Comité Interempresas, o chefe de pessoal da CRTVG, Carlos Paz Miñó, vai ser investigado pola Fiscalia, a requerimento do Julgado Social número um de Santiago de Compostela. A companhia poderia ser imputada de um delito de "desobediência à autoridade", polos incumprimentos reiterados dumha sentença de 2008 em que se declaravam nulos os despedimentos de várias pessoas que trabalhavam realizando transmissons em direto para a TVG através dumha produtora, em situaçom de cessom ilegal.

"A CRTVG poderia ser imputada por desobediência"

Desde entom, a companhia foi várias vezes advertida por decisons judiciais posteriores de que devia executar a sentença, cousa que a chefia de pessoal non fijo, incorporando essas pessoas em postos existentes e negando-se a criar postos de trabalho diretos em cumprimento da Lei da Funçom Pública da Galiza.

EM ANÁLISE

Santa Bárbara vende também a forças armadas de países em conflito, violando assim a legislaçom espanhola

Israel utiliza armas fabricadas na Corunha

MAIOR CONTRATISTA DA DEFESA DOS EUA E SIONISMO CONTROLAM A PRODUÇOM DA SANTA BÁRBARA SISTEMAS

No número 110 do NOVAS DA GALIZA já denunciomos a relaçom da fábrica de armas da Corunha com as práticas de guerra e limpeza étnica contra o povo palestiniano. Mas a fábrica é apenas umha peça minúscula no negócio de quem lucra com o conceito de "guerra total".

DAVID SHAW

OSCAR VALADARES / A fábrica de armas da Corunha fai parte, em primeira instância, da Santa Bárbara Sistemas, empresa criada em 1960 pela ditadura espanhola ao agrupar diferentes fábricas pertencentes ao Ministério da Defesa. A SBS continuou a ser umha empresa do Estado até 2001, quando o governo Aznar a privatizou e a vendeu, conjuntamente com as outras seis fábricas do grupo, à norte-americana General Dynamics, que, segundo a lista oficial Top 100 Contractors 2010 Report, é hoje a quarta maior contratista de defesa do governo federal dos EUA e, desde 2008, a quinta maior contratista de defesa do mundo. Deste modo, a fábrica da Corunha tem-se tornado mais umha peça na complexa engrenagem da indústria internacional da guerra, onde representa apenas umha mínima parte da faturaçom anual de 30.000 milhons de dólares do grupo norte-americano, presente em quase a totalidade dos conflitos armados do mundo, quer através das suas divisons de desenvolvimento tecnológico, quer através do armamento criado em fábricas como a galega. A GD está, por sua vez, participada amplamente por outras empresas, entre as quais a israelense Elbit Systems, envolvida na ocupaçom palestiniana, responsável pelo muro que separa a faixa de Gaza de Israel e que nos últimos tempos tem provido os Estados Unidos de diverso material para controlar a fronteira com o México e, desde 2009, instalado o muro que irá separar ambos os países.

Vendas contradizem as leis

Sob o guarda-chuvas da General Dynamics e da sua divisom europeia, a European Land Systems, a Santa Bárbara Sistemas fabrica vários tipos de armas que depois som vendidas a exércitos como o o espanhol, do qual, através em parte da empresa Inzar, é hoje a principal fornecedora. Esta realidade provocou que, desde o início desta crise económica, com os cortes no orçamento da Defesa, os ganhos do grupo tenham caído 47%, apesar ter pendentes de cobro 1.012,8 milhons de euros só com esse ministério, ao que há que somar o anúncio do governo de Rajoy de encarregar novo armamento. A SBS tem, além disso, contratos com o Ministério do Interior, a que fornece, entre outros produtos, metralhadoras ligeiras do tipo Ameli, utilizadas pola Unidad de Acción Rural, um departamento da Guarda Civil encarregado do combate às organizaçons consideradas terroristas. Ainda, a SBS tem parte das suas instalaçons, como as da fábrica da Corunha, em terreno público, cedido em consecutivos acordos à General Dynamics, o último dos quais foi assinado em 22 de julho de 2011 polo governo Zapatero, prorrogando mais cinco anos a concessom.

A SBS, porém, nom se limita ao comércio com o Ocidente. Vende também a forças armadas de países em conflito, violando assim a lei espanhola 53/2007 sobre controlo de comércio exterior de material de defesa, e a Posiçom Comum da UE (regulamento 1334/2000) a respeito do comércio de armamento, nomeadamente os seus critérios 2 e 3, que estabelecem a proibiçom de venda a estados em conflito com outros estados ou com conflitos internos. Umha Posiçom Comum, porém, que ninguém cumpre porque os principais países consumidores de armas protagonizam, na realidade, importantes conflitos armados tanto internos como externos. Entre outras verbas, em 2008, seis meses antes da invasom de Gaza, a SBS vendeu a Israel muniçom de alma lisa no valor de 91.045 €, bem como equipamentos de contra-medida, vigilância e detecçom no valor de 1.460.888 €. E no ano passado, a venda de equipamento bélico do Estado espanhol para Israel atingiu quase dez milhons e meio de euros, a maior parte dos quais correspondentes a SBS.

Ligaçons políticas

A relaçom dos contratistas de defesa com os governos é, contodo, fundamental para os seus interesses, porquanto os EUA, a Rússia, o Reino Unido, França e a China (estes cinco como membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU), juntamente com Alemanha e Israel, som hoje os principais produtores e exportadores de armas do mundo. É comum, pois, ver membros da direçom das companhias a ocuparem cargos institucionais de relevância, tanto no exército como nas diferentes administraçons públicas.

> Um ex-embaixador nos EUA está à frente da companhia
>
> É parte da complexa engrenagem da indústria da guerra

Pois, no caso de GD, o seu presidente executivo desde 2009, Jay J. Johnson, foi anteriormente almirante e chefe de Operaçons Navais da Marinha dos EUA. Formam a sua diretiva vultos das forças armadas norteamericanas, como os ex-generais Lester L. Lyles, Carl E. Mundy Jr., George Joulwan, e do exército britânico, como o ex-almirante sir Robert Walmsley, que entre 1996 e 2003 foi tamén chefe de fornecimentos do Ministério da Defesa britânico. Precisamente no ámbito da política, ademais de Walmsley, participante habitual em comités restritos do Parlamento londrino, outro dos membros da diretiva, James S. Crown, foi um dos principais apoios para a chegada de Barack Obama à Casa Branca, ainda quando, como a própria companhia manifesta publicamente, apoiar abertamente qualquer político para o poder é contra as normas da empresa. Em contrapartida, tal como reveleou a Wikileaks, o governo Obama tentou alugar as bases de GD-SBS como albergues de contingentes militares, concretamente no caso da fábrica de Palencia.

Quanto à Santa Bárbara Sistemas, as ligaçons nom som a menor nível: assim, entre outros, o seu máximo responsável, Antonio de Oyarzábal, foi embaixador espanhol em diversos pontos do planeta, entre os quais Washington (1996-2000) e é vice-presidente do Real Instituto Elcano de Estudios Internacionales y Estratégicos; e Carlos Villar Turrau, o responsável pola sua estratégia de negócio é ex-chefe do exército espanhol de terra.

Oposiçom cidadá

A oposiçom social á fábrica de armas da Corunha é hoje em dia reduzida, por causa da desinformaçom planificada polos grandes poderes políticos e mediáticos, ao ponto de que vizinhas e vizinhos da Corunha desconhecem terem às portas da cidade umhas instalaçons destas características e, muito mais, que dessa fábrica saiam componentes e armas destinadas a massacres principalmente em Oriente Médio. O principal foco de contestaçom tem-se criado por volta do movimento BDS, que tem umha dos ramos ativos precisamente na Galiza (*www.bds-galiza.org*) e cujo objetivo é promover o boicote, os desinvestimentos e as sançons contra os interesses económicos e políticos de Israel, que é, nom por acaso, o principal alvo dos produtos elaborados pola SBS. Reclamam, para isso, um movimento global similar ao que terminou, pola pressom internacional, com o regime do apartheid na África do Sul. Na Galiza, estám envolvidos no projeto as organizaçons Altermundo, FugaEmRede, Esculca, Pallasos en Rebeldía, a Liga Estudantil Galega e os sindicatos CIG e CNT-AIT.

DITO E FEITO

A partir de 2000 volta a festejar-se o entruido tradicional nas paróquias ribeirinhas ao Ulha

A Ulha recupera o Entruido dos Generais

O FRANQUISMO PROIBIU-O POR CONSIDERÁ-LO UM INSULTO PARA O EXÉRCITO E ÀS CONDECORAÇONS MILITARES

De Maceda a Vilarinho de Conso, de Cobres a Salcedo: Galiza inteira prepara-se para celebrar o mundo ao revés, o excesso e os prazeres da carne. Som cada vez mais os lugares que, graças ao trabalho associativo, estám a recuperar os seus Entruidos tradicionais, tirando o pó às velhas máscaras ou fazendo outras novas após muitas horas de investigaçom. Mais alá do massificado "Triángulo do Entruido" (Ginzo, Verim e Laça) som muitas as figuras que voltam a sair às ruas nestes dias: as 'madamas' e 'galáns', os 'merdeiros', os 'volantes' ou os 'generais'. Detemo-nos na recuperaçom e valorizaçom destes últimos, protagonistas do riquíssimo Entruido da Ulha.

O.R. / "¡Oído señores! ¡digan todos a mi voz! ¡Viva don Fulano de tal y toda su familia! ¡Vivan las personas de su mayor aprecio! ¡Viva la gente que nos mira y arrodea! ¡Viva la música y siga!". Vestidos com as suas melhores galas, portando condecoraçons militares e sobre cavalos também ataviados, os Generais da Ulha vam cantando os seus "Vivas" nas eiras das casas das diferentes paróquias em que se recuperou esta manifestaçom tam enraizada. Tenhem presença nas zonas ribeirinhas dos concelhos de Vila de Cruzes, Silheda, a Estrada, Vedra, Boqueixom, Touro, Teu e Padrom. Caracterizam-se polos seus picarescos combates verbais, baseados na secular luita contra os Mouros ou contra os Franceses. O Alto dos Generais costuma ser constituído por diversos elementos: os dous exércitos (compostos por abandeirados, sentinelas, correios e generais), a comparsa (onde moços e moças cantam cançons compostas para a ocasiom) e a parranda (o grupo mais informal). Nalgumhas zonas aparecem também figuras sarcásticas como a do alcalde ou a do frade.

A vestimenta vem dada pola caracterizaçom do exército, ao que se paródia com as suas roupas opulentas, as bandeiras e as múltiplas insígnias. O espanhol é o idioma empregado nos "Vivas" porque essa era a língua dos soldados de graduaçom; porém, o galego está presente nos versos das comparsas.

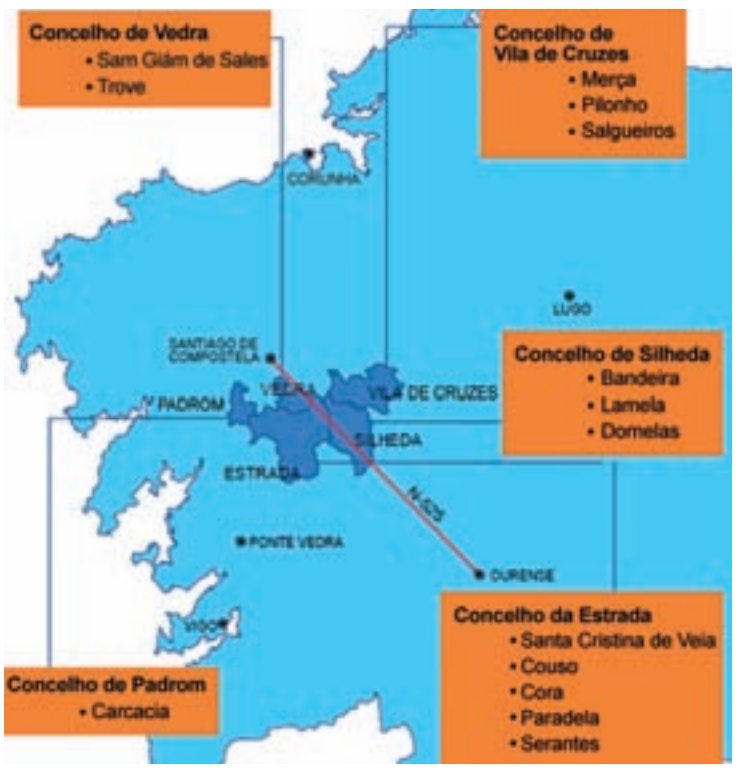
Um entruido ulhám: os generais da paróquia de Merça

Um dos exemplos mais vistosos do entruido ulham tem lugar na paróquia de Merça, no concelho de Vila de Cruzes. Nele, umha comitiva duns quinze generais percorre os lugares da paróquia e, trás arredor de cinco horas entrando –prévia licença– nas eiras das casas, chegam à Moa, onde os contendentes do exército galego e o espanhol (diferenciados polas bandeiras) se enfrentam numha luita de estrofes onde entra a política local, nacional, e mesmo internacional. Depois deles cantam os Mouros, em cujas coplas ficam recolhidas as novas da paróquia. Característico do entruido merzám é o Velho dos Cornos, umha corpulenta figura que fai parelha com a Fiadeira e que se adica a levantar o refaixo às assistentes. Esta peculiar máscara foi recuperada pola associaçom que leva o seu nome, umha das mais veteranas da zona com mais de dez anos de andamento.

> Em Merça generais galegos e espanhóis confrontam-se

Os Entruidos na Ulha

O Carnaval da Ulha constituía a princípios do século XX um entruido de sona em todo o País. Na tradiçom oral rastreja-se a sua existência desde logo a seguir à guerra contra o Francês. O franquismo proibiu esta tradiçom, considerando um insulto a paródia de que era alvo o exército e a vestimenta de adornos militares. Só desde a década de 60 e sobretudo de 70 é que as novas geraçons começarám a recuperar esta manifestaçom. Contodo, o escasso interesse institucional e a falta de recursos provocam que estes entruidos voltem a esmorecer, para serem recuperados mais umha vez a finais dos 90. Em 2000 o associacionismo local retoma as celebraçons em Lamela e Dornelas, paróquias do concelho de Silheda, e em 2007 um grupo de jovens volta a fazer sair os generais em Salgueiros (Vila de Cruzes), cujo entruido conta com mais de 250 anos de história. Assim, pode-se dizer que aproximadamente nos últimos quinze anos o entruido ulham se vém celebrando ininterrompidamente mercê do trabalho das associaçons, que realizam grandes esforços para juntar o dinheiro necessário para conofeccionar os trajes.



Este ano, aliás, diversos Concelhos da Ribeira do Ulha emprenderam uma iniciativa para que os Generais da Ulha sejam declaradps de interesse turístico. Há apenas uns dias os generais de três paróquias dérom um alto na compostelana Praça do Obradoiro para apresentar esta iniciativa.

"Estamos tentando confecionar um traje novo por ano"

ALBERTO DOMÍNGUEZ É MEMBRO DA ASSOCIAÇOM 'GENERAIS DO ENTRUIDO DA BANDEIRA'

Como nasce a vossa associaçom?
Montamo-la há quatro anos com o galho de manter viva a tradiçom dos generais, que se vinha realizando intermitentemente nos últimos anos. Herdamos materiais como trajes, chapeus, plumas, dragonas, etc. doutras associaçons e grupos vizinhas que no passado também organizárom o Entruido e que foram acumulando-se no Centro Cultural da vila. Com o que arrecadamos no primeiro ano, entre os Vivas e a barra da festa da noite, figemos uns arranjos deste material e mercamos um traje novo com todos os seus complementos.

Trabalhades para terdes mais trajes?
Claro, agora estamos tratando de confeccionar um traje por ano, o que nom é tarefa fácil porque rondam os 1.500 euros. Ademais, os complementos, que som caros, requerem muito tempo de trabalho, e arte, claro. O Concelho colabora um pouco economicamente, mas somos nós quem carregamos com a maior parte dos gastos. O nosso alfaiate é Luis Montáns da Estrada, que trabalha para

muitos dos entruidos da Ulha porque deve ser mui pouca a gente que ainda continue fazendo isto. Os trajes que empregamos atualmente som quase todos nossos, ainda que também tenhamos alguns emprestados das paróquias vizinhas, como Lamela, Dornelas e Merça. Por agora, os nossos generais som modestos, ainda nom temos adornos para os cavalos como os de muitos outros sítios. A particularidade nossa quiçá seja a maneira de entoar as arengas, que tenhem um ritmo distinto ao do resto das zonas.

Para além do Alto dos Generais, fazedes outras atividades relacionadas com o Entruido?
Sim, estamos sacando também adiante um Alto infantil em colaboraçom com o Colégio Público da Bandeira, ainda que este ano nom contemos com a sua ajuda por nom realizarem eles horas de atividades extraescolares em sinal de protesto polas políticas da Conselharia. Ademais, levamos promovendo umha "velhada" o dia antes do desfile, com filhoas, chouriço e vinho. Também temos tido um frade cornado, mas o que o fazia cansou e agora nom conseguimos substituto. Por último, estamos recuperando os cabeçudos, e pugemos em marcha um obradoiro para fazê-los.

A DENÚNCIA

Manuel Gulías gozava de impunidade graças aos seus contactos na cúpula do SVA na Galiza

Desmantelam organizaçom contrabandista denunciada polo NOVAS DA GALIZA em 2006

A PRESSOM DA UNIOM EUROPEIA ACABOU COM A IMPUNIDADE DA MAIOR REDE TABAQUEIRA DO CONTINENTE

Os meios de comunicaçom estatais ecoavam no passado mês de janeiro o desmantelamento de umha das organizaçons de contrabando de tabaco mais importantes do continente. A operaçom judicial concluiu com a detençom em Madrid do empresário galego Manuel Gulías, cujas atividades ilegais foram denunciadas por esta publicaçom há já seis anos. A pressom da UE acabou com a impunidade que lhe outorgavam as suas conexons com o Serviço de Vigiláncia Aduaneira.

SALVADOR ROSA / Em janeiro de 2006 o NOVAS DA GALIZA denunciava a impunidade com que operava desde há décadas a organizaçom de tráfico ilegal de tabaco liderada polo empresário galego Manuel Gulías -alcunhado o *Barbas* e natural de Silheda- devido aos seus contactos na cúpula do SVA na Galiza. Seis anos depois, produziu-se o desmantelamento da rede com a detençom de 19 pessoas. A investigaçom ainda está a desemaranhar as numerosas ramificaçons internacionais da estrutura criminal à qual também foi bloqueada mais de meia centena de contas bancárias.

A queda deste capo do contrabando tanto tempo depois explica-se pola pressom exercida pola Oficina Europeia de Luita contra a Fraude (OLAF), consciente de que a sua organizaçom estava a evadir milhons de euros em impostos. Som-lhe imputados delitos de pertença a umha organizaçom de lavagem de dinheiro, contra a fazenda pública, a propriedade industrial e a saúde pública e falsidade documental.

A operaçom 'Algarrobo' foi dirigida polo titular do Julgado de Instruçom número 2 de Santiago, José Antonio Vázquez Taín, conhecido como o *Garzón galego*, quem foi denunciado nesta publicaçom por utilizar métodos irregulares para conseguir maior reconhecimento profissional.

Segundo o relato oficial, a batida policial pujo fim a 20 anos de atividade criminal da maior organizaçom tabaqueira que operava no continente e que movia uns 30 milhons de euros anuais. A intervençom da Agência Tributária teria-se iniciado após ter sido detetado no porto de Málaga um contentor suspeito proveniente de Dubai. O carregamento foi seguido até umha nave industrial de Griñón, em Madrid, onde fôrom arrestadas as nove pessoas. As 10 detençons restantes, incluída a do principal dirigente, produzíromse em Santiago, Silheda (3), Vigo, Madrid (4) e na localidade toledana de Seseña. Entre as pessoas presas figuram dous aduaneiros.

NOVAS DA GALIZA

"A crítica à globalizaçom ou a posiçom quanto ao que acontece na Venezuela som hoje critérios necessários para estabelecermos o que é esquerda"

Rede galega lidera contrabando de tabaco destinado à Europa

Luzes e sombras da reforma estatutária

Galiza venderá ainda mais armas ao Exército espanhol

Também foi arrestado tabaco por valor de quatro milhons de euros e fôrom confiscados preventivamente mais de 60 imóveis e vários carros de gama alta. A operaçom judicial também teria abortado o novo sistema de introduçom de caixas de tabaco de fabricaçom italiana que ensaiavam.

Ligaçons com a Camorra?

Estas conexons italianas da organizaçom galega estariam a fazer suspeitar as autoridades europeias em relaçom a umha possível relaçom com as máfias do país transalpino. Nom há que esquecer que os mecanismos de lavagem de dinheiro proveniente do contrabando estám sob o controlo da Camorra napolitana e da Sacra Corona Unita (SCU).

As possíveis relaçons também se recolhem na investigaçom do conhecido sumário *Montecristo* com base no qual fôrom julgados vários capos da Camorra e da SCU por lavarem dinheiro do contrabando, onde se assinala que no negócio operam espanhóis, franceses e suíços.

> As conexons italianas figérom suspeitar a UE de relaçons com a máfia napolitana

Investigado, nunca processado

As informaçons sobre Gulías publicadas no número 37 do NOVAS DA GALIZA fôrom incorporadas há tempo ao processo judicial aberto após a denúncia apresentada contra este jornal por revelar outro caso de colaboraçom de funcionários do SVA com atividades ilegais. Esse trabalho de investigaçom sobre a rede de contrabando agora desmantelada incluía dados do relatório elaborado por membros do próprio Serviço em 2000 no qual eram detalhadas as atividades da organizaçom de Gulías e que fora entregue à direçom. Ato seguido daria começo umha guerra suja interna que acabou com a purga dos agentes que decidiram investigar o grupo.

> A imprensa reconheceu que as autoridades tinham constáncia da atividade de Gulias

Nalguns meios de comunicaçom aludiu-se a que Gulías se dedicava ao 'choio do fume' desde os anos 80, mas que ainda que fosse investigado pola suspeita de que liderava a introduçom de tabaco de contrabando em Inglaterra, "nunca chegou a ser processado".

O de Silheda deu os seus primeiros passos no negócio ao pouco tempo de transferir a sua residência para Andorra, quando dá conta do rentável que seria vender tabaco andorrano no Estado espanhol. Depressa desenvolveu umha estrutura capaz de realizar grandes operaçons de contrabando e em finais dos anos 90 já contava com umha das organizaçons mais potentes da Europa. Mantinha contactos com as máfias internacionais e convertera-se num dos principais clientes das redes italianas, russas e asiáticas.

Fabricava e distribuia

As autoridades tornárom público que o grupo controla polo menos duas fábricas de cigarros de umha das marcas confiscadas, umha em Itália e outra na Coreia do Sul. Ao que parece, teriam introduzido no mercado europeu tanto produto original como falsificado, este último proveniente do país asiático e elaborado com substáncias proibidas pola sua alta perigosidade para a saúde.

Ao mesmo tempo, tal e como recolheu o NOVAS em janeiro de 2006, a organizaçom utilizava o porto de Las Palmas para introduzir na Península as marcas mais vendidas do mercado (principalmente com destino à Galiza e Portugal) aproveitando a baixa fiscalidade canária com o tabaco.

O último sistema ideado conjuntamente com os seus sócios italianos consistia em fazer sair legalmente da Europa grandes quantidades de caixas em tránsito para um porto dos Emiratos Árabes e devolvê-las com os mesmos precintos legais sem pagar tarifas alfandegárias, o que implica umha fraude difícil de detetar depois de a mercadoria ter entrado nos canais de distribuiçom, porque os selos nom som falsos.

Contrabando e crise

Nos últimos anos tem-se detetado um incremento do contrabando de tabaco que os especialistas atribuem aos efeitos da crise económica e à elevada pressom fiscal sobre este produto. Ademais, as sançons por este tipo de delitos som mais leves que as derivadas do narcotráfico e o ganho que se obtém é mui elevado. De facto, calcula-se que esta atividade ilegal gera no conjunto da UE umhas perdas de 6.000 milhons de euros e que mais de metade dos cigarros que se consomem no continente som ilegais. A rede galega moveria aproximadamente 10% desta fraude a grande escala.

Desmantelamento

A organizaçom fica agora desmantelada, segundo os dados oficiais: a estrutura dirigente, os encarregados das negociaçons, os responsáveis de ocultar o tabaco, assim como os transportistas e distribuidores. Entre os numerosos registos praticados encontram-se as sedes de cinco empresas de transporte, umha delas situada na capital galega, que a rede utilizava para a sua atividade delituosa, tal e como se detalhava na reportagem central do número 37 do NOVAS DA GALIZA. A plataforma de distribuiçom da rede tabaqueira incluía também vários empregados de empresas de transporte que os assessoravam sobre a melhor forma de evitar os controlos aduaneiros.

CULTURA

Sobre o financiamento por parte do público: "é recíproco: a gente pom toda a sua força, e a nós vai-se-nos carregando a bateria"

ENTREVISTA A ANTÓN VARELA, GAITEIRO D'OS CEMPÉS

"Receber a força toda da gente é mui ilusionante: ajuda a carregar as baterias"

A.R. GARCIA / Depois de quatro anos afastados dos palcos, Os Cempés vam voltar gravar um disco. Faram-no com a colaboraçom do estudantado da Escola Livre de Música Popular, no vinte aniversário da sua primeira atuaçom. Aliás, desta volta contam com o apoio de centos de pessoas que financiárom a produçom do disco, através de umha web. Em quatro dias juntárom os cinco mil e pico euros que precisavam, e nas próximas semanas ultrapassárom esse dinheiro com muito. "Foi alucinante", conta para o Novas da Galiza Antón Varela, gaiteiro da banda desde os seus começos, quem assinala o acordeonista e sanfonista Óscar Fernández como responsável por voltar-lhes dar ilusom: "o mérito todo é dele, porque está a trabalhar desde as gravaçons aos arranjos, de modo incrível".

Em maio haverá novo disco d'Os Cempés, com 11 temas novos, financiado a partir de um processo que ultimamente está muito na moda no panorama musical galego, apesar do nome impronunciável: o crowfunding, quer dizer, solicitar apoio ao público através de diversas plataformas na Rede que mostram diversos projetos artísticos. Os Cempés acudírom à catalana Werkami, e em poucos dias tivérom mais dinheiro do que aguardavam. Os participantes figérom contribuiçons que vam dos 5 ao 1.200 euros. Neste último caso, os doadores vam gozar de um concerto privado do grupo, assim como de oito quilos de percebes cozinhados polos seus membros, e 30 CDs assinados, entre outros presentes.

Voltais aos palcos depois de quatro anos. Que vos fijo parar naquela altura e que vos fai voltar agora?
Daquela paramos porque já nom tínhamos por diante um projeto que desenvolver. Nom é que acabássemos umha etapa, já que penso que nom há que queimar as fases, mas tínhamos um pouco perdida a ilusom, e entom pensamos que estava bem parar. Óscar Fernández (acordeom e sanfona), tinha outros projetos, e vontade de ir por outros lados. Passou o tempo, e agora graças à Associaçom Cultural Anchoa de Fisterra, que nos enleárom para tocar, arranjamos um repertório e voltamos juntar-nos. E daí saiu isto: nom foi nada forçado nem meditado.

E que figestes neste tempo?
Nengum de nós se afastou do artístico, ainda que nom figemos nada tam intenso como no que andamos agora. Eu, por exemplo, voltei fazer música tradicional com Berros do Castro, porque quando todo o demais se desmonta, se és gaiteiro, tocas. Óscar por exemplo, estivo noutros projetos como Bonovo. Mas, agora mesmo estamos metidos num projeto mui formoso, que tira de todos nós, e sois vós os que o fazeis interessante.

Como se vos ocorreu a ideia de pedir a colaboraçom do público para gravar o vosso novo trabalho.
Foi Óscar Fernández quem o sugeriu. Eu nom sabia desta web -a página catalana Verkami-, nem deste sistema de financiamento. Pareciame bastante difícil que alguém pagasse antes de ver o produto. Tínhamos certa ilusom de como havia responder a gente, mas a reaçom foi exagerada! O primeiro fim de semana que estivo colgado o projeto, nem pudemos entrar na página da de gente que estava a participar. E este sistema é recíproco: a gente pom toda a sua força, e a nós vai-se-nos carregando a bateria. É um rolho mui ilusionante.

> "Do nosso primeiro disco vendêrom-se cinco mil cópias"

Aliás, contais com o apoio dos músicos da Escola Livre de Música Popular Galega (ELMPG) como convidados especiais.
A ideia também foi de Óscar, que é professor na Escola Livre da MPG, e ocorreu-se-lhe meter no programa deste curso a gravaçom do disco. Vai ser um trabalho mui bonito: só polo feito de ter por volta de umhas trinta pessoas a tocar e a gravar, com muita ilusom. Para além disso, isto é bom para os dous lados: para nós e para os alunos da Escola. Ainda que nom haja um salto geracional mui grande, todos estamos a aprender.

Porque achais que se deu esta resposta por parte do público? Sempre se falou dos Cempés como um grupo que fai dançar, que coneta com a gente...
Começamos após umha desgraça, a morte de Carlos Zaera, o primeiro gaiteiro dos Cempés. E desse primeiro disco, *¡¡Opa iii!!* (1995) -nomeado em parte em homenagem a Carlos-, gravado em bares e pubs, vendêrom-se cinco mil cópias na Galiza. Se transferíssemos estas cifras ao Estado, seria disco de platino. Foi um fenómeno estranho, umha autêntica barbaridade, e o mérito é da gente, do bem que se sentia com a nossa música. Penso que o "causante" de manter umha boa relaçom com o público é Serxio Ces, o nosso cantante. Quando ele sai ao palco, é como quem destapa umha caixa de petardos: nom sabes o que vai acontecer. Ele tira da metade do espetáculo, pola sua forma de ser, a sua capacidade de se relacionar, de conetar com o público. Aliás, nunca ensaia: tem frescura, e fai mover à gente, sentir os temas... Penso que chegamos ao público a partir deste trabalho nos palcos.

> "Tornamo-nos um pouco mais folquis, no termo tradicional"

Com o disco a piques da sair, prepara-se gira para o verao?
Temos que trabalhar ainda no repertório ajeitado: temas dos novos e dos velhos, um pouco de todo, como se fijo sempre. Algumhas vezes temos tocado primeiro, e depois gravado, como os grandes -com *Moe a Moa, (2003)*-, e saiunos o nosso disco mais roqueiro, com baixo, bateria e guitarra. Mas agora esse fundo desapareceu, e os de atrás mudárom: está Ramón Dopico, Fernando Barroso e Pablo Dalama. Tornamo-nos um pouco mais *folquis,* no termo mais tradicional, mas ainda que nom haja baixo, guitarra e bateria, também vai ser um disco potente.

Voltam Os Resentidos para celebrarem o seu 30 aniversário

OURENSE ACOLHERÁ O RETORNO DE UMHA BANDA MÍTICA

Os Resentidos voltarám tocar juntos. Será no próximo 12 de maio no recinto de Expourense, justo ao se cumprirem 30 anos da sua formaçom.

O concerto, que levará por título *A tribo toda baila* -um verso de Música feliz, um dos temas do seu álbum de despedida, *Están aquí (1993)*- está impulsado por Fankani Producións e patrocinado polo Concelho de Ourense, e nele vam participar três dos quatro membros da formaçom dos Resentidos banda. Faltam Alberto Torrado -quem ainda está por convencer, segundo indicou Antón Reixa aos meios de comunicaçom-, e Xavier Devesa, quem se incorporou à banda após o êxito de Galicia caníbal (1986). As entradas serám vendidas a 6 euros, antes do 1 de abril, e os encarregados de abrir o concerto serám O Sonoro Maxín e Novedades Carminha. Também vam estar membros doutras formaçons já míticas, e outras bandas atuais que preparam o lançamento do disco homenagem aos pais do rock em galego, do qual já falamos no Novas da Galiza nº106, numha entrevista a um dos seus promotores, Miguel Mosqueira, guitarra de Ataque Escampe.

Assembleia do BNG aprova emendas reintegracionistas

Três emendas apresentadas por membros da AGAL (Associaçom Galega da Língua) fôrom aprovadas durante a XIII Assembleia Nacional do Bloco Nacionalista Galego (BNG), que decorreu em Compostela entre o 28 e o 29 de janeiro.

Durante o processo assemblear do BNG, fôrom aprovadas três emendas de marcado caráter reintegracionista, apresentadas por membros da AGAL (Associaçom Galega da Língua), que fam parte do texto oficial aprovado polo máximo órgao da formaçom nacionalista.

Umha das emendas aprovadas refere-se ao uso da língua na Uniom Europeia, acrescentando ao documento original da tese política, que afirmava que a atual arquitetura comunitária "mesmo é contrária à utilizaçom da nossa língua como oficial no âmbito das diferentes instituições comunitárias", o texto: "No entanto, ao formarem parte o galego e o português do mesmo sistema linguístico, a nossa língua pode ser usada oralmente e por escrito em qualquer instância europeia. Esta possibilidade de uso oral e escrito será sempre prioritária para os e as nossas eurodeputadas". Esta emenda foi apresentada no plenário da assembleia por Néstor Rego, exresponsável do BNG de Compostela, e por Bieito Lobeira, em nome da comissom relatora da tese, vindicando ambos os dous unidade linguística galego-portuguesa como umha "visom coerente" com os postulados que historicamente defendeu o nacionalismo galego.

A seguinte emenda aceite é um novo ponto na seçom da tese referida à normalizaçom linguística que afirma que "o BNG defenderá a promoçom, publicidade e difusom de toda a produçom escrita em galego sem as restriçons e discriminaçons ortográficas atuais, tanto a nível nacional como nos ámbitos locais".

Finalmente, a comissom relatora também aceitou umha emenda de compromisso sobre duas propostas complementares para acrescentar ao documento político do BNG o texto: "Elaboraçons concretas no terreno cultural, educativo e social que reforcem o conhecimento mútuo e as relaçons com a lusofonia, e que evidenciem a potencialidade e projeçom internacional do nosso idioma com o objetivo de o prestigiar na nossa sociedade. Nesta estratégia promoveremos a participaçom da Galiza como membro de pleno direito na Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), defendendo o fortalecimento das relaçons culturais com Portugal, Brasil e os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP)".

No ato de encerramento da assembleia participou umha delegaçom da AGAL, assim como também delegaçons de outras entidades do ámbito cultural e linguístico, como a Mesa pola Normalizaçom ou a Associaçom de Escritores em Língua Galega, entre outras.

Protestos ante o inesperado fecho do Museu Etnográfico Liste de Vigo

Após o encerramento do Centro de Artesanato Tradicional no passado verao, o Concelho de Vigo continua a fechar centros culturais na cidade. Desta volta foi encerrado o Museu Etnográfico Liste, que tinha contraída umha divida gerada pola má gestom dos responsáveis municipais.

A.R.G. / Depois de que o Concelho de Vigo fechasse o Centro de Artesanato Tradicional no passado verao, como contávamos no Novas da Galiza nº107, este concelho continua a protagonizar o encerramento de outros centros culturais da cidade. Desta volta foi o Museu Etnográfico Liste, que permanece fechado desde o primeiro de fevereiro. Naquela altura, a direçom do centro encontrou-se com a impossibilidade de pagar o salário do pessoal, já que tinha contraída umha dívida que nom era quem de assumir. O Concelho de Vigo prometera aos gestores do museu a quantidade de 96.000 euros como orçamento total do exercício, porém, no final apenas fôrom entregues 6.000 euros, tal e como finalmente se refletiu nos orçamentos de 2011. Os gestores do centro tinham pedido um empréstimo para cobrir a primeira quantidade prometida, os 96.000 euros, mas finalmente nom fôrom capazes de devolvê-lo.

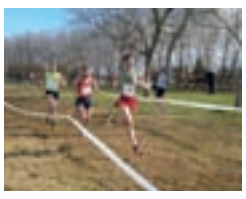
No passado 7 de fevereiro, pais, maes e estudantado do Colégio Altamar fazia umha cadeia humana, arredor do centro, para denunciar o desinteresse dos gestores municipais. Também se ouviu a voz de outras entidades do ámbito cultural viguês, como a Fundaçom Penzol, a Fundaçom Laxeiro ou o Instituto de Estudos Vigueses, que reclamárom, através da imprensa, a recuperaçom do projeto. Por sua parte, o presidente do Concelho de Vigo, Abel Caballero, anunciava no passado 31 de janeiro que estava a tramitar umha partida de 40.000 euros com que pretende permitir a reabertura do centro.

Um autor italiano prepara umha banda desenhada sobre o pai dos matraquilhos

A.R.G. / O debuxante italiano Alessio Spataro prepara a novela gráfica *Biliardino*, baseada na vida de Alejandro Campos, conhecido como Alejandro Finisterre, criador da versom atual do matraquilhos ou futebolim. Campos, quem nasceu em Fisterra em 1919, medrando na Corunha, tivo umha vida mui aventureira, que começou sendo bailarino de sapateado no elenco de Celia Gámez. Durante a Guerra Civil foi ferido, e posteriormente exilou-se a Guatemala e México, onde trabalhou como editor, e finalmente retornou ao Estado Espanhol, trabalhando como testamenteiro de León Felipe. Morreu em Zamora em 2007, baixo o nome Alejandro Finisterre. Alexandre de Fisterra foi o nome que lhe pugérom Os Diplomatas de Montealto no seu conhecido tema *Oda ao futbolín*. De facto, o seu cantor, Xurxo Souto, foi entrevistado por Spataro para a realizaçom deste trabalho, já que conheceu em pessoa a Finisterre. A novela gráfica de Spataro será publicada em 2013.

DESPORTOS

MAGNÍFICO NÍVEL NO GALEGO DE CROSS



No exigente circuito do Monte do Gozo vencérom Solange Pereira e Manuel Penas (categoria absoluta), Sandra Mosquera e Uxío Abuín (promessas) e Jenny Fernández e Carlos Porto (júnior). O I Cross de Compostela contou com boa assistência nas categorias de base.

FUTEBOL E REVOLUÇOM NO EGITO

Após a morte de 74 pessoas num jogo futebol, siareiros e siareiras manifestárom-se exigindo responsabilidades à polícia. O coletivo manifestante iniciou a segunda fase da Revoluçom Egípcia, pedindo o fim do poder da Junta Militar e novas eleiçons presidenciais.

Corre, corre, que vem o merdeiro... com a farinha na mao e o palám ergueito

XERMÁN VILUBA / Teoria do Inverno nom foi um livro que chegasse por casualidade ao primeiro estalo do Bilharda-Book Experience realizado na pista chairega de Castro Ribeiras de Lea, senom que foi o nexo de uniom entre os nossos firmes passos nos socos da desenhadora de Vila de Cruzes, Elena Ferro, e as atividades de empurre e autogestom absolutamente referenciais da Escola Semente, projeto promovido pola Gentalha do Pichel, que botou a andar em Compostela tornando-se um referente absoluto para todos e todas aquelas que pensamos que é esse o único caminho possível. Com um êxito sem precedentes, as bilhardas invadírom há umhas semanas as instalaçons do colégio público de Riba d´Eu espantando fantasmas com os paláns. As crianças oferecêrom umha demonstraçom impressionante e descomplexada igualando o nosso desporto com qualquer outra disciplina, polo que a LNB já trabalha em colaboraçom com vários centros de ensino do país na possibilidade histórica de integrar a bilharda como umha atividade regular na programaçom escolar. Estamos, pois, perante umha nova fantástica ocasiom para que o nosso desporto nacional alcance umha nova conquista social e isto nom seria possível sem contar com a espetacular equipa humana que tem a LNB e com uns rapazes e raparigas que, espalhadas por todo o país, estám fartas de atividades coloniais e famintos da autoestima que proporciona a prática bilharda. Portanto, será possível que isto se torne realidade, umha realidade que vem da decidida açom de levarmos o conflito bilhardeiro à rua em festivais, foliadas, aulas e todo o que sair. Teoria do Inverno (os presentes do Apalpador) que apresentárom na pista da LNB os Gaiteiros do Apalpador de Almuinha junto com o selecionador nacional Galego, Manolo Flores, foi adquirido por vários palanadores que nom quigérom deixar de contribuir com a Escola Semente e a sua aposta por um modo de ensinar e de aprender próprio. Mais nom é Teoria do Inverno um livro que deixe ninguém indiferente e menos se é um palanador ou palanadora da LNB, já que no artigo assinado polo ativista galego Jorge Paços titulado " O movimento galego e as tradiçons inventadas" a Liga Nacional de Bilharda é situada como um dos referentes absolutos do arredismo contemporáneo sendo equiparada com fenómemos tam potentes como a recuperaçom e posta em valor do Apalpador e do Merdeiro, referencial personagem do entrudo viguês, que estes dias da mao dos irmaos da Revolta voltará percorrer o Casco Velho berrando e violentando a gente com a sua impactante imagem de porcalhám caricaturesco e espetacular máscara para o escárnio labrego... *corre corre que vem o Merdeiro, semente bilhardeira e entrudo galego!*

> A LNB trabalha com centros de ensino para integrar a bilharda como atividade regular
>
> A recuperaçom da bilharda é um dos referentes atuais do arredismo

MUITO MAIS QUE IMPRENSA!

AUTODETERMINAÇOM

- DIREITO DE AUTODETERMINAÇOM, UM POTENCIAL DEMOCRÁTICO
- Texto de Henrique del Bosque Zapata, prologado por Uxío-Breogán Diéguez Cequiel
- Editam: Causa Galiza e A Fenda
- 8 euros (com os gastos de envio)

Breve e acessível manual sobre o direito de autodeterminaçom e a sua aplicaçom na Galiza
Versom em norma AGAL e RAG

ATLAS HISTÓRICO

- ATLAS HISTÓRICO DA GALIZA E do seu Contorno Geográfico e Cultural
- Texto de José Manuel Barbosa
- Design Gráfico e Ilustraçom de José Manuel Gonçales Ribeira
- 50 euros (gastos de envio incluídos)
- Edita: Edições da Galiza

Amplo percurso pola história da Galiza através dos diferentes mapas de cada etapa a toda a cor

O CONTO DO APALPADOR

- Textos de Lua Sende e Alexandre Miguens
- Ilustraçons de Leandro Lamas
- 15 € (gastos de envio incluídos)
- Editam: Edições da Galiza e A Fenda Editorial
- Cuidada ediçom para crianças que aborda a figura do mítico personagem natalício
- 34 páginas, 12 ilustraçons, tampas duras

Solicita-os em: encomendas@novasgz.com ou no telefone. 692 060 607

Movimento social, construçom nacional e lazer: o desporto como alternativa

O EXERCÍCIO FÍSICO GERA HÁBITOS DE VIDA SAUDÁVEL E AJUDA A FUGIR DO CONSUMISMO

JOSÉ VIANA / Nas sociedades dos países industrializados, e cada vez mais, sofremos um ritmo de vida elevado sem apenas tempo pra o lazer, e este vem definido de jeito consumista, gregário, massivo e/ou individualizador e passivo, mui contrário aos interesses das pessoas e das sociedades. *Trabalhar desde o movimento soberanista e popular neste eido é umha necessidade em que já agromam experiências significativas*. Necessário pola saúde física e mental da nossa militáncia e sectores mais achegados. Necessário por oferecer um lazer alternativo como contraponto ao imposto por este sistema opressivo que sofremos. Necessário por começar a construir umha sociedade nova com uns outros valores bem distintos à atual. E necessário também por abrir umha fenda mais pola que penetrar na sociedade e ampliar o nosso campo de açom política.

GALIZACONTRAINFO

Fora de toda dúvida estám os benefícios que tem o exercício físico (atividade física realizada de forma regular com o objectivo de melhorar a condiçom física) sobre a saúde física e mental das pessoas. O exercício físico regular proporciona benefícios e adaptaçons no organismo em todos os sistemas vitais (cardiovascular, respiratório, nervoso, ...), para além de produzir efeitos psicológicos que predisponhem a umha melhor gestom dos agentes estressantes; demonstram-se melhoras nos processos de toma de decisons e estabelecimento de objetivos, ambos mui necessários para outros ámbitos da vida; facilita a socializaçom dos indivíduos e as relaçons interpessoais, fomenta a formaçom do carácter com atitudes como o autocontrolo, vontade, disciplina e superaçom pessoal, gera hábitos de vida saudável e prevem o consumo de tabaco, álcool e outras drogas, ajuda a adotar um estilo de vida longe do consumismo, a uniformizaçom e a sedentarizaçom e diminui de forma considerável o risco de padecer enfermidades cardiovasculares.

> Criarmos referentes nos quais se poda ver refletida a gente é um estimulo

Nos cárceres, onde as condiçons de repressom e controlo social som ainda mais extremas, superando os níveis permissíveis para qualquer ser humano, grande parte dos presos políticos e muitos sociais (quase nengum dos antissociais) utilizam o exercício físico e o desporto como prática habitual que os ajuda a poderem suportar o regime penitenciário.

> Trata-se de construir umha sociedade nova com uns outros valores bem distintos

Há que diferenciar duas vias na procura da utilidade da conexom dos movimentos sociais e políticos com o desporto e o lazer alternativo. Umha primeira, a conexom com o desporto de base, a prática desde os locais sociais e associaçons, e umha outra a utilidade das e dos desportistas de elite como referências para a sociedade.

No segundo ámbito, no da utilidade do desporto como exemplo e referencialidade, a atividade do colectivo *Siareir@s Galeg@s* é admirável, entendendo que o ativismo desportivo é umha peça mais do puzzle da construçom nacional e do reconhecimento da Galiza como naçom. Com 15 anos de trabalho às suas costas pola oficialidade das nossas seleçons desportivas e o direito das e dos desportistas a competirem baixo a nossa bandeira, e a sua luita por erradicar o localismo e o desporto como negócio espetáculo, para além de apoiar as nossas selecçons nacionais em todos os desportos e as e os desportistas da Galiza (ciclistas, remeiras e remeiros, luitadoras, futebolistas...).

A utilidade política do desporto é um fator a ter em conta como condicionante da consciência nacional. Criarmos referentes desportivos galegos nos quais se poida ver reflectida a populaçom é um estimulo subjectivo importante. Assim o entendem todos os países do mundo, os que possuem estado e os que sofrem umha opressom colonial ou nacional; o caso de Espanha é paradigmático de esse uso de desporto ao serviço da política uniformadora e formaçom da sua supremacia sobre os povos que ainda nom nos liberamos dela.

Da outra via da que falava anteriormente, da conexom (escassa) dos movimentos sociais e políticos com o desporto e o lazer alternativos como expressom popular, o desporto de base e a prática desde os locais sociais e associaçons há também uns quantos exemplos em que devemos reparar com a necessidade de aprender deles e espalhar o seu exemplo.

Tanto a Agrupaçom de Montanha Augas Limpas (AMAL) como quase a totalidade dos locais sociais e associaçons culturais e ecologistas tenhem organizado roteiros por diferentes recantos do país. Com estas atividades, para além da beneficiosa atividade física e de constituir jornadas de convívio, achegamo-nos a conhecer, admirar e respeitar o nosso património paisagístico e cultural. Precursora foi a Coordenadora Galega de Roteiros (COGARRO), quem organizou quase um cento de roteiros achegando as e os participantes à memória histórica tantas vezes tergiversada e manipulada no finais do século passado e começos do presente.

Talvez o exemplo com mais sucesso desta conexom de organizaçons e movimentos sociais populares abrindo umha fenda no campo do desporto seja a Liga Nacional de Bilharda (LNB), quem tem recuperado este jogo tradicional, conseguindo em mui pouco tempo convertê-lo num referente já nom só entre os desportos e jogos tradicionais galegos, senom competindo em número de jogadoras e jogadores (e sem contar com respaldo institucional nengum) com outros desportos de mais fama e já consolidados.

A participaçom dos locais sociais soberanistas como Mádia Leva de Lugo, A Treu da Corunha, Almuinha de Marim ou Faísca de Vigo tenhem sido fundamentais para a sua consolidaçom, segundo afirmava um dos seus organizadores, Rubém Otero numha entrevista no nº 72 Novas da Galiza: "O êxito da bilharda nom se concebe sem os Centros Sociais e as associaçons").

Salientável é também a imersom no mundo da escalada do LS Faísca, que conta no próprio local com um rocódromo e que está agora a ser ampliado e que vai tornar o local social na maior sala privada de esta especialidade na Galiza. Para além disto, vai participar em diferentes atividades e organizar quase em exclusiva a mais importante delas que acontece no nosso pais como é o "Encontro de escaladoras e escaladores", que ano trás ano é realizado no Faro de Budinho polo mês de abril, exceto o ano passado que, em colaboraçom com a plataforma em defesa do Monte do Galinheiro que defende a conservaçom deste luitando contra da construçom de um parque eólico, o encontro foi trasladado de Budinho para o Galinheiro.

Umha outra experiência inovadora e com um sucesso salientável foi a organizaçom no ano passado das Olimpíadas Populares, que já está a andar de novo, por segundo ano consecutivo e com perspectivas de se perpetuar no tempo, da mao dos Movimentos e Locais sociais e serám realizadas lá polo mês de maio.

Resumindo. É, pois, umha necessidade na nossa vida militante contar com as diferentes atividades físicas e o desporto para continuarmos a trabalhar na libertaçom do jugo que nos impom a ditadura do capital em que vivemos, tanto a nível pessoal como colectivo. E compre também potenciar, resgatar e popularizar os nossos jogos tradicionais como elementos da nossa cultura e consciência colectiva nacional, assim como os desportos com umha tradiçom consolidada como som as regatas de trainhas entre outras.

TEMPOS LIVRES

CONSUMIR MENOS, VIVER MELHOR — **SÓ FAI FALTA UM GRUPO DE PESSOAS COM VONTADE PARA COMPARTILHAR**

Consumo colaborativo

XAN DURO / Se realmente queremos superar a dinámica consumista da nossa sociedade, há um conceito que fundamenta toda esta "filosofia" que, para além doutras mudanças estruturais e culturais, é preciso eliminar do nosso imaginário colectivo: a possessom. E será eliminado sendo substituído por outro: acesso.

Para satisfazer as nossas necessidades culturais, de ócio, sanitárias ou da índole que for non precisamos sempre mercar e possuir um objecto ou elemento dado. O que precisamos realmente é aceder ao serviço, uso ou beneficio que esse elemento nos reporta.

O acesso a esse serviço pode ser gratuito, recíproco, monetário... e pode ser desenvolvido em qualquer atividade que realizemos.

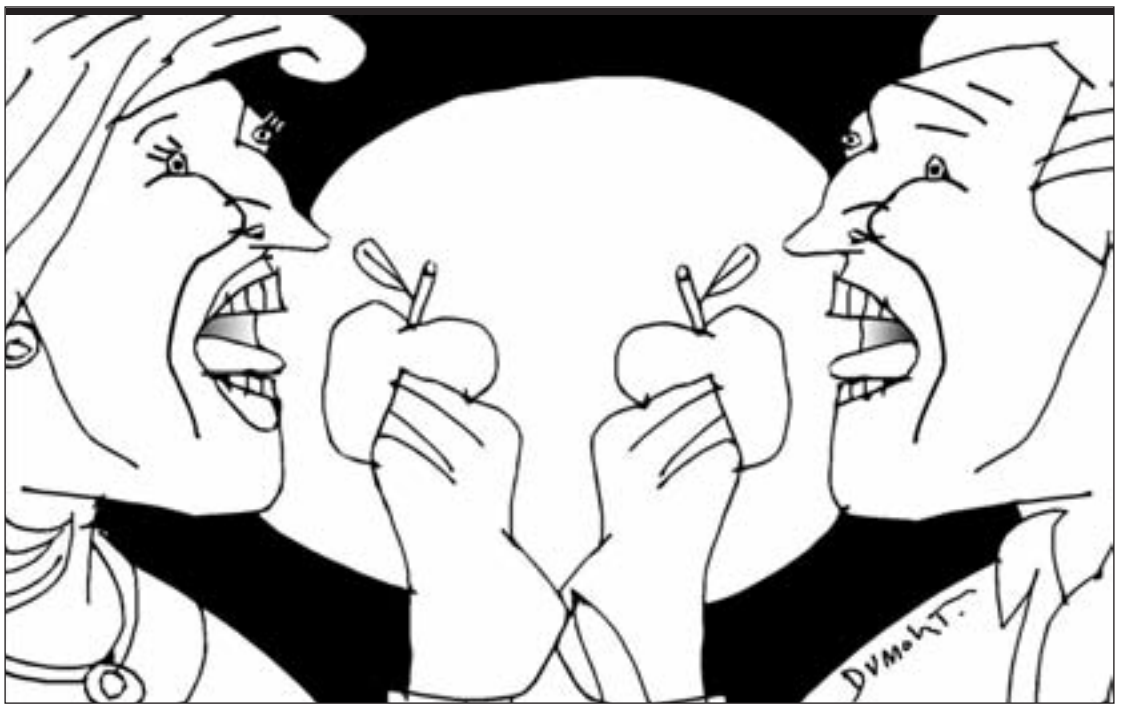
Nom é nada novo, de facto no rural galego sempre fôrom desenvolvidas práticas deste tipo, mas parece que as novas tecnologias em rede tenhem dado um importante impulso a este tipo de atividades denominadas consumo colaborativo. Mesmo a revista Times[1] a qualificou como umha das 10 ideias que vam mudar o mundo.

Em resumidas contas, trata-se de partilhar, trocar, emprestar, alugar ou oferecer mediante comunidades baseadas ou apoiadas nas tecnologias da comunicaçom.

Abrange atividades como o carro partilhado, o *coachsurfing* (ceder um lugar para dormir umha ou várias noites), as redes de troco, os bancos de tempo, hortos comunitários, as "cousatecas", as bicicletas urbanas de aluguer... mesmo ferramentas virtuais como *Spotify* ou *Ebay* acolhem no seu seio atividades de consumo colaborativo.

Certeza que cada um de nós fazemos parte de comunidades susceptíveis de desenvolverem dinámicas de consumo colaborativo. A nossa comunidade de vizinhança, centro de trabalho e estudo, bairro, colectivos de que fagamos parte...

Pensemos um momento nos nossos fogares. Há certos objetos que podem ser mui necessários ou mesmo imprescindíveis nele. Porém, muitos deles tenhem funçons mui concretas e uso esporádico, ficando a maior parte do tempo arrombados num armário. Um exemplo podem ser as ferramentas elétricas, alguns aparelhos de cozinha ou de limpeza, ferramentas de lavrança nalguns casos, etc.



Qualquer destes objetos pode ser a base da nossa rede de consumo colaborativo mediante cessom do seu uso no caso de possui-los ou comprando-os colectivamente para uso comum no caso de nom ter outro modo de acesso. O seguinte passo seria estabelecer uns critérios a respeito do uso desse objecto e umha ferramenta para gestioná-lo. Se o tamanho da nossa comunidade é relativamente grande, sem dúvida umha ferramenta virtual é a opçom mais ajeitada, baseada em software libre claro. Temos exemplos como o Banco de Tempo Fervello[2] ou o sistema de troca em comunidade[3].

O único que realmente fai falta é um grupo de pessoas com vontade e definir bem as condiçons da comunidade de consumo colaborativo assim que animai-vos a provar!

1. Insiro esta referencia por ser *Time* unha das revistas de maior difusom a nível mundial. Nom implica nengumha valorizaçom a respeito dos seus conteúdos ou ideologia: *http://www.time.com/time/specials/packages/article/0,28804,2059521_2059717,00.html*
2. *http://fervello.wadobo.com*
3. *http://www.ces.org.za/index_es.asp*

ENTRELINHAS — **UMA BIOGRAFIA DE LUÍS SOTO**

LUÍS GLES. 'FOZ' / Xurxo Martínez González acaba de oferecer-nos uma biografia de Luís Soto, da qual não posso falar mais que bem, por não dizer muito bem.

Mas que difícil é recensear um livro que nos foi oferecido, carinhosamente dedicado polo autor, bom amigo, que nos salienta na sua lista de agradecimentos, que nos cita repetidas vezes, especialmente o nosso fundo cuja consulta volta a nos agradecer!

O livro de Xurxo intitula-se *Luís Soto. A xeira pola unidade galega* e isto já nos dá uma chave sobre os eixos sob os que Xurxo edifica o seu livro, que poderíamos chamar "as três lutas de Luís Soto": a luta pola autodeterminação da Galiza, a luta polo comunismo e a luta pola unidade galega, melhor seria dizer a unidade dos Galegos. Na segunda, Xurxo chama-o repetidamente "o bolchevique" e com razão. Na terceira Luís Soto ia tão longe, que podia entrar em contradição com um seu amigo e camarada tão grande e tão querido como Celso Emílo Ferreiro que me escrevia: "Tamén che mando o manifesto do Padroado de México. Esceso de palabreiria. Esa chamada á unión dos galegos é absurda, pois de antemán sábese que non é posíbel. Cada día é mais evidente que o mundo está dividido en dous grandes sectores: os revolucionarios i os contrarrevolucionarios. Cos matices que se queira, pro non hai mais que ises dous estamentos. Os galeguistas contrarrevolucionarios son tan nemigos nosos coma os fascistas, porque iles non están defendendo unhos puntos que, aparentemente, poideran ser comús cos nosos, sinón que están ó servicio da contrarrevolución por enriba de toido e denantes que nada. Hai que convencerse desta realidade dunha puñetera vez. Piñeiro, o metafísico, e Paco del Miedo[1], o burro mecánico, prefiren cen veces unha Galicia franquista, que unha Galicia socialista ou revolucionaria. Iles, i

os seus amigos, non están loitando pola liberación da Terra, sinon que están actuando, aberta e crara-mente, porque a liberación de Galicia non sexa revolucionaria. Son simplementes anticomunistas da democraCIA oligárquica...".

E não é que Soto não concordasse com Celso, estavam bem de acordo, ainda que Celso estava particularmente doído pola sua experiência com os *ananos*, tanto com os que viviam na Galiza como os que o faziam em Venezuela.

Enquanto à primeira e a segunda luta de Luís Soto o seu resultado é a sua luta constante pola criação de um partido comunista galego. Esta luta começa com a sua temperá incorporação ao partido comunista de Espanha e foi partilhada por aquele Benigno Álvarez que no IV congresso do PCE se negou a falar em espanhol, um convidado do PC português foi o seu tradutor. O assassinato de Benigno Álvarez privaria Luís Soto de um grande valedor. Contudo Soto conseguiu a criação de uma comissão galega no seio do PCE, que editava um boletim na nossa língua. Seria apoiado por José Díaz e Pedro Checa, desaparecidos ambos as correntes centralistas acabaria por triunfar no PCE.

Todo isto e muito mais conta-o Xurxo com o rigor historiográfico que conhecemos os que sabemos algo do seu trabalho e que nos tem impacientes a aguardar o remate da sua tese sobre o jornal protonacionalista *La Oliva*.

Para que se não diga que nos cega a amizade denunciaremos um erro que achamos no seu excelente trabalho: grande foi a nossa surpresa ao lermos "un exiliado en Gaillard, Francia: Luís Foz". Exilado na França, sim, mas o nome de Gaillard era-nos perfeitamente desconhecido. A culpa, porém não era de Xurxo, revisei o arquivo e achei uma carta de Luís Soto dirigida a esse lugar mas esse endereço, facilitado a Luís Soto no interior era apenas uma "morada", nem sequer minha mas dos companheiros da Suíça que me transmitiram a carta. Estas "moradas" falsas utilizavam-se -mesmo no exterior- para despistar os serviços policiais franceses, ou espanhóis que também atuavam na França.

1. Refere-se a Francisco Fdez. del Riego.

MARTÍNEZ GONZÁLEZ, Xurxo.
Luís Soto. A xeira pola unidade galega.
Xerais, Vigo, 2011.

QUE FAZER

16.02.2012 / JANTAR IMPOPULAR / 14:00 / OBRADOIRO DE HORTAS / 16:00 no C.S.O. Palavea (Rua Rio Quintas, 29). CORUNHA
Todas as quintas-feiras.

16.02.2012 / JUNTANÇA DA COMUNIDADE EDUCATIVA / 17:00 na Praça do Obradoiro. COMPOSTELA
Convoca a Comissom em Defesa do Ensino Público, promovida por um grupo de professores do IES de Melide.

16.02.2012 / CURSO DE GALEGO / 18:30 no C.S. Bou Eva (Rua Terço de Fora, 11). VIGO
Todas as quintas-feiras. Inscriçom em *acboueva@gmail.com*.

16.02.2012 / DOCU-CHARLA PERMACULTURAL / 20:30 na Cova dos Ratos (Rua Romil, 3). VIGO

16.02.2012 / PROJEÇOM DE *DA SERVIDUME MODERNA*, DE JEAN-FRANÇOIS BRIERT / 21:30 no C.S. Vagalume (Rua Nóreas, 5). LUGO

17.02.2012 / CEIA VEGAN / 21:30 no C.S. Vagalume. LUGO
Todas as sextas-feiras.

18.02.2012 / TRABALHO NA HORTA COLETIVA / 11:00 no C.S.O. Bairro do Cura (Asilo - Bairro do Cura). VIGO
Todos os sábados.

18.02.2012 / OBRADOIRO DE TEATRO E CONCERTO DE VERSO LIBRE / 16:00 no C.S.O. Palavea. CORUNHA
O obradoiro, todos os sábados.

18.02.2012 / APRESENTAÇOM DO LIVRO *DIÁSPORA*, DE MARIA N. SOUTELO / 18:30 na Biblioteca Ángelo Casal (Rua Joám XXIII, s/n). COMPOSTELA

18.02.2012 / PROJEÇOM DO DOCUMENTÁRIO *AINDA HÁ PASTORES?*, DE JORGE PELICANO E INAUGURAÇOM DA MOSTRA *O RURAL PORTUGUÊS EM IMAGENS*, DE PEPE BUIZA / 19:00 no Centro Cultural (Rua Bechos, s/n). GUARDA
Organiza a A.C. A Velha na Horta. A mostra fica aberta até o dia 2 de março.

19.02.2012 / OBRADOIRO DE COZINHA VEGAN / 11:00 na Cova dos Ratos. VIGO

19.02.2012 / CICLO DE CINEMA DE ANIMAÇOM / 21:30 no C.S. Vagalume. LUGO

20.02.2012 / OBRADOIRO DE IOGA / 19:30 / ASSEMBLEIA ABERTA / 20:30 no C.S.O. Palavea. CORUNHA
Todas as segundas-feiras.

O MERDEIRO VOLTA A VIGO

Entruido gastronómico, disfarces e saída de comparsas no Pichel, no Fresco e na Revolta

Os centros sociais preparam o mês do entruido programando diferentes atividades em fevereiro.
A Gentalha do Pichel prepara um cozido para o dia 18 de fevereiro no seu centro social (Rua Santa Clara, 21), em Compostela. A cita é às 14:00 (custa 12 euros para sócios e sócias e 15 para o resto), para depois saírem polas ruas da cidade velha com a comparsa da associaçom, desde as 18:00.
Por sua vez, o C.S.A. O Fresco de Ponte Areias (Bairro da Ponte, 9) organiza, na mesma jornada, um concurso de orelhas e filhós às 18:30, com um prémio surpresa. Depois haverá umha ceia à que cumpre ir com disfarce. Estas atividades coincidem com o VI aniversário do centro social.
Já em Vigo, o Merdeiro (personagem tradicional do entruido da cidade) volta às ruas da Cidade Velha. Será na tarde do dia 17 e durante toda a jornada nos dias 19 e 21 de fevereiro. No domingo 19 o C.S. A Revolta (Rua Real, 32) organiza um jantar às 14:00 para os amigos e amigas do Merdeiro.

FESTIVAL DE CINEMA FEITO POR MULHERES

O Mufest começa no dia 22

O coletivo feminista Andaina convoca, do dia 22 ao 25 de fevereiro, o III Mufest, Festival de cinema feito por mulheres. As projeçons vam-se celebrar no CGAC (Rua Valle Inclán, s/n), em Compostela, a partir das 19:30. Há prémios para as categorias de Ficçom, Documentário e Animaçom, e umha Mençom Especial para a Melhor Obra Original em Galego. Os filmes seleccionados e o programa detalhado podem-se consultar na página web de Andaina: *http://www.andainamulleres.org/*.

O FACHO

Concurso de contos de crianças

A Associaçom Cultural O Facho convoca o Concurso Literário Carlos Casares, dirigido a meninhos e meninhas de de 6 a 12 anos, na categoria A, e de 13 a 16 na B. O prazo de admissom de trabalhos, que devem ser originais, finaliza no dia 31 de março, e deverám-se enviar por correio eletrónico ou postal à entidade organizadora. Há mais informaçom das bases na página web: *http://agal-gz.org/blogues/index.php/ofacho/*.

21.02.2012 / OBRADOIRO DE DEFESA PESSOAL / OBRADOIRO DE BARRO / 17:00 no C.S.O. Palavea. CORUNHA
Todas as terças-feiras.

19.02.2012 / OBRADOIRO DE SABOM COM AZEITE RECICLADO / 20:00 na Cova dos Ratos. VIGO

22.02.2012 / OBRADOIRO DE ARTES PLÁSTICAS / 17:00 / OBRADOIRO DE DEFESA PESSOAL / 20:00 / OBRADOIRO DE MÚSICA / 20:30 no C.S.O. Palavea. CORUNHA
Todas as quartas-feiras.

22.02.2012 / OBRADOIRO DE SERIGRAFIA / 20:00 no C.S. Vagalume (Rua Nóreas, 5). LUGO
Também na quarta-feira, dia 29.

22.02.2012 / PROJEÇOM DE *OS EXILADOS*, DE KENT MACKENZIE, E *RELÓGIO DE AREIA*, DE HAILE GERIMA / 21:30 no C.S. O Pichel (Rua Santa Clara, 21). COMPOSTELA
Organiza o Cineclube de Compostela. VOSG e VO, respetivamente.

23.02.2012 / MOBILIZAÇONS CONTRA A LEI DE MEDIDAS DO EMPREGO PÚBLICO / 19:00 nas sete cidades galegas
Convoca CIG-Ensino.

23.02.2012 / PROJEÇOM DE *THE ZEITGEIST*, DE PETER JOSEPH / 21:30 no C.S. Vagalume. LUGO

24.02.2012 / APRESENTAÇOM DO NOVO DISCO DE ESQUÍOS / 23:00 no Bar 2 de Mayo (Sam Cibrao, 28 - Aldám). CANGAS
Entrada: 3 euros; 6 com CD.

24.02.2012 / CONCERTO DE BITXOBOLA E FOLKOHOLICOS / À noite no C.S.O. Palavea. CORUNHA
Todas as terças-feiras.

25.02.2012 / FESTA III ANIVERSÁRIO / 13:00 no C.S. Vagalume. LUGO

25.02.2012 / PALESTRAS E MESA REDONDA SOBRE ENERGIA EÓLICA / 17:00 no Auditório Municipal do Areal (Rua Areal, 46). VIGO
Palestras (de 17:00 a 20:00) de Emilio Menéndez, Damián Copena, Xosé Veiras, Mariano Tomás, Iván Novoa e Paula Vidal. Mesa redonda conjunta de 20:00 a 21:00. Organiza a Plataforma pola Proteçom da Serra do Galinheiro.

25.02.2012 / CONCERTO DE DE FE CAOS, COMANDO ROBALIZA E XERACIÓN PERDIDA / À noite no C.S.O. Palavea. CORUNHA

28.02.2012 / NOITE POÉTICA / 21:30 no C.S. Vagalume. LUGO

29.02.2012 / PROJEÇOM DE *LONDRES*, DE PATRICK KEILLER / 21:30 no C.S. O Pichel. COMPOSTELA
Organiza o Cineclube de Compostela. Apresenta Iván Villarmea. VOSG.

01.03.2012 / PROJEÇOM DE *DA SERVIDUME MODERNA*, DE JEAN-FRANÇOIS BRIERT / 21:00 no Enigma Café Bar (Rua Real, 27). PONTE AREIAS
Organiza o Ateneu Libertário Lume Negro.

02.03.2012 / APRESENTAÇOM DE *CONTOS ESTRANHOS Nº1* E CEIA ANOS 20 / 20:30 no C.S. O Pichel. COMPOSTELA
Dedicada à figura de H.P. Lovecraft. Inscriçom no endereço *contosestranhos@gmail.com*.

04.03.2012 / OBRADOIRO DE LAR ECO-DIY / 11:00 na Cova dos Ratos. VIGO
Para aprender a fazer produtos de limpeza na casa.

07.03.2012 / PROJEÇOM DE *DAMMI I COLORI*, DE ANRI SALA, *A RUA*, DE JOAN COLOM, E *NOTICIEIROS DE GRAVITY HILL 1-5*, DE JEM COHEN / 21:30 no C.S. O Pichel. COMPOSTELA
Organiza o Cineclube de Compostela. VOSG, VO e VO, respetivamente.

08.03.2012 / DIA DA MULHER TRABALHADORA
Mobilizaçons pendentes de confirmaçom em diferentes localidades.

09 e 10.03.2012 / 4º ANIVERSÁRIO DE ATURUXO / C.S. Aturuxo (Rua Principal, 118). BOIRO
No sábado, concerto de Dios Ke Te Krew e Iván DZ. Mais informaçom do programa na web *http://aturuxa.blogspot.com/*.

14.03.2012 / PROJEÇOM DE *SE TOCAM A UM*, DE TRAVIS WILKERSON / 21:30 no C.S. O Pichel. COMPOSTELA
Organiza o Cineclube de Compostela. VOSG.

ENVIA CONVOCATÓRIAS ao correio agenda@novasgz.com antes do dia 12 de cada mês. Anuncia os teus atos no NOVAS DA GALIZA.

NOVAS DA GALIZA

Apartado 39 (15701) COMPOSTELA | Tel. 692 060 607 | info@novasgz.com

“Eu nunca me sentim espanhola”

LOLA TORREALBA, VALHECANA ATIVISTA NO CENTRO SOCIAL MÁDIA LEVA DE LUGO

O. R. / Lola recebe-nos na sua morada de Lugo. Nela, a política materializa-se numha forma de vida: passado, presente e futuro. Umha identidade e umha lógica com que funcionar no dia a dia. Um retrato da Pasionária assinado pola própria Dolores Ibárruri como presente para a sua avó luze na parede a carom dos aparelhos de lavrança castelhanos, as fotografias dos intercámbios com Cuba, ou os cartazes contra a nuclear de Jove. No seu esmerado galego com acento valhecano fala-nos de toda umha vida de implicaçom política, dos triunfos, dos fracassos e da sua percepçom do movimento galego.

Vendo a tua morada qualquer diria que a implicaçom política che vém de família…

Vém, sim. Por parte de minha mae, tivem família anarquista, ainda estamos a investigar qual podia ser o cargo de meu avô na CNT. Pola do meu pai, eram comunistas: tinha uns tios avos que estivérom na Defesa de Málaga, e meu pai foi militante do PC toda a sua vida, para além de um dos fundadores das CCOO daqueles tempos. Quando era pequena ele levava-me ao Poço do Tio Raimundo, lá em Valhecas, onde tinham encontros com o Padre Llano. Eu só sabia que esse cura era raro: tinha a fouce e o martelo e umha bandeira do Che no quarto! Foi umha pessoa mui importante para Valhecas, era militante comunista e sempre defendeu os pobres ainda que lhe custasse bem caro.

Há já mais de dous meses detivêrom duas companheiras vossas do Mádia Leva, Maria e Antom. Porém, nom é a primeira vez que te enfrentas de perto à repressom, nom?

Nom. Meu pai estivo preso em Burgos três anos por pertencer ao PC, condenaram-no nos anos 60. Conheço bem a repressom: na minha casa sempre me metêrom o de “nom podes falar com ninguém disto”: de portas para fora, meu pai trabalhava em Burgos. Lembro umha vez que o fomos ver à prisom minha mae e mais eu, metêrom-nos em quartos separados para interrogarnos sobre umha excursom à França que tinha preparado o PC para várias crianças e que tinha sido interceptada pola polícia. Eu tinha 6 anos; dérom-me um gelado e perguntárom-me com quem ia ir eu à França: “com o meu tio, com o meu tio”, dizia-lhe. Nem gelado nem nada, estávamos bem ensinadas! Tenho bom recordo daqueles anos; os presos do cárcere preparavam coros soviéticos, danças e teatros para que as crianças que íamos de visita o passáramos bem. No ano 67 voltárom prendê-lo uns meses por repartir propaganda de CCOO. Mesmo fora da cadeia, a repressom era umha constante: cada 1º de maio vinham pola casa para arrestá-lo, para além dos registros que faziam ao longo do ano. Quando marchavam eu sempre olhava debaixo das mesas a ver se deixaram microfones, penso que para mim era como um jogo.

Porém, ainda com estas experiências às costas, o de Antom e Maria resulta-me algo novo. Agora és o que eles querem que sejas, já nom podemos previr de onde vam vir os golpes. Som gente com muitíssima capacidade de trabalho e mui boas ideias; notamos muito a sua falta.

Fala-nos da tua experiência organizativa em Valhecas.

Valhecas é um bairro obreiro, com muito movimento. Como dizemos nós, “Vallekas libre, independiente, y con puerto de mar”. Antes de chegar à Galiza eu militava no PC, até que me sentim desencantada com a sua política, depois num Comité de Solidaridade com América Latina, o COSAL de Valhecas. Figemos cousas mui interessantes, como um intercámbio entre as nossas crianças e as da vila cubana de Santo António de Banhos, e quando elas vinhérom aqui, ensinamos-lhes a cara oculta do capitalismo: “e nós que pensávamos que o que nos contavam em Cuba era mentira!”, diziam quando voltavam para as suas casas. Depois fundamos o Ateneu de Valhecas, um espaço onde reivindicamos temas do bairro, a sanidade, a escola, a memória histórica, etc. Estivem em cousas diferentes, mas na realidade nunca mudei as minhas ideias. Os que se movêrom fôrom outros, porque se ficas onde estavas nom sais na foto… É difícil saber que és tu quando os que ontem se deitárom com o braço em alto hoje som chamados democratas!

Quando vés para a Galiza, militas na ANPG. Porque escolhes umha organizaçom nacionalista e nom segues na linha do PC?

Bom, eu vim no ano 76, e daquela já estava desilusionada com o PC. O meu entorno aqui era o nacionalismo, era a gente com quem eu estava à vontade. A verdade é que nunca me custou entender o independentismo: e como com Fidel, ou estás com ele ou contra ele, nom há medias tintas. E se vejo lógica e quero a independência do Saara ou da Palestina, como nom reivindicar a da Terra que me acolheu? Em Valhecas tampouco nos sentimos identificadas com o Estado espanhol, e o da “España una, grande y libre” dá-nos tanto arrepio como a vós. Eu nunca me sentim espanhola.

Agora segues associada à órbita do independentismo como ativista no Mádia Leva. Que mudanças percebeche desde o teu primeiro contato com a Galiza?

Eram outros tempos… A gente tinha mais ilusom, tinha claro o que queria construir, nom só aqui. Agora a gente está mais passiva: os partidos som uns traidores, os sindicatos também, que nos resta? Som tempos difíceis, e com o conto da “democracia” abandonou-se a rua. Há muito mais de 5 milhons de desempregadas, onde está essa gente? Somos como judeus no Holocausto, indo a que nos matem sem levantar-nos; aqui, em Valhecas, e em todas partes. O poder está controlando bem o descontentamento geral: somos como umha garrafa de gasosa, abrem-nos quando lhes convém para que perdamos o gás e outro ano mais de passividade. No caso concreto da política galega, penso que também contribuiu a este clima de descrédito a decepçom com o BNG, que eu comparo com o PC porque foi claudicando nas pequenas cousas, até se corromper como os grandes partidos aos quais criticavam. Do panorama atual de siglas galego pouco entendo, prefiro manter-me à margem porque penso que todo o mundo, ao seu jeito, tem razom. Eu vou estar com quem reivindique causas justas, e com quem esteja sofrendo na cadeia, sem mais complicaçom. Penso que deveríamos fazer um frente comum centrando-nos em cousas mui básicas, porque, como no ano 36, teremos que ganhar primeiro a guerra para depois fazer a revoluçom. A cousa está mal, ao Capital sobra-lhe gente e nós somos umha espécie em extinçom, mas ao contrário que as baleias, nom estamos protegidas.

Sabela Mourigade

A VAQUINHA POLO QUE VALE

Num bar de Compostela, às 3 da manhá. De sobrenome ilustre um, de apelido composto o outro, dous estudantes roem *cubalivres* enquanto entoam cânticos combativos em diferentes línguas: da louvança da revoluçom no Caribe ao recordo extasiado de organizaçons recentemente desaparecidas em países vizinhos, passando polo culto à bandeira vermelha em italiano etílico. Na camisola, um luze com orgulho a fouce e o martelo enquanto o outro mostra o carimbo dum organismo juvenil ilegalizado. Os punhos em alto, as veias do pescoço em relevo, as gorjas roucas e a língua a cintilar.

A carom deles umha estudante, filha de um pai que foi parar ao desemprego pouco depois de ficar viúvo, olha-os entre a risa e o desprezo: “estes levam gasto nos *cubatas* mais do que gastamos na casa em comida”, pensa enquanto pede umha cerveja debalde *de estrangis* a umha colega dela que trabalha no furancho. Os pensamentos sucedem-se: num entorno social de estética e retórica transformadora, *das de abaixo*, socializa-se à base de talonário. E quem fai umha utilizaçom mais ostentosa e impudica dos (antigos) símbolos e consignas das oprimidas é precisamente quem recebe feixes de dinheiro do seu pai opressor, ou no mínimo acomodado, para pagar a gasolina com que alimentar essa diversom consistente em prostituir símbolos alheios. “Assim *as massas* vam-se-vos achegar de caralho”.

A seguir, a moça recebe a saudaçom efusiva de um outro rapaz, também bêbedo. Vilego e castelhano-falante, filho consentido de viajante de medicina, sobre a sua camisola de raias horizontais campa um “A” maiúsculo dentro dum círculo. Nom para de repetir termos como “compa” e “okupi”. As sílabas tónicas das suas palavras som enfatizadas polos ajôujeres que penduram das suas quatro rastas. Supom-se que está em Compostela para estudar, mas na realidade ninguém se importa de que rara vez pise a faculdade. A sua interlocutora, sorriso na boca, simplesmente pratica com ele a diplomacia.

Os acontecimentos aceleram a volta à casa. A nossa rapariga renunciou a *pilhar cacho.* Impactada polo cinismo da apropriaçom do alheio e da sua deformaçom, e um pouco vítima do *efeito helicóptero,* a protagonista deste conto fuleiro só acerta a escrever no seu diário com caligrafia de bêbeda farta: *Ricos, afastai-vos da fouce, que ainda vos há de cortar as maos.*